

FOLK-LORE BRASILEIRO

ANTOS POPULARES

DO

BRASIL

COLLIGIDOS

POR

SYLVIO ROMÉRO

Segunda edição melhorada

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO | BELLO HORIZONTE
49-A, Rua Libero Badaró | Rua da Bahia, 1052





FOLK-LORE BRASILEIRO

CANTOS POPULARES

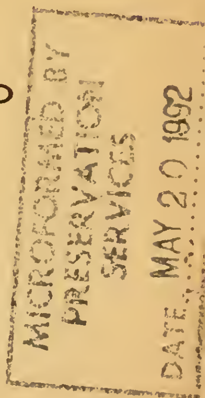
DO

BRASIL

COLLIGIDOS

POR

SYLVIO ROMÉRO



Segunda edição melhorada

LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & COMP.

RIO DE JANEIRO || S. PAULO

134 Rua do Ouvidor 134 || 9 Rua da Quitanda 9

1897

Typ. « CONFIANÇA ». Rua General Camara n. 183



INTRODUCÇÃO

Vista synthetica sobre o folk-lóre brasileiro

Um olhar lançado sobre nossa historia, não sobre a historia escripta por A. ou B., por Varnhagen ou Pereira da Silva, velhos declamadores rhetoricos, mas a historia não escripta, a tradição fluctuante e indecisa de nossas origens e ulterior desenvolvimento, um olhar ahi lançado irá descobrir, não sem alguma difficuldade, os primeiros lineamentos de nossas lendas e canções populares. Não existem documentos escriptos de taes factos; os documentos são as lendas e canções mesmas, que são agora pela primeira vez fixadas pela escripta. Quaes foram os primeiros *romances* e cantos portuguezes transplantados para o Brasil? Quaes os primeiros contos da peninsuia que passaram ás nossas plagas?

Por outro lado, quaes os primelros cantos indigenas e africanos assimilados por nossas populações mestiças; quaes os primeiros de origem puramente nacional? Impossivel é aqui responder com uma data como fazem os historiadores relatimente á morte ou ao nascimento dos reis.

As tradições populares não se demarcam pelo calendario das folhinhas; a historia não sabe do seu dia natalicio, sabe apenas das épocas de seu desenvolvimento. O que se pode assegurar è que, no primeiro seculo da colonisação, portuguezes, indios e negros, acharam-se em frente uns dos outros, e diante de uma natureza esplendida, em luta, tendo por armas o obuz, a flecha e a enxada, e por lenitivo as saudades da terra natal. O portuguez lutava, vencia e escravisava; o indio defendia-se, era vencido, fugia ou ficava captivo, o africano trabalhava, trabalhava... Todos deviam cantar, porque todos tinham saudades; o portuguez de seus lares, d'além mar, o indio de suas selvas, que ia perdendo, e o negro de suas palhoças, que nunca mais havia de ver. (1)

(1) Não esquecer que esta introducção foi publicada em 1879 na *Revista Brasileira* e plagiada mais tarde pelo Sr. Sant'Anna Nery, um singular barão que reside em Paris em seu livro *Le Folk-lore Brésilien*.

Cada um devia cantar as canções de seu paiz.

De todas ellas amalgamadas e fundidas em um só molde — a lingua portugueza, a lingua do vencedor, é que se formaram nos seculos seguintes os nossos cantos populares.

O europeu foi o concurrente mais robusto por sua cultura e o que deixou mais tradições. No seculo XVI, pois, por uma lei de evolução que dá em resultado antecederem as fórmas simples ás mais compostas, as canções e contos populares das tres raças ainda corriam desaggregados, differenciados. Nos seculos seguintes, sobretudo no XVII XVIII, é que se foram cruzando e agglutinando para integrar-se á parte, produzindo o corpo de tradições do povo brasileiro. Nós ainda hoje assistimos a este processo de integração.

No seculo XVII o facto já se ia dando e póde ser avalíado pelo estudo de Gregorio de Mattos. A critica myope de nossos rhetoricos, seja dito de passagem, fez um deste poeta renegado corrupto, sem prestimo algum.

Entretanto, Gregorio é o documento por onde podemos apreciar as primeiras modificações que a lingua portugueza soffren na America. A obra de transformações das raças entre nós ainda está mui longe de ser completa e de ter dado todos os seus resultados. Ainda existem os tres povos distinctos em face um dos outros; ainda existem brancos, indios e negros puros. Só nos seculos que se nos hão de seguir a assimilação se completará.

O que se diz das raças deve-se repetir das crenças e tradições. A extincção do trafico africano, cortando-nos um grande manancial de miserias, limitou a concurrencia preta; a extincção gradual do caboclo vae tambem concentrando a fonte india; o branco deve ficar no futuro com a prepoderancia no numero, como já a tem nas idéas. (1).

Lançando uma vista perscrutadora sobre a população brasileira para estudar a sua actualidade, abstracção feita de suas origens e á luz de idéas scientificas, sem prestar ouvidos ás nossas pretenções de grandezas, podemos dividil-a em quatro secções naturaes; os habitantes das praias e margens dos grandes rios; os habitantes das mattas, os dos sertões, os das cidades.

Os tres primeiros grupos são indicados pelas zonas em que se divide o paiz. As cidades e villas, com quanto existam igualmente nas tres regiões, os seus habitantes têm caracter especial e formam uma categoria á parte.

---

(1) Vide *Littertura Brasileira e a a Critica Moderna*, epilogo

Aquelles tres grupos, que estudaremos mais de perto, constituem um povo mesclado em escala enorme, apresentando mais diversidades de typos do que as variedades de gatos que habitam nossos telhados, para repetir a phrase de Quatrefages.

De não mui grande vivacidade intellectual, tanto que suas industrias são em estado rudimentar, é um povo sem claro objectivo politico, sem consciencia social e historica, falho de sciencia e de elevados incentivos, e, ao mesmo tempo, sem mythos e sem heróes. Se não é um povo culto, nem por isso permanece aînda *claramente e de todo* no periodo polytheico e mythologico das crenças. Está elle *exteriormente* no periodo theologico, na phase do monoteismo; mas ainda com pronunciados residuos da phase do fetichismo e do polytheismo. Nem é isto um phenomeno estranho. As populações ruraes da propria Europa são monotheicas na superficie, occultando porém profundos sedimentos do fetichismo e do polytheismo.

Os nossos homens das praias e margens dos grandes rios são dados á pesca; raro é o individuo entre elles que não tem sua pequena canôa.

Vivem de ordinario em palhoças, ora isoladas, ora formando verdadeiros aldeiamentos. São chegados a rixas, amigos da *pinga* e amantes da viola. Levam as vezes, semanas inteiras dançando e cantando em *chibas* ou *sambas*. Assim chamam-se umas funcções populares em que, ao som da viola, do pandeiro e de improvisos, ama-se, dança-se e bebe-se. Quasi todo o praeiro possue o instrumento predilecto e *canta ao desafio*. Se os lavradores visinhos mandam covidar esta gente para trabalhar nas *roças*, ella não apparece muito facilmente. Se a convida para um *chiba*, apparecem cincoenta de pancada.

Tivemos occasião de verificar o caso em uma *fazenda* da costa. Havia um hospede em casa que desejava vér um *chiba* para estudal-o; apresentou seu desejo ao dono da fazenda e este mandou chamar comparsas para a funcção. Já era por tarde quando se deram as providencias; antes, porém, de vir a noite mais de cincoenta cavalheiros e damas estavam dançando no salão! Lembramo-nos de um velho que, não podendo mais dançar e tocar, dizia melancolicamente: *eu fui aquelle que pissuiu sete violas...*

Isto é caracteristico. Os habitantes das mattas são dados á lavoura e chamados *mattutos* em Pernambuco, *tabaréos* em Sergipe e Bahia, *caypiras* em S. Paulo e Minas, e *mandiócas* em algumas partes do Rio de Janeiro. Tambem são em geral madraços e elevam todo o seu idéal a possuir um cavallo, um *pequira*, como chamam. Vivem

de ordinario nas terras dos grandes proprietarios, que são verdadeiros senhoras feudaes, a titulo de aggregados.

Os homens dos sertões são criadores. O sertanejo, que não é grande proprietario é, por via de regra, vaqueiro. Este é um typo brutal, vestido de couro dos pés á cabeça, monteador feroz ; sempre cavalleiro eximio.

Os habitantes das tres zonas, aqui descriptos rapidamente, são supersticiosos. Suas superstições dividimol-as em duas classes: as que têm tomado um caracter mais ou menos accentuado e historico por vezes, as ordinarias e communs. As primeiras hão sido certos phenomenos com caracter pseudo-religioso. Entre ellas, destaca-se o movimento ha já alguns annos produzido por um tal Maurer, no Rio Grande do Sul, e de que os jornaes deram conta. Um impostor arvorou-se em propheta e arrebanhou após si grande numero de ingenuos e velhacos. Mais temeroso foi o phenomeno da *Pedra Bonita* ou *Reino Encantado* em Pernambuco, em 1836. (1) Houve ahi scenas horriveis de fanatismo e larga carnificina. Mais recentemente tivemos o ensejo de estudar dous acontecimentos analogos, ainda que mais innocentes. Um passou-se no logar denominado Carnahybas, proximo á Villa do Riachão, antiga provincia de Sergipe. Dous pretos velhos alienados fizeram morada em uma casinhola onde havia uma Santa-Cruz. As pessoas que têm viajado pelo interior conhecem estas especies de *nichos* esparsos aqui e acolá pelo paiz e asylando sempre uma cruz. Algumas destas passam por milagrosas e estão ornadas de reliquias e milagres. Pois bem, os dous negros em um theatro destes entraram a fazer sermões e para logo viram grupar-se em torno de si enorme multidão. Estabeleceram o communismo das mulheres e fizeram predicas infamantes. Foi mister a intervenção armada da policia para desmanchar-se o ajuntamento. O ultimo phenomeno da especie que temos de apresentar teve um theatro ainda mais vasto. Um individuo criminoso do Ceará sahiu a fazer penitencia a seu modo e inaugurou predicas publicas... No seu percurso veiu ter aos sertões da Bahia e fundou uma igreja em Rainha dos Anjos. Chamava-se Antonio e o povo denominava—o *Conselheiro*. Passou por Sergipe, onde fez adeptos.

Pedia esmolas e só acceitava o que suppunha necessario para a sua subsistencia, no que divergia de nossos mendigos vulgares. Não tinha doutrina sua e andava mu-

---

(1) *Memoria sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa-Bella*, por Antonio A. de Souza Leite, Rio de Janeiro, 1875.

nido de um exemplar das Horas Mariannas, donde tirava a sciencia! Era um missionario a seu geito. Com tão poucos recursos fanatisou as populações que visitou, que o tinham por *Sant'Antonio Apparecido*! Prégava contra os *pentes de chifre e chales de lã*, e as mulheres queimavam estes objectos para o satisfazer. A musa popular vibrou a seu respeito exhalou-se e em quadras como estas:

« Do céo veiu uma luz
Que Jesus Christo mandou;
Sant'Antonio Apparecido
Dos castigos nos livrou.

Quem ouvir e não aprender,
Quem souber e não ensinar,
No dia de Juizo
A sua alma penará! » (1)

As chamadas—Santas-Missões são phenomenos quasi analogos. Além destas superstições, em grosso, por assim dizer, existem as ordinarias e vulgares, que são de todos os dias. Escreveriamos um volume inteiro, se fossemos a descrever as da especie que temos presenciado. Limitarnos-he-mos a poucas. A proposito de molestias revelam-se algumas muito interessantes. Quasi todas as doenças para o povo vêm a ser: a *espinhela cahida*, o *flato* e o *feitiço*.

Curam todas com benzeduras, ou promessas a santos.

A espinhela cahida é um incommodo do estomago ou da parte posterior do esternon, que o povo conhece e descreve. O modo de a curar é sujeitar-se o paciente a que um curandeiro o benza com as seguintes palavras que podemos obter não sem difficuldade:

« Espinhela cahida,
Portas para o mar;
Arcas, espinhelas,
Em teu logar!...

Assim como Christo,
Senhor Nosso, andou
Pelo mundo, arcas,
Espinhelas levantou. »

---

(1) Suppunhamos já fallecido esse tetrico fanatico, quando agora apparece elle nos sertões da Bahia, à frente de um verdadeiro exercito de crentes, a fazer depredações de todo o genero.

Fazem-se cruzes nos pulsos, estomago e costellas.

O flato são phenomenos nervosos tambem curados com rezas. *O feitiço* é cousa que dizem ser feita por alguem.

Para fazer sahir uma espinha da garganta, a reza é esta:

« Homem bom,
Mulher má,
Casa varrida,
Esteira rôta;
Senhor São Braz
Disse a seu moço
Que subisse
Ou que descesse
A espinha do pescoço ».

Para o *soluço* deve o paciente munir-se de um copo d'agua e perguntar:

Doente : « Que bebo?

Curandeiro : « Agua de Christo,

Que é bom p'ra isto».

Tres vezes se repete a pergunta e outras tantas a resposta.

Para o cobrelo (cobreiro chama-lhe o povo) estabelece-se entre o doente e o benzedor o seguinte dialogo:

« Pedro, que tendes?
— Senhor, cobreiro.
— Pedro, curai.
— Senhor, com que?
— Aguas das fontes,
Hervas dos montes ».

Quanto ao *mal* do *baço* provienie de sezões, o povo costuma *cortar a dureza*. O methodo consiste em collocar o doente um pé sobre uma folha de bananeira ou sobre o capim *pé de gallinha* e o curandeiro ir com uma faca marcando a configuração do pé, e perguntando: « O que corto? » Ao que responde o doente: « Baço, dureza, obstrucção ». Isto, tres vezes, findo o que o capim, ou o pedaço da folha de bananeira recortada na fórma do pé, é cozido em um *breve*, que é posto ao pescoço do enfermo.

Quando a folha seccar, desapparecerá a dureza. Tambem acreditam no máo olhado e quebranto. Certas molestias da cabeça dizem ser *o sol*, *a lua* ou *as estrellas* que entraram na cabeça do padecente.

O modo de as medicar é: collocar uma toalha dobrada sobre o craneo do individuo affectado e sobre a toalha um copo com agua emborcado. A reza que acompanha esta operação, que para nós é uma reminiscencia da *trepanação pre-historica*, segundo a descreve Broca, é a seguinte: « Jesus Christo nasceu, Jesus Christo morreu, Jesus Christo ressuscitou. Se estas tres palavras são verdadeiras vos farão sarar desta enfermidade». Segue-se o *credo*. Repetem-se tres vezes a oração e o credo. Depois se *offerece*. O offerecimento é este: « Offereço este benzimento á sagrada paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo ». Depois repete-se o Bemdito e o Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, tres vezes.

Para o veneno da cobra existe o *fechamento do corpo*, que é uma oração que se traz ao pescoço. Tambem serve para preservar de *faca de ponta* e de *tiro de bala.*

Quando cae um *argueiro* no olho de alguem reza-se :

« Corre, corre, cavalleiro,
Vai na porta de São Pedro
Dizer a Santa Luzia
Que me mande seu lencinho
Para tirar este argueiro ».

Tambem existem superstições sobre certos animaes. A *coruja* é de máo agouro. A *esperança* e a *lavadeira* de bom Acreditam no *lobishomem*, na *mula sem cabeça* e na *mãe d'agua*, animaes encantados.

O excremento da *vacca* é empregado para lavar a roupa e o corpo.

Lembramos este facto por encontrar nelle uma reminiscencia do culto que se dava á vacca e seu excremento na Persia e na India (1).

O do cachorro, chamado *jasmim do campo*, emprega-se na cura da variola. E' um outro symptoma do atrazo popular.

Quando sobrevêm as terriveis *seccas*, em alguns pontos procuram conjural-as, fazendo *procissões* e mudando um *santo* de um lugar para outro.

Tambem para experimentar se o anno será secco ou

---

(1) Angelo de Gubernatis.—*Mythologie Zoologique,* passim.

chuvoso, costuma-se tirar a *prova de Santa Luzia*, que consiste em collocar-se um bocado de sal em uma vazilha, na vespera do dia da santa, em lugar enchuto e coberto.

Se o sal amanhecer molhado, choverá, ao contrario não.

— Conta-se que no Ceará fizeram esta experiencia diante do naturalista George Gardner, mas o sabio, fazendo observações meteoreologicas, e chegando a um resultado differente do attestado pela santa, exclamou em seu portuguez atravessado : «Non, non, Luzi mentiu.»

Quando alguem perde um objecto, costuma invocar *São Campeiro*, personagem que não consta do calendario, e *São Longuinho*, patriarcha das cousas perdidas.

A São Campeiro accendem-se velas pelos mattos e campos.

Para São Longuinho, quando se encontra o objecto perdido, grita-se : « Achei, São Longuinho ! » Isto tres vezes.

Algumas mulheres quando entram n'agua para tomar um banho, dizem :

« Nossa Senhora
Lavou seu filho
P'ra cheirar;
Eu me lavo
P'ra sarar.»

Acreditam muito em *almas do outro mundo*, e quando estão comendo, se lhes acontece cahir um bocado no chão, dizem : «qual dos meus estará com fome ?»

Vemos ahi uma reminiscencia do culto dos maiores, descripto por H. Spenser (1).

Ao deitarem-se algumas dizem :

« S. Pedro disse missa,
Jesus Christo benzeu o altar ,
Assim benzo minha cama
Onde venho me deitar.»

No acto de dar uma mulher á luz, quando faltam ainda as secundinas ou *companheiras*, como chamam, a parteira, ou assistente, faz repetir pela parturiente:

Principios de Sociologia, passim.

« Minha Santa Margarida,
Não estou prenha, nem parida.»

No Ceará ainda se usa, em alguns pontos do centro, uma especie de *velorio* por morte de crianças, *anjinhos*, como chamam. Consiste em dar tiros de pistolas e rouqueiras, e cantar rezas e poesias na occasião de levar para o cemiterio o *anjinho*.

Existe tambem em algumas provincias a devoção intitulada a *lamentação das almas*. Em certa noite do anno sahem os penitentes, de matracas em punho, a cantar em tom lugubre composições adequadas. Vão parando de porta em porta sobretudo nas casas de certas velhas a quem querem aterrar.

Nota-se tambem o costume de *vender* ou *amarrar as sezões*, que consistem em benzel-as e depois ir o doente a um pé de larangeira, onde nunca mais deve tornar, dizer:

« Deus te salve, larangeira,
Que te venho visitar;
Venho te pedir uma folha
Para nunca mais voltar.»

O elemento feminino é que predomina em tudo isto.

Deixemos este lado curioso, mas sombrio de nosso povo, que é commum aliás ás nações até as mais cultas, e vejamol-o expandir-se em suas festas.

E' ainda ás populações ruraes que devemos ir pedir as nossas informações.

Pelo que toca ás cidades e grandes villas, suas populações se dividem em duas classes bem accentuadas. A parte mais ou menos culta, que figura no commercio, nas artes, na politica e nas lettras, e a parte inculta, a immensa cohorte dos *capadocios* ou *cafagestes*. E' gente madraça, que, possuindo todos os defeitos dos habitantes do campo, não lhes comparte as virtudes.

As festas populares neste paiz são de duas especies: as de igreja popularisadas e as exclusivamente populares. Entre as primeiras destacam-se: a de Nazareth no Pará, das Neves na Parahyba do Norte, do Monte e Saude em Pernambuco, do Bomfim na Bahia, da Penha no Rio de Janeiro. São festas de oragos, em que o povo toma parte com folganças especiaes

A' segunda especie pertencem as festas geraes do Natal, Anno Bom, Reis, S. João, S. Pedro, Espirito Santo,

com seu cortejo de *chibas*, *sambas*, *reizados*, *cheganças*, etc.

Nestas ultimas é que melhor se aprecia em acção a poesia popular.

As festas de *Natal*, *Anno Bom*, *Reis*, chamadas *janeiras* em Portugal, são as mais alegres e travessas para o nosso povo; são quinze dias de folgares constantes e variados.

No Lagarto cidade da provincia de Sergipe, foi que melhor as estudamos. Os brinquedos mais communs são: o *Bumba meu boi*, os *Marujos*, os *Mouros*, o *Cégo*, etc.

O *Bumba meu boi* vem a ser um magote de individuos acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi*, por baixo da qual occulta-se um rapaz dansador.

Pedem, com canticos, licença aos donos da casa para dançar. Obtida a licença, apresenta-se o *boi* e rompe o côro:

« Olha o boi,
Olha o boi que te dá,
Ora entra p'ra dentro,
Meu boi marruá.

Olha o boi,
Olha o boi que te dá,
Ora dá no vaqueiro,
Meu boi marruá...etc.»

O vaqueiro representa sempre a figura de um *negro* ou de um *caboclo*, vestido burlescamente, e que é o alvo das *chufas* e pilherias populares. A intenção transparente de debicarem mutuamente assim as duas raças inferiores, preta e vermelha, é um phenomeno curioso.

A folgança dos *Marujos* representa-se com um batalhão de rapazes vestidos á maruja, que conduzem um naviosinho. Cantam versos variados e fazem evoluções multiplas. Depois de fingir uma lucta, vão coser o *panno*, no fim do que ha o episodio do *gageiro*, cantando-se os versos da *Náo Catherineta* de origem portugueza.

Ainda hoje quem tem o sentimento da poesia popular e comprehende o espirito do povo portuguez, como um povo de navegantes, não póde ouvir aquella canção do gageiro com sua melopéa sentida, sem experimentar alguma cousa de saudoso e de profundo. E' a velha alma luzitana transplantada para este paiz, que nos agita as

fibras do coração. Os *versos* e a *musica*, que sabemos de cór nunca os ouvimos sem agradavel commoção.

No mesmo espirito é tambm a folgança dos *Mouros*, onde ha uma lucta entre *christãos* e *turcos* reminiscencia historica das luctas contra os *mouros* na peninsula hespanica.

O começo é:

«Olhem que grande peleja
Temos nós que pelejar,
Se for o rei da Turquia,
Se não quizer se entregar...etc.»

O brinquedo ou *auto* popular do *cégo* é menos caracteristico.

E' todo de implantação portugueza. E' a historia de um conde que se finge cégo para raptar uma moçoila.

Esta vai ensinar-lhe o caminho e encontra-se com os companheiros do conde; é raptada e diz com melancolia:

«Valha-me Deus
E Santa Maria,
Que eu nunca vi cégo
De cavallaria... etc.»

Tem um certo frescor juvenil e a musica é expressiva.

Em Pernambuco o auto popular do *Cavallo-marinho* é o mais apreciado. Damol-o por inteiro no lugar competente. Nelle se póde bem estudar a fusão já adiantada em certo ponto dos costumes das tres raças que constituem o grosso de nossa população. Tambem d'alli transpira certa dureza de costumes,propria dos pernambucanos rusticos, que, com o gosto pela liberdade, é uma das heranças que lhes ficaram de seu contacto e luctas com os hollandezes.

No Lagarto, em Sergipe, no dia de Reis celebra-se a festa de S. Benedicto e apreciam-se então alli dous folguedos especiaes, o dos *Congos*, que é proprio dos negros, o das *Tayêras*, feito pelas mulatas.

Os *Congos* são uns pretos, vestidos de reis e de principes, armados de espadas, e que fazem uma especie de guarda de honra a tres *rainhas* pretas.

As *rainhas* vão no centro, acompanhando a procissão de S. Benedicto e de Nossa Senhora do Rosario, e são protegidas por sua guarda de honra contra dous ou tres do

grupo, que forcejam por lhes tirar as corôas. Tem um premio aquelle que consegue tirar uma corôa, o que é vergonha para a rainha: Os da guarda cantam:

« Fogo de terra,
Fogo de mar,
Que a nossa *rainha*
Nos ha de ajudar, etc.»

As Tayêras são mulatas, vestidas de branco e enteitadas de fitas, que vão na procissão dansando e cantando com expressão especial e côr toda original. Os versos, onde se conhece a acção burlesca da raça negra, dizem:

« Meu S. Benedicto
Não tem mais corôa;
Tem uma toalha
Vinda de Lisboa...
  Inderê, rê, rê, rê...
  Ai! Jesus de Nazareth! etc.»

A musica é puramente brasileira. Em Pernambuco, pelo *Natal*, costumam armar as chamadas *Lapinhas*. São nichos representando o presepe onde nasceu Jesus.

Ha então ahi a funcção das *pastorinhas*, que são mulatas ou negras, na primeira flôr da idade, enfeitadas de capellas e que dansam e cantam, acompanhadas de um negralhão vestido burlescamente, a tocar pandeiro. O começo das trovas diz:

« Vinde, pastorinhas,
Vinde a Belém,
A vêr se é nascido
Jesus Nosso bem, etc.

Noutras provincias temos presenciado presepes; mas sem a *funcção* das *pastorinhas*. Para melhor concatenação de idéas, e pela necessidade de só affirmar aquillo que temos visto e estudado de perto, é que vamos referindo as descripções das festas populares ás localidades, onde as apreciamos. Temos porém as mais completas provas, no testemunho de pessoas insuspeitas, de que por todas as provincias do Brazil as *janeiras* foram muito populares e concorridas.

Em Paraty, na provincia do Rio de Janeiro, a festa mais celebre é a do *Espirito-Santo*. Nesta manifesta-se a instituição popular do *Imperador da festa*. Assim é chamado o *festeiro*, aquelle que faz as despezas da folgança.

No dia da festividade este individuo é conduzido de sua casa para a igreja entre duas varas enfeitadas que são levadas por algumas pessoas gradas.

Ha um costume analogo em S. Paulo e Matto-Grosso (1).

Cumpre ponderar que nota-se uma apreciavel decadencia em todas as folganças e festividades populares. A tradição as dá muito mais frequentes e animadas ha trinta ou quarenta annos passados.

Não deixam de ter contribuido para isto, além de ontras causas, a moderna intolerancia dos vigarios e o zelo anti-esthetico dos delegados de policia.

Além das duas categorias de festas de que acabamos de fallar, ha uns brinquedos particulares e, por assim dízer, intimos do povo. Naquellas elle exhibe-se em publico, nas praças e ruas e anda meio recatado. Nos *sambas*, *chibas*, *batuques* e *candomblês* é que o povo excede toda expectativa.

Vamos vêr despontar o manancial mais fecundo da poesia popular. A *viola* e o *enthusiasmo*, o canto e os ardores da paixão, eis a dupla origem da grande torrente,

Chama-se *chiba* na provincia do Rio de Janeiro, *samba* nas do Norte, *caterètê* na de Minas, *fandango* nas do Sul uma funcção popular da predilecção dos pardos e mestiços em geral, que consiste em se reunirem damas e cavalheiros em uma sala ou n'um alpendre para dansar e cantar. Variadas são as *tocatas* e as *dansas*. Ordinariamente porém consiste o baile rustico em sentarem-se em bancos á roda da sala os convidados, e, ao som das violas e pandeiros, pular um par ao meio do recinto a dansar com animação e requebros singulares o *bahiano* ou outras variações populares.

O *bahiano* é dansa e musica ao mesmo tempo.

Os figurantes em uma toada certa têm a faculdade do improviso em que fazem maravilhas, e os tocadores de viola vão fazendo o mesmo, variando os tons.

Dados muitos gyros na sala, aquelle par vai dar uma *embigada* noutro que se acha sentado e este surge a dansar.

O movimento se anima, e, passados alguns momentos, rempem as cantigas populares e começam os improvisos poeticos.

---

(1) Moutinho—*Provincia de Matto-Grosso*. passim.

Ahi se exerce uma força verdadeiramente prodigiosa e os cantos inspirados por motivos de occasião e sempre com vivissima côr local, ou varrem-se para sempre da memoria, ou, decorados e transformados, segundo o ensejo, vão passando de bocca em bocca, e constituindo esta a abundante corrente de *cantos lyricos* que esvoaçam por toda exten são do Brasil.

O *bahiano* é um producto do *mestiço* ; é uma transformação do maracatú africano, das dansas selvagens e do fado portuguez.

Nas dansas, musicas e poesias populares dão-se tambem as leis da selecção natural.

Adaptadas a um novo meio, modificam-se produzindo novos rebentos ou novas vidas. O *bahiano* é um exemplo.

E' mestiço de origem, prevalecendo ainda nelle o elemento africano, que, por mais que o queiramos esconder, predomina ainda em nossas populações, que se podem chamar do terceiro e quarto estado.

Se nas republicas hespanholas o cruzamento mais vasto foi do europêo com o indio, no Brasil foi do branco com o negro, predominando até agora as fórmas escuras nas classes desfavorecidas.

Feita a estatistica real, e não a presumida, da população brasileira, se ha de notar que o numero de mestiços excede ao de brancos puros, indios puros e negros puros, e que naquelles a impressão do preto é a mais viva.

O *bahiano* é uma especialidade brasileira; elle e o *vatapá* e o *carurú*, tambem implatações africanas transformadas, são as tres maiores originalidades do Brasil.

A *modinha* é uma implantação da *serranilha*, como já foi por vezes demoustrado, e é para nós menos original.

Adaptada a este solo, quando foge no verso e musica dos modelos convencionaes, adquire tambem um grao pronunciado de origininalidade

Chega a este ponto quando ao elemento portuguez aggregam-se os outros, porque o genuino brasileiro, como já dissemos, o nacional por excellencia, não é, como alguns hão affirmado erroneamente, este ou aquelle dos concurrentes, mas o resultado de todos, a fórma nova produzida pelos tres factores.

Outro entejo para apreciar-se a evolução da poesia popular é observar o povo no seu *trabalho*.

Estamos de accórdo com Gustavo Freitag, o celebre romancista allemão : «mais do que em suas supestições e festas, que são o seu lado excepcional, devemos estudar o povo no seu trabalho, que é a sua face constante e normal.»

Profundas palavras, que, se fossem meditadas por nossos romancistas, não teriam estes povoado o nosso mundo litterario de creações e typos chimericos, aereos, nullos...

O povo, em verdade, deve de preferencia ser observado na sua laboriosa lucta pela vida.

Elle então canta e o seu cantar é masculo e sadio.

Entre nós temol-o observado por vezes. Ou nas grandes *eitos* lavrando a terra, ou deitando mattas ao chão, ou nos *engenhos* no moer das cannas e na preparação do assucar, sempre a trabalhador vai cantando e improvisando. E' o *cantar elogio* ou *cantar ao desafio*, expressões de al egria usadas em Pernambuco. Em Sergipe chamam *arrazoar* aocantar versos de improviso. Esta expressão é tambem significativa. Ha alli, como em outras provincias, onde o trabalho é mal organisado, um original costume: um roceiro, que tem um serviço atrazado, roçagem, plantação ou colheita, convida os vizinhos para o ajudarem a levar avante o eito; accedendo estes, fórma-se o que chamam no Rio de Janeiro *potirão* ou *potirum* O *potirum*, expressão africana, dura ás vezes dous e tres dias. E' um trabalhar livre e galhofeiro ao som de cantigas. Tambem o fazem para *tapagens* de casas, e as mulheres o empregam na *fiagem* do algodão.

Trabalha-se, bebe-se e canta-se. Isto é nas populações agricolas das mattas; nas criadoras dos sertões observam-se os mesmos costumes com as indispensaveis alterações.

Os vaqueiros usam do celebre *aboiar*, e alguns dos nossos *romances* e *xacaras* mais originaes, como o *Boi-Espacio*, o *Rabicho da Geralda*, a *Vacca do Burel*, têm esta origem.

Os homens da costa e das margens des grandes rios, e que passam parte da vida em canôas, tambem são um dos orgãos de nossa poesia popular. No remar vão *arrazoando*. Tivemos repetidas occasiões de observar e entrar nestes *cantos ao desafio*, onde embalde procuravamos ãcompanhar os bardos incultos. Em promptidão de improvisos eramos sempre ultrapassados por elles.

As *adivinhações*, *dictados*, *folguedos de crianças*, e *saudes* são outras formulas da sabedoria e poesia popular. Os folguedos de criança e saudes foram por nós descriptos em nosso livro *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira* para onde enviamos o leitor. Quanto aos *dictados* e *adoinhações* daremos aqui alguns especimens mais vulgares.

Dictados: « Quem nasceu p'ra dez réis nunca chega a vintem. De hora em hora Deus melhora... Quem tem dó

de *angú* não amarra cachorro... Quem quer pegar gallinha não diz chô... Quem planta e cria, tem alegria... Lua nova trovejada trinta dias de molhada... Em Abril aguas mil... Fazer bem não cates a quem... Onde me conhecem honras me dão. onde não me cenheccm me darão, ou não... Os bens do sacristão cantando vem, chorando vão... Deus quando tarda, vem no caminho... Agua molle em pedra dura tanto dá até que fura... Macaco velho não mette a mão em combuca...»

E' evidente a origem portugueza de alguns e a transformação mestiça de outros.

Adivinhações : assim chamam-se umas especies de charadas propostas para se lhes descobrir o sentido. Exemplo :

« Caixinha de bem querer, todos os *carapinas* não sabem fazer.» E' o amendoim, ou mandubim, como chama-o o povo. « Casa caiada, lagôa d'agua.» E' um ovo. « Campo branco, sementinhas pretas.» E' uma carta. «Branco e não é papel, verde e não é mar, vermelho e não é sangue, preto e não é carvão. « A melancia, ou balancia, como diz a plebe. « Branquinho, branquinho, reviradinho.» O beijú ou *bijú*. « Graças brancas em campos verdes, com o bico n'agua, morrendo á sede.» E' um navio.

Ha algumas muito expressivas e engraçadas ; outras em estylo picaresco, que o povo muito aprecia.

Nossas populações têm, como é natural, ainda uma larga porta aberta para o maravilhoso. Nos tempos coloniaes a Bahia, a antiga capital, a séde do governo, era uma especie de ponto de aventuras. Ainda hoje para as populações rusticas das provincias circumvizinhas a cidade suprema e a suprema longitude é a Bahia, No brinquedo do *annel* se diz : « Qando eu fui *para a Bahia*, a quem deixei meu annel ? »

Nas poesias e contos populares falla-se muitas veçes na Bahia. Existem além d'isso certas localidades a que se prendem lendas proprias. Em todas as provincias repete-se o caso. Em Sergipe as serras da Itabayana, a da Miaba e a *Furna* de Simão Dias são a séde de riquezas phantasticas.

Na de Itabayana apparece, ás vezes, diz a lenda, um carneirinho de ouro, e na da Miaba um caboclinho de prata. Na *Furna* de Simão Dios, subterraneo proximo á villa deste nome, dão-se *visagens* e encantamentos especiaes. No Ceará o Boqueirão das Lavras da Mangabeira e a Serra do Araripe contém riquezas prodigiosas e legendas analogas. E assim por todo o Brasil.

Por outro lado, ainda o nosso povo tem costumes sanguinarios, como todas as gentes educadas sob o regimem

militar e que começam apenas a suavisar-se. Os assassinatos repetem-se ainda em larga escala.

No tempo da Regencia o *bacamarte* fez proezas em quasi todas as provincias, maxime nas de Pernambuco, Ceará, Maranhão, Piauhy e Bahia, onde reinavam chefes despotas, ridicula e ferozmente estupidos.

Em Sergipe o facto era tambem uma verdade. Diz uma testemunha occular: «Então a provincia, além da bancarota que haviam feito os cofres publicos, era ainda martyrisada pelos assassinatos com tanta immoralidade, que os assassinos cruzavam os povoados, villas e cidades, decidindo da sorte de seus habitantes, por tal fórma, que o povo ironicamente os denominava — *chefes de policia*» (1).

Raros eram por toda parte os *fazendeiros* e *senhores de engenho* que não tinham os seus *guarda-costas* e *capangas*, que serviam para assassinatos e para pleitear eleições.

Os *capoeiras*, que ainda hoje existem nas maiores cidades, sobretudo na do Rio da Janeiro, consta serem uma especie de instituição politica, sob as ordens de grandes magnatas.

Com elles é que se véda o ingresso dos adversarios nos comicios em dias de eleições e obtem-se a victoria das urnas.

São uma troça ambulante dividida em diversas *maltas* nas differentes freguezías da capital. Cada malta tem seu chefe, que obedece por sua vez a um chefe geral. Os *capoeiras* usam de navalhas como armas e sabem um jogo de pulos, pontapés e cabeçadas todo original. Um bon capoeira bate dez homens.

O paiz, apezar de algumas instituições democraticas, ainda conserva fundas distincções sociaes.

No tempo da independencia subsistiam e ainda eram convocados os *tres estados*.

Em 1821 em Sergipe o governador da capitania, Cesar Burlamaqui, recebendo uma intimação do governador da Bahia para acclamar alli a constituição, mandou convocar uma reunião do *clero*, *nobreza* e *povo*.

« A noboeza, diz uma testemunha veridica, era representada pela camara e por todas as pessoas que haviam servido os cargos da governança das villas e cidades, como fossem juizes, vereadores, officiaes das ordenanças e de se-

---

(1) *Apontamentos historicos e topographicos de Sergipe*, por A. J. da Silva Travassos, pag. 56.

gunda linha, e o povo era representado pelos homens bons e abastados que não pertenciam áquella hierarchia.« (1)

Não tinhamos, nem temos, como se vê, uma *aristocracia historica* e de direitos adquiridos; mas ia ella sendo criada aos poucos e viciadamente.

O clero goza ainda de direitos privilegiados, e o povo propriamente dito, especie de *fellahs* do Egipto, é tratado como um animal de carga.

Anda assim, a despeito de todos os nossos males e defeitos, existe entre nós uma mole immensa de poesias populares. Predominam os cantos lyricos, como acontece na Italia moderna,

Apenas mais uma consideração para concluir esta synthese.

As canções lyricas que colligimos são anonymas. A par destas existe a poesia *bardica* popularisada, maximé politica. São canções que têm origem individual, mas de que as massas se apossaram. No numero d'ellas contam-se as celebres *modinhas*,tão apreciadas pelos europeus. Não as colligimos por estarem fóra do nosso plano. Alguns portuguezes, que de nossa poesia popular só conhecem as *modinhas*. que não são em rigor de origem anonyma, dizem que por meio dellas este paiz, quando colonia, chegou a influir na litteratura da metropole.

O facto parece exaggerado, porquanto no seculo passado, época a que se referem os criticos portuguezes, ao passo que nossa litteratura approximava-se da natureza com Dirceu, Basilio e Durão e com as *modinhas*, a litteratura da metropole era toda postiça e contrafeita. Os ouvidos luzitanos foram surdos á lição dada por nossos poetas, verdadeiros precursores do *romantismo* nas raças neo-latinas, e que eram tidos por *barbaros* para aquelles pretindidos civilisados e o nosso influxo benefico deixou de eer uma realidade. Ao contrario, soffremos nós outros a mpressão deleteria das lettras portuguezas da época.

---

(1) Travassos.—*Apontamentos*, pag. 24.

CANTOS POPULARES DO BRASIL

PRIMEIRA SERIE

ROMANCES E XACARAS

Origens: do portuguez e do mestiço; transformações pelo mestiço

Dona Infanta

(Rio de Janeiro)

Estava Dona infanta
No jardim a passear;
Com o pente d'ouro na mão
Seu cabello penteava ;
Lançava os olhos no mar,
N'elle vinha uma armada.
Capitão que n'ella vinha
Muito bem a governava.

«O amor que Deus me deu,
Não virá na vossa armada ?
— Não o vi, nem o conheço,
Nem a sina que levava.
«Ia n'um cavallo d'ouro
Com sua espada dourada,
Na ponta de sua lança
Um Christo d'ouro levava.

— Por signaes que vós me déstes
Lá ficou morto na guerra ,
Debaixo d'uma oliveira
Sete facadas lhe déra.
«Quando fordes e vierdes
Chamai-me triste viuva,
Qu'eu aqui me considero
—A mais infeliz sem ventura.

Quanto me dareis, senhora,
Si vos eu trouxel-o aqui ?
«O meu ouro e minha prata,
Que não tem conta nem fim.

— Eu não quero a tua prata,
Que me não pertence a mim;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Si vol-o trouxer aqui?
«As telhas de meu telhado
Que são de ouro e marfim.

— Eu não quero as tuas telhas,
Que me não pertence a mim;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora,
Si vol-o trouxer aqui?
«Tres filhas que Deus me deu
Todas te darei a ti,
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais linda d'ellas todas
Para comtigo casar.

— Eu não quero tuas filhas,
Que me não pertence' a mim;
Sou soldado, sirvo ao rei,
E não posso estar aqui.
Quanto me dareis, senhora.
Si vos eu trouxel-o aqui?
«Nada tenho que vos dar
E vós nada que pedir.

— Muito tendes que me dar,
Eu muito que vos pedir:
Teu corpinho delicado
Para commigo dormir.

«Cavalleiro que tal pede
Merece fazer-se assim:
No rabo do meu cavallo
Puxal-o no meu jardim!

Vinde, todos meus criados,
Vinde fazer isto assim.
— Eu não temo os teus criados,
Teus criados são de mim.

«Si tu eras meu marido,
Porque zambavas de mim?
— Para vêr a lealdade
Que você me tinha a mim.

A noiva roubada

(Rio de Janeiro)

— Deus vos salve, minha tia,
Na sua roca a fiar!
«Si tu és o meu sobrinho,
Tres signaes has de me dar.

— Qu'éd'êl o meu cavallo
Qu'eu aqui deixei ficar?
«O teu cavallo, sobrinho,
Está no campo a pastar.

— Quéd'el-a minha espada
Qu'eu aqui deixei ficar?
«A tua espada, sobrinho,
Está na guerra a batalhar.

— Qu'éd'el-a minha noiva
Qu'eu aqui deixei ficar?
«A tua, noiva sobrinho,
Está na igreja a se casar.

— Selle, selle o meu cavallo
Qu'eu quero ir até lá;
Eu andei por muitas terras
Sempre aprendi a fallar.

— Deus vos salve, senhora noiva,
N'este seu rico jantar.
«Si é servido da boda,
Apeie-se e venha manjar.

— Eu não quero a sua boda,
Nem tambem o seu jantar.
Só quero fallar com a noiva
Um certo particular.

O Bernal Francez

(Rio de Janeiro)

« Quem bate na minha porta,
Quem bate, quem está ahi?
— E' Dom Bernaldo Francez,
A sua porta mande abrir.

No descer da minha cama
Me cahiu o meu chapim;
No abrir da minha porta
Apagou-se o meu candil.
Eu levei-lhe pelas mãos,
Levei-o *no* meu jardim;
Me puz a lavar a elle
Com agua de alecrim;
E eu como mais formosa
Na agua de Alexandria.
Eu *lhe* truxe pelas mãos,
Levei-o *na* minha cama.
Meia noite estava dando.
Era Dom Bernaldo Francez;
Nem sonava, nem movia,
Nem se virava p'ra mim.
« O que tendes, D. Bernaldo,
O que tendes, que maginas?

Si temes de meus irmãos,
Elles estão longe de ti;
Si temes de minha mãi,
Ella não faz mal a ti ;
Si temes de meu marido,
Elle está na guerra civil.

— Não temo de teus irmãos,
Qu'elles meus cunhados são ;
Não temo de tua mãi,
Qu'ella minha sogra é ;
Não temo do teu marido,
Qu'elle está a par comtigo.
« Matai-me, marido, matai-me,
Qu'eu a morte mereci ;
Si tu eras meu marido
Não me davas a conhecer.

— Amanhã *de p'ra minhã*
Eu te darei que vestir ;
Te darei saia de ganga,
Sapato de berbotim ,
Trago-te punhal de curo
Para te tirar a vida...

....
O tumulo qne a levava
Era de ouro e marfim ;
As tochas que acompanhavam
Eram cento e onze mil,
Não fallando de outras tantas
Que *ficou* atraz p'ra vir.
« Aonde vai, cavalleiro,
Tão apressado no andar?

— Eu vou ver a minha dama
Que já ha dias não a vejo.
« Volta, volta, cavalleiro,
Que a tua dama já é morta,
E' bem morta que eu bem vi,
Si não quereis acreditar
Vai na capella de São Gil.
« Abre-te, terra sagrada,

Quero me lançar em ti.
« Pára, pára, Dom Bernaldo,
Por mode ti já morri. »

— Mas eu quero ser frade
Da capella de São Gil;
As missas que eu disser
Todas serão para ti.
« Não quero missas, Bernaldo,
Que são fogo para mim:
Nas filhas que *vós tiver*
Botai nome como a mim;
Nos filhos que *vós tiver*
Botai nome como a ti.

D. Duarte e D. Donzilha

(Sergipe)

« Eu não procuro igreja,
Nem rosario pr'a rezar;
Só procuro o lugar
Onde Dom Duarte está.
« Deus vos salve, rainha,
Rainha em seu lugar. »
— Deus vos salve, princeza,
Princeza de Portugal. »
....
....
— O que me quereis, princeza,
Que novas quereis me dar?
E' o amor de Dom Duarte
Que inda espero lograr.
— Dom Duarte não está em casa,
Anda n'alçada real.
« Mandai levantar bandeira
Para dar um bom signal.

Palavras não cram ditas
Dom Duarte na porta estava :

— O que me quereis, princeza,
Que novas quereis me dar ?
« E' o amor de Dom Duarte
Qu'inda espero lograr.
— No tempo que eu vos queria,
Me juravam a matar ;
Mas hoje que sou casado
Tenho filhos a criar.
....
— Dai-me licença, senhora,
— Dai-me licença real
P'ra dar um beijo em Donzilha
Qu'ella finada já está.
« Dai-lhe quatro, dai-lhe cinco,
Dai-lhe quantos vós poder ;
Não tendes mais que beijar
A quem já finada está.

A cova de Donzilha
Foi na porta principal ;
A cova de Dom Duarte
Foi lá no pé do altar.
Na cova de Donzilha
Foi um pé de *sicupira*(1) ;
Na cova de Dom Duarte
Nasceu um pé de collar.
Foram crescendo, crescendo,
Cresciam ambos igual ;
Lá em riba das galhinhas
Lá se foram abraçar.
A viuva que viu isto,
Logo mandou decotar ;
Si haviam brotar leite,
Brotaram sangue real.

1 Ou sucopira, *Bowdichia major*

D. Maria e D. Arico

(Rio de Janeiro)

— O que é isto que aqui está
No pino da meia noite ?
Si tu és alma em pena
Remedio te quero dar,
Si és cousa d'outro mundo
Quero-te desconjurar.
« Eu não sou alma em pena
Para vós remedio me dar,
Nem sou cousa d'outro mundo
Para vós me desconjurar.
Lá de traz d'aquella esquina
Estão sete a vos esperar.

— Pelos sete que lá estão
Meu pé atraz não voltaria,
Dom Arico ha de cear
Em casa de Dona Maria.
Não jógo jogo de bala
Qu'é jogo de covardia,
Jógo com jogo de espada
Qu'é jogo de valentia.
Dom Arico matou seis ;
Ficou um por mais somenos,
D'elle conta não fazia.
Este atirou-lhe uma bala
Da mais alta que havia,
A bala cahiu no peito
E o peito lhe feria,
Dom Arico foi cahir
Na porta de Dona Maria ;
Pelos ais e os gemidos
Acordava quem dormia.

— O que não dirão agora ?
Que mataram este coitado,
Que morreu de mal de amores,

Que é um mal desesperado !
Si me acharem aqui morto
Não me enterrem no sagrado ;
Me enterrem em campo de rosas
Das quaes eu fui namorado.
Trazei papel, trazei tinta,
Trazei vossa escrevaninha,
Eu quero escrever saudades
No vosso peito, Maria.

O Conde Alberto

(Sergipe)

Soluçava Dona Sylvana
Por um corredor que tinha,
Que seu pai não a casava,
Nem esta conta fazia.

— Eu não vejo n'este reino
Com quem case filha minha ;
Só si fôr com Conde Alberto (1).
Este tem mulher e filhos.
« Com este mesmo é que eu quero,
Com este mesmo eu queria :
Mandai vós, ó pai, chamal-o
Para vossa mesa um dia.

— Corre, corre, cavaleiro
Dos mais ligeiros que tenho,
Vai dizer ao Conde Alberto
Que venha jantar commigo.»

—« Inda hontem vim da côrte
Que Dom Rei me fez chamar ;

1 Outros dizem *Conde Olario*.

Não sei será p'ra bem,
Ou si será p'ra meu mal.
....

— P'ra matares a Condessa,
E casar com minha filha.»

—« Como isto póde ser,
Como isto nunca seria?
Descasar um bem casado
Cousa que Deus não faria?

— Instantes te dou de hora
Que reze uma Ave-Maria,
Que me mandes a cabeça
N'esta formosa bacia.
....

— Contaes, marido, tristezas,
Como quem conta alegria!»

—« Não sei que vá vos contar
Que já é em demasia ».
A mesa já estava posta,
Nem um, nem outro comia;
As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corria (1).

D. Carlos de Montealbar

(Sergipe)

«Deus vos salve, senhor Dom Carlos;
O senhor que fazia lá?
— Me arrumando, senhora,
Para comtigo brincar.

Segue-se a despedida da Condessa aos filhos e a morte da Infanta; a tradição não dá conta do resto do romance.

Quando estavam a brincar,
Um cavalleiro vêm passar;
Dom Carlos como ardiloso
Logo quiz o degolar.

— «Não me mate o cavalleiro,
Qu'é do reino de meu pai.
«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar,
Qu'eu te darei ouro e prata
Quanto possas carregar.

— «Eu não quero ouro e prata
Que a senhora não m'os dá;
Brinquedos que vi aqui
A meu rei irei contar.
«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar,
Qu'eu te darei minha sobrinha
Para comtigo casar.

— «Não quero sua sobrinha
Que a senhora não m'a dá;
Folguedos que vi aqui
A meu rei irei contar.
«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar.
Te darei o meu palacio
Com todo o meu cabedal,

— «Não quero o seu cabedal,
Que a senhora não m'o dá,
Que isto que eu vou contar
Muito mais me ganhará.
....

— «Novas vos trago, senhor,
Novas eu vos quero dar;
Eu topei a Claraninha
Com Dom Carlos a brincar;
Da cintura *para riba* (1)

(1) Para *cima*.

Muitos beijos eu vi dar;
Da cintura para baixo
Não vos posso mais contar.

— Si me contasses occulto,
Meu reino te *havera* (1) dar,
Como contaste de publico,
Mandarei-te degolar.
Vão-me buscar a Dom Carlos,
Depressa, não devagar;
Carregado bem de ferros
Que não possa me fallar.

— Vão buscar meu tio bispo,
Qu'eu me quero confessar
Antes que chegue a hora
Que me venham degolar.

— «Deus vos salve, meu sobrinho,
Qu'em sua prisão está;
Por amor de Claraninha
Lá te vão a te matar;
Toda a vida eu te disse
Que tu deixasses de amar;
Claraninha era impedida,
Poderiam te matar.

— Sáia-se d'aqui, meu tio,
Não me venha a enfadar;
Mais val eu morrer por ella
Do que deixal-a de amar.
Chiquitinho, Chiquitinho,
Que sempre me foi leal,
Vai dizer á Claraninha
Que já me vão me matar;
Si meus olhos vir os d'ella
Minha alma se salvará.

— «Deus vos salve, Claraninha,
Que no seu estrado está;

(1) Por houvera.

Dom Carlos manda dizer
Que já vai se degolar.
«Criadas, minhas criadas,
Si quereis me acompanhar,
Eu já me vou com o cabello
Faltando por entrançar.
Justiça, minha justiça,
Minha justiça real,
Por aquelle que está alli
Minha vida eu irei dar.
Deus vos salve, senhor Dom Carlos,
Não se dê a desmaiar;
Si a minha alma se perder,
A sua se salvará.

— Conselheiros, conselheiros,
Que conselhos quereis dar:
Qu'eu mate senhor Dom Carlos,
Ou que os mandarei casar?

— O conselho que vos damos
E' para os mandar casar,
E pegai este arengueiro
E mandai-o degolar.
«Arengueiro, embusteiro,
O que ganhaste em contar?

— «Canhei a forca, senhora;
D'ella vinde-me tirar.
«Si eu quizera, bem pudera,
Pois nas minhas mãos está;
Para te servir de emenda
Mandarei te degolar.

D. Carlos de Montealbar

(Versão de Pajehú-de-Flores)

«Linda cara tem o conde
Para commigo brincar.
— Mais linda tendes, senhora,
Para commigo casar.

Veiu o caçador e disse:
— «A el-rei irei contar
Que apanhei a Claralinda
Com Dom Carlos a brincar.

«Vem cá, meu caçador,
Caçadorzinho real,
Darei-te villas de França
Que não possas governar,
Darei-te prima carnal
Para comtigo casar.

— «Não quero villas de França,
Nem sua prima carnal;
Com ella não hei de casar;
A el-rei irei contar,
Mais tem elle que me dar:
Apanhei a Claralinda
Com Dom Carlos a brincar.
De abraços e boquinhas
Não podiam desgarrar,
Da cintura para baixo
Não tenho que lhe contar.

— Si me dissesses occulto,
Posto te havia de dar,
Como dissestes ao publico
Vai-te já a degolar.
Ide guardas já prender
Dom Carlos de Montealbar,
De mulas acavalgadas
Que lhe pesem um quintal;

Dizei a seu tio bispo
Que o venha confessar.

— «Deus vos salve, Claralinda,
Rainha de Portugal,
Dom Carlos manda dizer
Que o saias à mirar.
Inda que a alma d'elle pene
A sua não penará.

— Levanta-te, Claralinda,
Rainha de Portugal,
Ide defender Dom Carlos
Para não ir a enforcar.
«Que ganhaste, mexeriqueiro,
A meu pai em ir contar?

— «Ganhei a forca, senhora,
D'ella me queira livrar.

D. Branca

(Sergipe)

— O que tens, ó Dona Branca,
Que de côr estás mudada?
«Agua fria, senhor pai,
Que bebo de madrugada.

— Juro por esta espada,
Affirmo por meu punhal,
Que antes dos nove mezes
Dona Branca vai queimada.
«Eu não sinto do morrer,
Nem tambem de me queimar,
Sinto por esta criança
Que é de sangue real.

Si eu tivera o meu criado,
Que fôra ao meu mandado,
Escreveria uma carta
A Dom Duarte de Montealbar.»

— «Fazei a carta, senhora,
Que eu serei o mensageiro;
Viagem de quinze dias
Faço n'uma Ave-Maria.

Escreve, escreve, senhora,
Que eu serei o teu criado;
Viagem de quinze dias,
No jantar serei chegado.
« Abre, abre crystallina
Janella de Portugal,
Quero entregar esta carta
A Dom Duarte de Montealbar.

Dom Duarte, que leu a carta
Logo se pôz a chorar,
Dando saltinhos em terra,
Como baleia no mar.
....
Dom Duarte se finge frade
P'ra princeza confessar
Lá no sexto *mandamento*
Um beijo nella quiz dar.

« Bocca que Duarte beijava
Não é pr'a frade beijar!

N'isto então se descobria
E com ella já fugia,
E para a bôda a levou.

O casamento mallogrado

(Sergipe)

Estava em minha janella
Casada com oito dias,
Entrou uma pombinha branca
Não sei que novas trazia.

« São novas ruins de chorar;
Teu marido está doente
Nas terras de Portugal;
Cahiu de um cavallo branco
No meio de um areial,
Arrebentou-se por dentro,
Corre o risco de finar.

A Nau Catherineta

(Sergipe)

Faz vinte e um annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho
Para de noite jantar.

A sola era tão dura,
Que a não pudemos tragar,
Foi-se vendo pela sorte
Quem se havia de matar,
Logo foi cahir a sorte
No capitão-general.
« Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

— Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal,
Vejo sete espadas nuas
Todas para te matar.
Ariba, ariba, gageiro,
A'quelle tope real,
Olha p'ra estrella do norte
Pára poder nos guiar.

— *Alvistas* (1), meu capitão,
Alvistas, meu general,
Avisto terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Tambem avistei tres moças
Debaixo d'um parreiral,
Duas cosendo setim,
Outra calçando o dedal.
« Todas tres são filhas minhas,
Ai! quem m'as dera abraçar!
A mais bonita de todas
Para comtigo casar.

— Eu não quero sua filha
Que lhe custou a crear,
Quero a *Nau Catherineta*
Para n'ella navegar.

« Tenho meu cavallo branco,
Como não ha outro igual;
Dar-te-lo-hei de presente
Para n-elle passear.

— Eu não quero seu cavallo
Que lhe custou a criar;
Quero a náo Catharineta
Para n'ella navegar.

« Tenho meu palacio nobre,
Como não ha outro assim,
Com suas telhas de prata,
Suas portas de marfim.

(1) Alviçaras.

— Eu não quero seu palacio
Tão caro de edificar,
Quero a náo Catharineta
Para n'ella navegar.

« A náo Cath'rineta, amigo,
E' d'El-Rei de Portugal,
Mas não serei mais ninguem,
Ou El-Rei te ha de dar.

« Desce, desce, meu gageiro,
Meu gaigeirinho real,
Já viste terras de Hespanha,
Areias de Portugal...

A Nau Catharineta

(Versão do Rio Grande do Sul)

Vem a *Nau Catharineta*,
Já farta de navegar :
Sete annos e mais um dia
Andou nas ondas do mar.
Não tinham mais que comer.
Nem tão pouco que manjar ;
Botaram solas de molho,
P'ra no domingo jantar ;
A sola era tão dura
Que não podiam tragar ;
Botaram sortes em branco
Ao qual havia tocar.
A sorte cahiu em preto
No capitão-general ;
A maruja era tão boa
Que o não queria matar.

« Sóbe, sóbe, oh! Chiquito,
N'aquelle tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha..
Areias de Portugal.

— Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal,
Vejo só a tres espadas
P'ra comtigo batalhar.
« Sóbe, sóbe alli, marujo,
N'aquelle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

— Alviçaras, meu capitão,
Alviçaras vos quero dar:
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal.

« Todas tres são minhas filhas,
Todas tres te dera a ti:
Uma para te lavar,
Outra para te engommar,
A mais bonita d'ellas todas,
Para comtigo casar.

Palavras não eram ditas,
Chiquito cahiu no mar.

Iria—a Fidalga

(Rio de Janeiro)

Estava sentada
Na minha costura
Passou um cavalleiro,
Pedindo pousada.
Se meu pai não dera
Muito me pezara.
E botou-se a mesa
Para o de jantar;
Muita comedia,
Pratas lavradas;
E se fez a cama
Com lençoes de renda,
Cobertas bordadas.
La p'ra meia noite
Elle alevantou-se,
Ninguem achou,
Só a mim levou.
A cabo de sete leguas
Elle me perguntou:
Na minha terra,
Como me chamava?
« Na minha terra
Iria — a fidalga,
Na terra estranha
Iria — a coitada.
Minha Santa Iria,
Meu amor primeiro...
A vós degolaram
Que nem um carneiro».

Flôr do Dia

(Versão do Recife)

« Alevanta, amor,
D'esse bom dormir,
Chame sua mãi
Para me acudir.

Levantou-se elle
Sem mais descanço,
Foi sellando logo
Seu cavallo branco.

— Deus vos salve, mãe,
No vosso estrado.
— « Deus vos salve, filho,
No vosso cavallo.
Apêa p'ra baixo
Jantar um bocado.
— Não quero jantar,
Que vim a chamado,
Que a Flôr do Dia
Lá ficou de parto.
— « De mim para ella
Um filho varão,
De espora no pé,
E espada na mão,
Rebente por dentro
Pelo coração.

— Flôr do Dia
Faça por parir,
Minha mãi está doente
E não póde vir.
« Alevanta, amor,
D'esse bom dormir,
Chame minha mãi
Para me acudir,

Que ella mora longe,
Mas sempre ha de vir.
Grande dôr, marido,
É dôr de parir!

— Deus vos salve, sogra,
No vosso estrado.
— Deus vos salve, genro,
No vosso cavallo.
Apêa p'ra baixo
Jantar um bocado.
— Não quero jantar,
Que vim a chamado,
Que a Flôr do Dia
Lá ficou de parto.
— De mim para ella:
Um filho estimado,
Que eu veja no throno
Um bispo formado
Espera lá, meu genro,
Deixa-me vestir,
Que ella mora longe,
Mas sempre hei de ir.

— Pastor de ovelhas,
Que signal é aquelle,
Que está dobrando?
— « E' Dona Estrangeira
Que morreu de parto,
Sem haver parteira.
— Aquelle sino
Não cessa de dobrar,
Nem meus olhos
Tambem de chorar.
Adeus, minha filha
Do meu coração,
Que morreu de parto
Sem minha benção.
Adeus, minha filha,
Que eu vinha te vêr,
Quem não tem fortuna
Mais val não nascer.

A Pastorinha

(Sergipe)

— Bella Pastorinha,
Que fazeis aqui?
« Pastorando o gado
Qu'eu aqui perdi.

— Tão gentil menina
Pastorando gado?!
« Já nasci, senhor,
Para este fado.

— Vamos cá, menina,
P'ra aquelle deserto,
Qu'eu pouco me importa
Que o gado se perca.
« Sae d'aqui, senhor,
Não me dê tormento;
Eu não quero vêl-o
Nem por pensamento.

....
....

Olhe, meu senhor,
Cá volte, correndo,
Que o amor é fogo,
Que me vai vencendo.
Olhem para elle
Como vem galante,
Com meias de sêda,
Calção de brilhante!
Si os manos vierem
Trazer a merenda?

— Elles não são bichos
Que a nós offenda.
« E si perguntarem
Em que me occupava?

— N'uma manga d'agua
Que a todos molhava.
« Bem sei que tu queres:
Que te dê um abraço;
E' á sombra do matto,
Mas isto eu não faço.

— Eu me sento aqui
Não com má tenção;
Juro-te, menina,
Que sou teu irmão.
« Sae por um monte,
Qu'eu sáio por outro,
A ajuntar o gado
Que é nosso todo.

Florioso

(Sergipe)

— Entre pedras e peneiras,
Senhora, vamos a ver;
Menina que estaes na fente,
Dai-me agua para beber.

« Com licença do Senhor,
E da Senhora da Guia,
Dizei-me, senhor mancebo,
Se vindes da companhia?

— A companhia que trago
Já vos digo na verdade;
Venho divertir o tempo,
Que é cousa da mocidade.

« E' cousa da mocidade,
Bem já me parece ser;
Dizei-me, senhor mancebo,
Se sabeis ler e escrever?

— Eu não sei ler e escrever,
Nem mesmo tocar viola;
Agora quero aprender
Na vossa real escóla...

« Escóla tenho eu de minha,
Nange p'ra negro aprender;
Juizo te dê Deus,
Memoria para saber.

— N'estas mimosas esquinas
Faz-se ausencia muito mal;
Eu sempre pensei, senhora,
Que vós me querieis mal.

« Quanto a mim, eu não te quero
N'alma, nem no coração;
Até só te peço, negro,
Que não me toques na mão.

— Nas mãos eu não vos tóco,
Nem mesmo bulo comvosco;
Quero estar a par de vós,
Pois eu n'isto levo gosto.

« Se tu n'isto levas gosto,
Desgostas por vida tua;
Que esta cara que aqui está
E' de outro e não é tua.

— Se é de outro e não é minha
Inda espero que ha de ser;
Menina, diga a seu pai
Que me mande receber.

« Taes palavras eu não digo
Que inda sou muito escusada,
Pois eu sou menina e moça,
Não sou para ser casada.

— Inda mais moças que vós
Regem casa e têm marido,
Assim ha-de ser, menina,
Quando casardes commigo.

« Mas eu não hei-de casar,
Porque não hei-de querer;
Eu não me metto a perigos,
Quando vejo anoitecer...

— Nem eu quero cousa á força,
Sinão por muita vontade,
Eu quero gozar a vida
Que é cousa da mocidade.—
....
....

« D'onde vem o Florioso
Das *melendias* penteadas? (1)
— Eu venho ser o vaqueiro
Das ovelhas mais das cabras.

« D'este mesmo gado eu cuido
Da mais fina geração:
— D'aquelle que veste luvas
De cinco dedos na mão.

« Já fui contar as estrellas,
— Eu já sei que estou no caso...
« Eu sei agora, mancebo,
Que tu só és o diabo...

(1) Melendias por *melenas*.

— O diabo eu não sou,
Ai! Jesus que feio nome!
Só peço ao Senhor da Cruz
Que este diabo vos tome. »

O cégo

(Sergipe)

— Sou um pobre cego,
Que ando sósinho,
Pedindo uma esmola
Sem errar o caminho.

Aqui está um cégo,
Pedindo uma esmola,
Devotos de Deus
E de Nossa Senhora.

« Minha mãi, acorde
Do seu bom dormir,
Que aqui está um cégo
A cantar e a pedir.

— « Se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cégo
Seguir seu caminho.

— Não quero seu pão,
Nem tambem seu vinho;
Só quero que Anninha
Me ensine o caminho.

— « Anna, larga á roca,
E tambem o linho;
Vae com o pobre cégo,
Lh'ensina o caminho.

« Já larguei a roca
E tambem o linho;
Já me vou com o cégo
Ensinar o caminho.

O caminho ahi vai
Mui bem direitinho,
Se fique ahi,
Vou fiar meu linho.

— Caminha, menina,
Mais um bocadinho;
Sou cégo da vista,
Não vejo o caminho.

« Caminhe, senhor cégo,
Que isto é bem tardar;
Quero ir-me embora,
Quero ir-me deitar.

— Aperta as passadas
Mais um bocadinho,
Sou cégo da vista,
Não vejo o caminho.

« Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra
Adeus, minha mãi,
Que tão falsa me era.

— Adeus, minha patria,
Adeus, gente boa;
Adeus, minha mãi
Que me vou á tôa.

« Valha-me Deus
E Santa Maria,
Qu'eu nunca vi cégo
De cavallaria.

— Se eu me fiz cégo
Foi porque queria;
Sou filho de conde,
Tenho bizarria.

Cala-te, menina,
Deixa de chorar;
Tu inda não sabes
O que vaes gozar.

— « Deus lhe dê bons dias,
Senhora visinha,
Esta meia noite
Me fugiu Anninha.

« — Deus lhe dê os mesmos!
De cara mui feia,
Tres filhas que tenho
Vou pôl-as na peia.

Xacara do Cégo

(Ceará)

— Sinhá da casa,
Venha vêr seu pobre;
Nem por vir pedir
Deixo de ser nobre.

« Não póde ser nobre
Quem vem cá pedir;
Não ha que lhe dar,
Já póde seguir.

— Não useis commigo
Tanta ingratidão,
D'este pobre cégo
Tende compaixão.

«Eu não sou dona,
Nem governo nada,
A dona da casa
Ainda está deitada.

— Se está deitada
Ide-a chamar;
Que o pobre do cégo
Lhe quer fallar.

«Acordai, senhora,
Do doce dormir;
Vinde vêr o cégo
Cantar e pedir.

—«Si elle canta e pede
Dai-lhe pão e vinho,
Para o pobre cégo
Seguir seu caminho

Larga, Anninha, a roca
E tambem o linho:
Vai ensinar o cégo
Seguir seu caminho.

«Aqui fica a roca,
Acabou o linho;
Marchai adiante, cégo,
Lá vai o caminho.

— Anda, anda, Anninha,
Mais um bocadinho;
Sou curto da vista,
Não enxergo o caminho.

«De conde e fidalgo
Me vi pretendida,
Hoje de um cégo
Me vejo rendida.

— Cala-te condessa,
Prenda tão querida,
Eu sou este conde
Que te pretendia.

«Cala-te, conde,
Não digas mais nada;
Só quero saiamos
D'aqui d'esta estrada.

Infinitas graças
Vos dou, meu senhor,
Já ter vencido
Um cruel amor.

Juliana

(Pernambuco)

— Deus vos salve, Juliana,
No teu estrado assentada.

«Deus vos salve, rei Dom Jóca,
No teu cavallo montado.
Rei Dom Jóca, me contaram
Que tu estavas p'ra casar?

— Quem t'o disse, Juliana,
Fez bem em te desenganar.

«Rei Dom Jóca, se casaes
Tornai ao bem querer,
Poderás enviuvar
E tornar ao meu poder,

— Eu ainda que enviuve
E que torne enviuvar,
Acho mais facil morrer
Do que comtigo casar.

«Espera ahi, meu Dom Joca,
Deixa subir meu sobrado,

Vou vêr um copo de vinho
Que p'ra ti tenho guardado.

— Juliana, eu te peço
Que não faças falsidade.
Vejaes que somos parentes,
Prima minha da minha alma.
Que me déste, Juliana,
N'este copinho do vinho,
Que estou com a rédea na mão,
Não conheço o meu caminho?
A minha mãi bem cuidava
Que tinha seu filho vivo.

« A minha tambem cuidava
Que tu casavas commigo.

— O' meu pai, senhora mãi,
Me bote sua benção,
Abrace bem apertado
O meu maninho João.
Meu pai, senhora mãi,
Me bote a sua benção;
Lembranças á Dona Maria,
Tambem á Dona Cellerencia.
A minha alma entrego a Deus,
O corpo á terra fria,
A fazenda e o dinheiro
Entregue a Dona Maria.

— « Cale a bocca, meu Dom Jóca,
Ponde o coração em Deus,
Que este copo de veneno
Quem te ha de vingar sou eu.

— Já acabou-se, já acabou-se,
O' flôr de Alexandria!
Com quem casará agora
Aquella moça Maria?
Já acabou-se, já acabou-se,
Já acabou-se, já deu fim.
Nossa Senhora da Guia
Queira se lembrar de mim.

Xacara de Dom Jorge

(Ceará)

Dom Jorge se namorava
D'uma mocinha mui bella ;
Mas se apanhando servido
Ousou logo de ausentar-se
Em procura d'outra moça
Para com ella casar.
Juliana que d'isto soube,
Começou logo a chorar,
A mãi lhe perguntou :

— De que choras, minha filha ?
«E' Dom Jorge, minha mãi,
Que com outra vai casar.
— Bem te disse, Juliana,
Que em homens não te fiasses ;
Não era dos primeiros
Que as mulheres enganasse.

— «Deus te salve, Juliana,
No teu sobrado assentada !
«Deus te salve, rei Dom Jorge,
No teu cavallo montado.
Ouvi dizer, rei Dom Jorge,
Que estavas para casar?
— «E' verdade, Juliana,
Te vinha desenganar.

«Esperai, rei Dom Jorge,
Deixa eu subir o sobrado ;
Deixa buscar um copinho
Que tenho p'ra ti guardado.

—« Eu lhe peço, Juliana,
Que não haja falsidade ;
Olhe que somos parentes,
Prima minha da minha alma.

«Eu lhe juro por minha mãi,
Pelo Deus que nos creou,
Que rei Dom Jorge não logra
Esse novo seu amor.

—« Que me deitas, Juliana,
N'este teu copo de vinho?
Estou com as rédeas nas mãos.
Não enchergo meu rucinho?
Ai, que é do meu paisinho,
Por elle pergunto eu ?
Eu morro, é de veneno
Que Juliana me deu.

— Morra, morra o meu filhinho,
Morra contrito com Deus,
Que a morte que te fizeram
Ella quem vinga sou eu.
—« Valha-me Deus do céo,
Que estou com uma grande dôr;
A maior pena que levo
E' não vêr meu novo amor.

A flôr de Alexandria

(Sergipe)

Adeus, centro da firmeza,
Adeus, flôr de Alexandria,
Se a fortuna me ajudar
Te buscarei algum dia.
Não sei se mais te verei ;
Qual será a minha sorte?
D'eu te amar ate á morte,
Como d'antes eu te amei?
Meu coração já te dei,
A outro não posso dar:
Só a ti posso affirmar,

Que d'outro não ha-de ser.
Guarda pois esta firmeza,
Nunca te esqueças de mim;
Se a fortuna me ajudar,
Esta ausencia terá fim.
Adeus, jasmim de alegria,
Espelho aonde me via;
Rompe o sol e rompe a aurora,
Adeus, clara luz do dia.

Branca-Flôr

(Versão do Recife)

« Se fôra na minha terra,
Filha, te baptisaria:
O nome que eu te botava
Rosa flôr de Alexandria,
Que assim se chamava
Uma irmã que eu tinha,
Que os mouros carregaram
Desde bem pequenininha.

— Se tu visses essa irmã,
Tu a conhecerieis?
Que signal me davas d'ella?
« Um signal de carne tinha,
Em cima do peito trazia,
Que ella assim se chamava
Rosa flôr de Alexandria.

Xacara de Flôres-Bella

(Versão do Ceará)

— Mouro, se fôres ás guerras
Trazei-me uma captiva,
Que não seja das mais nobres,
Nem tambem da vilania;
Seja das escolhidas
Que em Castelhana havia.

Sahiu o conde Flôres
Fazer essa romaria:
A condessa, como nobre,
Foi em sua companhia.
Matam o conde Flôres,
Captivaram Lixandria,
E trouxeram de presente
A' rainha da Turquia.

« — Vem cá, vem cá, minha moura,
Aqui está vossa captiva;
Já vou entregar as chaves,
As chaves da minha cozinha.
« Entregai, entregai, senhora,
Que a desgraça foi só minha;
Ainda hontem ser senhora,
Hoje escrava de cozinha.

Ao cabo de nove mezes
Tiveram os filhos n'um dia:
A moura teve um filho,
A captiva uma filhinha.
Levantou-se a moura
Com tres dias de parida,
Foi á cama da escrava:
— Como estaes, escrava minha?
« Como hei de estar, senhora?
Sempre na vossa cozinha.

Foi olhando para a criança,
Foi achando muito linda :

— Se estivesses em tua terra
Que nome tu botarias?
« Botaria Flôres-Bella,
Como uma mana que tinha,
Que os mouros carregaram,
Sendo ella pequenina.

— Se tu a visses hoje
Tu a conheccrias?
« Pelo signal que tinha
Só assim a conhecia;
— Que tinha um lyrio rôxo
Que todo o peitó cobria!
« Pelo signal que me daes,
Bem parece mana minha.

— Vem cá, vem cá, minha moura.
Que te diz tua captiva ?
« Eu já estou bem agastada,
E já me vou anojar.
Tu mandaste lá buscar,
O teu cunhado matár.

— Se eu matei meu cunhado,
Outro melhor te hei de dar.
— « Farei tua irmã senhora
Da minha monarchia!
« Eu não quero ser senhora
Da tua monarchia,
Quero ir para a minha terra
Onde contente assistia.

« — Apromptai, apromptai a nau,
Mais depressa em demasia,
Para levar Lixandria
Ella e sua filhinha.
« Adeus, adeus, Flôres-Bella!
Vai-te embora Lixandria.

E dái lá muitas lembranças
Á nossa parentaria;
Que eu fico como moura
Entre tanta mouraria.

A lima

(Sergipe)

A lima que você mandou
No meu peito se acabou;
Quando a lima era tão doce,
Quanto mais quem a mandou!

Você manda e eu recebo,
Vidinha por derradeiro...
Um cravo que eu achei
Aberto no seu craveiro.

Não será de cheiro igual
A lima que me mandou;
As casquinhas eu guardei
Até sua vista primeira.
Quem no seu jardim plantou
Tão rico pé de limeira,
Que de doce já enfara,
Que p'ra mim só se compara
A um beijo de sua bocca?
Só um caroço não tinha...
Pago bem a quem me trouxe,
Que o cheiro não acabou-se;
Certo é qne muito cheira
A lima que me maudou.

Pegue na sua liminha
Enterre lá no jardim;
Que lima para cheirar
Nunca vi cousinha assim...
A lima verde é cheirosa!...
Deixa-me, fructa amorosa,
O teu pé é o espinheiro?
Pois me chamam derroteiro
No centro dos namorados...
Lima verde tem bom cheiro;
O amor não é por dinheiro;
Mas p'ra onde elle pendeu...

Ò Genipapo

(Sergipe)

— Meu genipapo doce,
Allivio de toda a tarde,
Bem podéra me levar
Para allivio de meus males.
« Fique-se com Deus, meu bem,
Meu genipapo gostoso;
Que no tempo que eu lhe amava,
Por vossê me desvelava,
E' porque sempre cuidava
Que vossê firme seria;
Mas já que chegou o dia
De vossê de mim se esquecer,
Procurando a quem foi seu,
Póde viver na certeza
Que p'ra mim vossê morreu.

Senhor Pereira de Moraes

(Sergipe e Rio de Janeiro)

Onde vai, senhor Pereira de Moraes?
Vossê vai, não vem cá mais;
As mulatinhas ficam dando ais,
Fallando baixo,
Para metter palavriado...
Tomando o pente
P'ra fazer seu penteado...
Com bem cuidado
Para abrir liberdade? (1)
Qu'é d'êl-o perú azul?
Qu'é d'êl a banha do teyú?
Dois amantes vão dizendo
« Venda a roupa e fique nú... »
Mulatinhas renegadas,
Mais as suas camaradas,
Me comeram o dinheiro.
Me deixaram esmolambado;
Ajuntaram-se ellas todas
P'ra fazer-me galhofadas...
Ora, meu Deus,
Ora, meu Deus,
Qu' estas mulatinhas
São peccados meus...

A Mutuca

(Sergipe)

Hoje eu fui por um caminho
E topei um gavião
Com a mutuca no chapeu,
Moriçoca no calção.

(1) Chama-se assim o repartimento do cabello pelo meio da cabeça, *a estrada real*, como dizem

Encontrei um persevejo
Montado n'um caranguejo,
Caranguejo de barrete,
Moriçoca de balão.
Homem velho sem ceroulas
Não se atrepe em bananeira;
Mulher velha alcoviteira,
Toda gosta de funcção.
    Arrepia sapucaia,
      Sambambaia;
    Manoel Pereira
    Macacheira,
    Manipueira. (1)
O teu pai era ferreiro,
O meu não era;
Tua mãi toca folles,
    Meu amor,
Para tocar alvorada
Na porta do trovador.
....
....

Redondo, sinhá

(Sergipe)

Oh! sinhá, minha sinhá,
Oh! sinhá de meu abrigo,
Estou cantando o meu redondo,
Ninguem se importe commigo.

    Redondo sinhá.

Certa velha intentou
Urinar n'uma ladeira,

(1) Macacheira é o aypim, *Manihot-aypi*; a manipueira é o caldo da mandioca depois de extrahida d'elle a tapioca ou polvilho.

Encheu rios e riachos,
E a lagôa da Ribeira,

Redondo, sinhá.

E sete engenhos môeu,
Sete frades afogou,
E a maldita d'esta velha
Inda diz que não mijou...

Redondo, sinhá.

Esta velha intentou
Vestir panno de fustão,
Precisou quinhentos covados
P'ra fazer um *cabeção.*

Redondo, sinhá.

Depois do panno cortado
Não sahiu de seu agrado;
Precisou d'outros quinhentos
Para fazer os *quadrados.* (1)

Redondo, sinhá.

Esta velha intentou
Tirar um dente do queixal,
Procurou quinhentos bois
E cem cordas de laçar.

Redondo, sinhá.

Não sou pinto de vintem,
Não sou frango de tostão;
A maldita d'esta velha
Quer fazer de mim capão.

Redondo, sinhá.

(1) Partes da camisa da mulher que ficam sob os braços; oppõem-se ás *hombreiras*.

Eu caso comtigo, velha,
Ha de ser com condição
D'eu dormir na boa cama,
E tu, velha, no fogão.

Redondo, sinhá.

Eu casei comtigo, velha,
P'ra livrar da filharada...
Quando entrou em nove mezes
Pariu cem de uma ninhada!

Redondo, sinhá.

Trinta e um meios de sola
Na praça se *rematou*,
P'ra fazer seu sapatinho...
Assim mesmo não chegou.

Redondo, sinhá.

A velha quando morreu,
Eu mandei-a enterrar;
Como não coube na terra
Mandei-a lançar no mar.

Redondo, sinhá.

Ah! Redondo, sinhá!

(Rio de Janeiro)

Ah! redondo, sinhá,
Senhora de meu favor,
Estou cantando o meu redondo,
Que me importa, meu amor?

Redondo, sinhá.

O cabello d'esta velha,
E' caso de admirar,
Um fio de seu cabello
Dá *prima* para tocar...

Redondo, sinhá.

Esta velha já mijou
Lá detraz de uma gambôa;
Inundou um campo inteiro,
Alagou uma canôa...

Redondo, sinhá.

O dentinho d'esta velha,
E' caso de admirar,
Toda uma junta de bois
Não arredou do lugar...

Redondo, sinhá.

Manoel de O' Bernardo

(Ceará)

Indo eu para a novena
Na villa da Floresta,
O major Antonio Lucas
Convidou-me para a festa.
«*Seu* major Antonio Lucas,
Como é que eu hei de ir?
Quem anda por terra alheia
Não tem roupa p'ra vestir.
— Dou-te cavallo de sella,
E roupa p'ra te vestir,
Dinheiro para comeres,
Escravo p'ra te servir.—
Estava jantando em casa

Um dia bem descansado,
Quando dei fé que chegava
Ccavallo fino sellado:
«Seu major manda dizer
Que é já tempo do chamado!»
Quando eu sahi de casa
Logo peguei a encontrar,
Era homens e mulheres...
— «Vai cantar com Rio-Preto?
E' melhor que não vá lá!...»
Porque se importa esta gente
Da desgraça que commetto?
Hão de ter logo noticia
Que fim levou Rio-Preto.
Quando ganhei lá por dentro
N'aquelle campo mais largo,
O povo que eu encontrava
De mim ficava pasmado:
«Queira Deus este não seja
Manoel de O' Bernardo!»
Distante bem quinze leguas
De mim tiveram noticias;
Ao major Antonio Lucas
Foram pedir as *alviças*.
Era gente p'ra me vêr
Como a doutor na justiça,
E o povo de Rio-Preto
Era urubú na carniça.
Seu major Antonio Lucas,
Quando elle me enxergou,
Botou *oclo de arcance*:
«Lá vem o meu cantador!»
Quando fui chegando em casa,
Na entrada do terreiro,
Antes de lhe dizer *adeus*,
Deu-me um abraço primeiro:
— Ora vem cá, ó Bernardo,
Filho de Deus verdadeiro.
«Seu major Antonio Lucas,
Me mande dar de cear;
Qnero vêr se Rio-Preto
Inda é forte no lugar.»

Elle puxou pelo braço
E mandou botar a ceia ;
Eu fiquei agradecido,
Pois estava em terra alheia.
Ao levantar a toalha,
Puz as mãos para rezar,
Quando chegou um aviso
Que já vinham me chamar.
Eu sahi logo á frescata,
Rio-Preto me fallou.
Não te afastes, Rio-Preto,
A resposta já te dou.
« — Manoel do O' Bernardo,
Olha que já estou previsto,
Segura o botão da calça,
Aqui tens homem na vista.
« Rio-Preto, tu vigia,
Olha que bom não sou, não,
Aperta o botão da calça,
Segura o cós do calção.
« — A onça não faz carniça
Que não lhe coma a cabeça,
Nunca vi a cantador
Que por fóra não conheça.
« Apois manda fazer uma
Com seis braças de fundura ;
Como é bicho de represa,
Tanto lava como fura.
Quando vim da minha terra
Truce ferro cavador
Para tapar Rio-Preto,
Deixal-o sem sangrador.
« — Se tapares o meu rio,
Não tapas o meu riacho,
Que eu represo nove leguas,
Botando a parede abaixo.
« Rio-Preto, se tu vires
Eu passear em gangorras,
Se tu vires, não te assustes,
Se te assustares, não corras ;
Se correres, não te assombres ;
Se te assombrares, não morras.

Rio-Preto, não me vexo
Para subir a ladeira,
Subo de cócra e de banda,
Subo de toda a maneira;
Até mostro preferencia
Em subil-a na carreira.
« — Manoel do O' Bernaldo,
Olha, ja me vou d'aqui;
Já estou certificado
Que tens o major por ti.
« O *fama* do Rio-Preto,
Um *cabra* tão cantador,
Descobriu por bocca propria
Que era atraiçoador.
« — Manoel do O' Bernardo,
Reza o acto de contrição,
Que viemos te matar,
Não ficas mais vivo, não.
A madrinha da noiva
Foi quem te mandou matar,
Para de outra donzella
Te não ires mais gabar.
« A madrinha do noivado,
Por ser moça de acção,
Por um elogio tirado
Deu-me a mim um patacão;
Deu quatro para o meu bolso,
E quatro p'ra minha mão.
« — Nós viemos te matar,
Ganhando trinta mil réis,
Mas por causa do *despacho*
Cada um te damos dez.

A Moura

(Pernambuco)

Estava a moura
Em seu lugar,
Foi a mosca
Lhe fazer mal;
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava a mosca
Em seu lugar,
Foi a aranha
Lhe fazer mal;
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava a aranha
Em seu lugar,
Foi o rato
Lhe fazer mal;
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o rato
Em seu lugar,
Foi o gato

Lhe fazer mal;
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia,
Inquietar!

Estava o gato
Em seu lugar,
Foi o cachorro
Lhe fazer mal;
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o cachorro
Em seu lugar,
Foi o pau
Lhe fazer mal;
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Idquietar!

Estava o pau
No seu lugar,

Foi o fogo
Lhe fazer mal;
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o fogo
Em seu lugar,
Foi a agua
Lhe fazer mal;
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava a agua
Em seu lugar,
Foi o boi
Lhe fazer mal;
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,

O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o boi
Em seu lugar,
Foi a faca
Lhe fazer mal;
A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava a faca
Em seu lugar,
Foi o homem
Lhe fazer mal;
O homem na faca,
A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,

A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

Estava o homem
Em seu lugar,
Foi a morte
Lhe fazer mal;
A morte no homem,
O homem na faca,
A faca no boi,
O boi na agua,
A agua no fogo,
O fogo no pau,
O pau no cachorro,
O cachorro no gato,
O gato no rato,
O rato na aranha,
A aranha na mosca,
A mosca na moura,
A moura fiava;
Coitada da moura,
Que tudo a ia
Inquietar!

À Ribeira Velha

(Sergipe)

Ribeira velha,
Porto de mar,
Aonde as barquinhas
Vão calafetar...
Peguem na ferragem,
Lancem lá no mar

P'ra fazer uma nau,
Uma nau bem galante,
Para navegar
Pelas partes da India...
Aquelle menino
E' da banda miuda.
Cambrainhas finas
Não são p'ra vossê;
P'ra gente, sinhá,
Que me faz a mercê,
Que deita na cama,
Não tem que dizer.
Felix do Retiro
Mandou-me chamar,
Eu mandei dizer
Que não ia lá...
Arengas com frade
Não quero tomar.
Conversas de dia
Acabam de noite
Em prantos de choros
De Manoel João,
Que anda na rua
Com seu pé no chão,
Bulindo com mulatinhas,
Bulindo com crioulinhas.
Lá no Mundo Novo
Tem uma casinha;
Dentro della mora
Certa mulatinha.
....
....

O Jaburú

(Sergipe)

Quando eu vim do Jaburú
Fui á noite passear,
Encontrei com cirysinho
Carregado de araçá;
E fallei para comprar
Para dar á mãi Thereza.
Como foi maracareza
Engordar o meu vintem...
As meninas do Bugio
Não comem sinão feijão....
Meus senhores e senhoras,
Desculpai a minha acção.

....
....

A Mulatinha

(Sergipe)

— Estava de noite
Na porta da rua,
'*Proveitando* a fresca
Da noite de lua,
Quando vi passar
Certa mulatinha,
Camisa gommada,
Cabello entrançadinho.
Peguei o capote,

Sahi atraz della,
No virar do becco
Encontrei com ella.
Ella foi dizendo:
« Senhor, o que quer?
Eu já não posso
Estar mais em pé.
Olhei-lhe p'r'as orelhas,
Vi-lhe uns brincos finos,
Na restea da lua
Estavam reluzindo.
Olhei p'r'o pescoço,
Vi um bello collar;
Estava a mulatinha
Boa de se amar.
Olhei-lhe p'r'os olhos,
Vi bem foi ramela;
De cada um torno
Bem dava uma vela.
Olhei-lhe p'r'a cara,
Não lhe vi nariz;
No meio do rosto
Tinha um chafariz.
Olhei-lhe p'r'a bocca
Não vi-lhe um só dente;
Parecia o diabo
Em figura de gente.
Olhei-lhe p'r'os peitos,
Eram de marmota;
Pareciam bem
Peitos de uma porca.
Olhei-lhe p'r'as pernas,
Eram de vaqueta;
Comidas de lepra,
E cheias de greta.
Olhei-lhe p'r'os pés,
Benzi me de medo;
Tinha cem bichos
Em cada um dedo.

Os cócós de cordão

(Sergipe)

« A minha mana Luiza
E' moça de opinião;
Passou a mão na thesoura,
Deu com os cócós no chão.

Sete canadas de azeite,
Banha de camaleão
E' pouco p'ra fazer banha
P'ra estes cócós de cordão.

O cebo está muito caro,
'Stá valendo um dinheirão;
Quero vêr com que se acocham
Estes cócós de cordão.

Os caixeiros da Estancia (1)
Levam grande repellão,
Para não venderem sebo
P'ra estes cócós de cordão.

Deus permitta que não chova,
P'ra não haver algodão;
Quero vêr com que se amarram
Estes cócós de cordão.

Na fonte da gamelleira
Não se lava com sabão;
Se lavam com folhas verdes
Estes cócós de cordão.

(1) Cidade de Sergipe,

Às negras de taboleiro
Não comem mais carne, não;
Só comem sebo de tripa
D'estes cócós de cordão.

O moço que é brasileiro,
Que conserva opinião,
Não deita na sua rêde
D'estes cócós de cordão.

Ajuntem-se as moças todas
Em redor d'este pilão,
Qu'é p'ra pizarem o sebo
P'ra estes cócós de cordão.

Ajuntem-se as velhas todas
Em roda do violão,
Qu'é p'ra dançarem o *samba* (1)
D'estes cócós de cordão.

A Moqueca

(Sergipe e Bahia)

Minha moqueca está feita,
Meu bem;
Vamos nós todos jantar:
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de côco,
Molho de fubá;
Tudo bem feitinho

(1) Dança popular; synonymo de *chita*, *caterètê*, *bahiano*, *andango*, *candomblé*.

Por mão de yayá;
Tudo mexidinho
Por mão de sinhá!...
Qual será o ladrão
Que não gostará?!...
Qual será o demonio
Que não comerá?!...

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
Só falta azeite dendê;
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de côco,
Molho de fubá, etc.

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
O que lhe falta é limão:
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de côco,
Molho de fubá,
Tudo bem feitinho
Por mão de yayá, etc.

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
Tambem levou pimentão.
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de côco,
Molho de fubá,
Tudo bem feitinho, etc.

Minha moqueca é gostosa
Meu bem;
As moças venham provar.
Bravos os dêngos,

Da minha yayá ;
Moqueca de côco,
Molho de fubá,
Tudo bem feitinho, etc.

Oh! que gente tão gulosa,
Meu bem ;
A moqueca se acabou.
Bravos os dêngos
Da minha yayá ;
Moqueca de côco,
Molho de fubá,
Tudo bem feitinho, etc.

O ladrão do Padresinho

(Sergipe)

O ladrão do padresinho
Deu agora em namorador ;
Padre, vossê vá-se embora,
Que eu não quero o seu amor.
— O amor não é seu
E' de Raphael ;
Raphael quando fôr
E' de quem quizer...
Vou criar as minhas raivas
Com meus calundús, (1)
P'ra fazer as cousinhas
Que eu bem quizer...
Ai! me largue o babado!
Ai! me largue, *diacho!* (2)
Que diacho de padre,
Ai, meu Deus!
Que diacho de padre,
Meu Santo Antonio!...

(1) Zangas, aborrecimentos, effeitos do *flato*, como dizem.
(2) Transformação de diabo.

O padre já estava orando,
Quando a mulata chegou;
Veiu dizer lá de dentro:
— Eu sou seu venerador:
    O amor não é seu,
    E' de Raphael;
    Raphael quando fôr, etc.

O padre foi dizer missa
Lá na torre de Belém;
Em vez de dizer *Oremus*,
Chamou Maricas—*Meu bem*!...
    O amor não é seu,
    E' de Raphael;
    Raphael quando fôr, etc.

Eu perguntei ao padre:
Porque deu em meu irmão?
— Com saudades das morenas,
Não quero ser padre, não.
    O amor não é seu,
    E' de Raphael;
    Raphael quando fôr, etc.

Quero bem á mulatinha...

(Sergipe)

Quero bem á mulatinha
Por ser muito de meu gosto;
Se os parentes se anojarem,
Um valente topa outro.
Pelo feixe da espingarda,
Pelo cano que ella tem,
Pelo fio de minha espada
Que não engeito a ninguem.

Se puxar por minha espada
Na beirinha da lagôa,
Se acaso fico perdido,
Seja por cousinha boa.
Rompo chuvas e trovões,
Coriscos, e criminoso
Ando no mundo, queixoso
Sem de mim se fallar nada!...
Hei-de amar a mulatinha
Pelo feixe da espingarda.
Viva Sant'Anna e Maria,
E S. Joaquim n'este dia;
Deus quando subiu p'ra guia
Deixou para valimento
O testemunho da gente.
Para amparo dos christãos
Viva Sant'Anna e Maria.

Chula

(Pernambuco)

Eu nasci dentro da lima,
Do caroço fiz encosto;
Ai, amor!
Quem geme
E' que sente a dôr...
Ai, meu bem,
Divirta-se e passe bem!
Ai, minha vida,
Minha saia,
Minha joia,
Minha pitingoia!
Ai, amor!
Quem geme
E' que sente a dôr...
Ai, meu bem,
Divirta-se, e passe bem!

Fragmento do Cabelleira

(Pernambuco)

—Fecha a porta, gente,
Cabelleira ahi vem,
Matando mulheres,
Meninos tambem.
Corram, minha gente,
Cabelleira ahi vem,
Elle não vem só,
Vem seu pai tambem.
« Meu pai me pediu
Por sua benção
Que eu não fosse molle,
Fosse valentão.
Lá na minha terra,
Lá em Santo Antão,
Encontrei um homem
Feito um guaribão,
Puz-lhe o bacamarte,
Foi *pá*, *pi*, no chão.
Minha mãi me deu
Contas p'ra rezar,
Quem tiver seus filhos
Saiba-os ensinar,
Veja o Cabelleira
Que vai a enforcar.
....
Meu pai me chamou:
— Zé Gomes, vem cá;
Como tens passado
No *cannavial*?
«Mortinho de fome,
Sequinho de sede,
Só me sustentava
Em canninhas verdes,
— Vem cá, José Gomes,
Anda-me contar
Como te prenderam

No cannavial?
« Eu me vi cercado.
De cabos, tenentes,
Cada pé de canna
Era um pé de gente.
....

O Rabicho da Geralda

(Ceara)

I

Eu fui o liso Rabicho,
Boi de fama conhecido;
Nunca houve n'este mundo
Outro boi tão destemido.
Minha fama era tão grande.
Que enchia todo o sertão
Vinham de longe vaqueiros
P'ra me botarem no chão.
Ainda eu era bezerro
Quando fugi do curral
E ganhei o mundo grande
Correndo no bamburral.
Onze annos eu andei
Pelas catingas fugido,
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido.
Morava em cima da serra
Onde ninguem me avistava,
Só sabiam que era vivo
Pelo rasto que eu deixava.
Sahi um dia a pastar
Pela malhada do Chisto,
Onde por minha desgraça
D'um caboclinho fui visto.

Partiu elle de carreira
E foi por alli aos topes
Dar novas de me ter visto
Ao vaqueiro José Lopes.
José Lopes que isso ouviu,
Foi gritando ao filho João:
— Vai-me vêr o Barbadinho,
E o cavallo Tropelão.
Dá um pulo no compadre,
Que venha com o seu ferrão,
Para irmos ao Rabicho,
Qu'ha-de ser um carreirão.»

Foi montando o José Lopes
E deu linha ao Barbadinho,
Tirando inculcas de mim
Pela gente do caminho.
Encontrou Thomé da Silva
Que era velho topador:
— Dá-me novas do Rabicho
Da Geralda, meu senhor?
— Homem, eu não o vi;
Se o visse, do mesmo geito
Ia andando o meu caminho
Que era lida sem proveito.
«Pois então saiba o senhor,
A cousa foi conversada,
A minha ama já me disse
Que d'esse boi não quer nada.
Uma banda e mais o couro
Ficará para o mortorio,
A outra será p'ra missas
A's almas do purgatorio.

Despediu-se o José Lopes
E metteu-se n'um carrasco;
Dando n'um rasto de boi,
Conheceu logo o meu casco.
Todos tres muito contentes
Trataram de me seguir,
Consummiram todo o dia,

E á noite foram dormir.
No fim de uma semana
Voltaram mortos de fome,
Dizendo : «O bicho, senhores,
Não é boi ; é lobishome.»

II

Outro dia que eu malhei
Perto d'uma ribanceira,
Ao longe vi o Cherem
Com seu amigo Moreira.
Arranquei logo d'ahi
Em procura de um fechado ;
Juntou atraz o Moreira
Correndo como um damnado.
Mas logo adiante esbarrei
Escutando um zoadão ;
Moreira se despenhou
No fundo de um barrocão :

« Corre, corre, boi malvado,
Não quero saber de ti,
Já me basta a minha faca
E a espora que perdi.
Alevantou-se o Moreira
Juntando todo o seu trem,
E gritou que lhe acudisse
Ao seu amigo Cherem.
Corre a elle o Cherem
Com muita resolução :
— « Não se engane, sô Moreira,
Que o Rabicho é tormentão.
« Ora deixe-me, Cherem ;
Vou mais quente que uma braza.
Seguiram pela vereda
E lá foram ter á casa.

III

Resolveram-se a chamar
De Pajeú um vaqueiro ;

D'entre todos que lá tinha
Era e maior catingueiro.
Chamava-se Ignacio Gomes,
Era um cabra coriboca,
De nariz achamurrado,
Tinha cara de pipoca.
Antes que de lá sahisse
Amolou o seu ferrão:
« Onde encontrar o Rabicho
D'um tope o boto no chão.

Quando esse cabra chegou
Na fazenda da Gruixaba,
Foi todo o mundo dizendo:
Agora o Rabicho acaba.
« Senhores, eu aqui estou,
Mas não conheço dos pastos:
Só quero me dêem um guia
Que venha mostrar-me os rastos.
Que eu não preciso de o vêr
Para pegar o seu boi;
Basta-me só vêr-lhe o rasto
De tres dias que se foi. »

IV

De manhã logo mui cedo
Fui á malhada do Chisto,
Em antes que visse o cabra
Já elle me tinha visto.
Encontrei me cara a cara
Com o cabra topetudo;
Não sei como n'esse dia
Alli não se acabou tudo.
Foi uma carreira feia
Para a Serra da Chapada,
Quando eu cuidei, era tarde,
Tinha o cabra na rabada.
« Corra, corra, camarada,
Puxe bem pela memoria;
Quando eu vim da minha terra
Não foi p'ra contar historia. »

Tinha adiante um páu cahido
Na descida de um riacho ;
O cabra saltou por cima,
O ruço passou por baixo.
«Puxe bem pela memoria,
Corra, corra, camarada ;
Quando eu vim de minha terra
Não vim cá dar barrigada.»
O guia da contra-banda
Ia gritando tambem :
«Veja que eu não sou Moreira,
Nem seu amigo Cherem.»

Apertei mais a carreira,
Fui passar no boqueirão.
O ruço rolou no fundo,
O cabra pulou no chão.
N'esta passagem dei linha,
Descancei meu coração,
Que não era d'esta feita
Que o Rabicho ia ao moirão.

O cabra desfigurado
Lá foi ter ao carrapicho :
—Seja bem apparecido,
Dá-me novas do Rabicho ?
«Senhores, o boi eu vi,
O mesmo foi que não vêr,
Pois como este excommungado
Nunca vi um boi correr.»
Tornou-lhe o Goes n'este tom :
—Desengane-se co'o bicho ;
Pelos olhos se conhece
Quem dá volta no Rabicho.
Esse boi, é escusado,
Não ha quem lhe tire o fel ;
Ou elle morre de velho,
Ou de cobra cascavel.

V

Veiu aquella grande sêcca
De todos tão conhecida;
E logo vi que era o caso
De despedir-me da vida.
Seccaram-se os olhos d'agua
Onde eu sempre ia beber,
Botei-me no mundo grande,
Logo disposto a morrer.
Segui por uma vereda
Até dar n'um cacimbão,
Matei a sede que tinha,
Refresquei o coração.
Quando quiz tomar assumpto
Tinham fechado a porteira;
Achei-me n'uma gangorra
Onde não vale carreira.
Corrigi os quatro cantos,
Tornei a voltar atraz,
Mas toda a minha derrota
Foi o diabo do rapaz.

Correu logo para casa
E gritou aforçurado:
«Gentes, venham depressa
Que o Rabicho está pegado.»
Trouxeram tres bacamartes,
Cada qual mais desalmadô;
Os tres tiros que me deram
De todos fui trespassado.
Só assim saltaram dentro,
Eram vinte p'ra me matar,
Sete nos pés, dez nos chifres,
E mais tres p'ra me sangrar.
Disse então o José Lopes
Ao compadre da Mafalda:
«Só assim nós comeriamos
Do rabicho da Geralda».

VI

Acabou-se o boi de fama,
O corredor famanaz,
Outro boi como o Rabicho
Não haverá nunca mais.

O Boi-Espacio

(Sergipe)

Eu tinha meu *Boi-Espacio*, (1)
Qu'era meu boi cortelleiro, (2)
Que comia em tres sertão, (3)
Bebia na Cajazeira, (4)
Malhava (5) lá no oiteiro,
Descançava em Riachão. (6)
Eu tinha meu *Boi-Espacio*,
Meu boi preto caraúna;
Por ter a ponta mui fina,
Sempre fui botei-lhe a unha.
Estava na minha casa,
Na minha porta assentado;
Chegou seu Antonio Ferreira, (7)
Montadado no seu rução.
Com o irmão de Damião.
Montado no seu lazão, (8)

(1) Boi de pontas largas.
(2) Boi manso, que vem sempre ao curral, por opposição ao boi *barbatão*, que é o amontado.
(3) O povo não guarda os pluraes, quando assim o exige a rima.
(4) Logar proximo à villa do Lagarto, em Sergipe.
(5) O povo ordinariamente diz: *maiáva*, *maiadô*, *maia*, em logar de malháva, malhador, malhar.
(6) Villa da provincia de Sergipe.
(7) Antonio Ferreira, e Damião, vaqueiros celebres.
(8) Lazão por *alazão*.

Dizendo de coração:
— Botai-me este boi no chão.
Gritei pelo meu cachorro,
Meu cachorro Tubarão:
«Agora, meu boi, agora,
Faz acto de contrição!
Ecô, meu cachorro êcô!...»
No curral da Piedade
Eu dei com meu boi no chão.
Ao depois do boi no chão,
Chegou o moleque João,
Se arrastando pelo chão,
Fazendo as vezes de cão, (1)
Pedindo o sebo do boi
P'ra temperar seu feijão.
A morte deste meu boi
A todos fizera pena;
Ao depois d'este boi morto,
Cabou-se (2) meu boi, morena.
« No anno em que eu nasci,
No outro que me criei,
No outro que fui bezerro,
No outro que fui mamote, (3)
No outro que fui garrote,
No outro que me caparam
Andei bem perto da morte.
« Minha mãi era uma vacca,
Vaquina de opinião;
Ella tinha o ubre grande
Que arrastava pelo chão.
Minha mãi era uma vacca,
Vaquinha de opinião;
Emquanto fui barbatão
Nunca entrei em curralão,
Estava no meu descanço
Debaixo da cajazeira,
Botei os olhos na estrada,

(1) O diabo, o demonio.
(2) Por *acabou-se*.
(3) Bezerro grande.

Lá vinha seu Antonio Ferreira...
Estando n'uma malhada
Já na sombra recolhido,
Logo que vi o Ferreira
Alli achei-me perdido.
Foi-me tudo ao contrario,
E sempre fui perseguido;
Já me conhecem o rasto,
O *Boi-Espacio* está perdido.
Não tem a culpa o Ferreira,
Que não me pôde avistar,
Foi o caboclo damnado
Que parte de mim foi dar.
O seu Antonio Ferreira
Tem tres cavallos damnados:
O primeiro é o ruço,
O segundo é o lazão,
O terceiro é o Piaba...
Tres cavallo endiabrados! (1)
Mas eu não temo cavallo,
Que se chama o Deixa-fama,
Tambem não temo o vaqueiro
Que derrubei lá na lama.
Me metteram no curral,
Me trancaram de alçapão;
E bati n'um canto e n'outro,
Não pude sahir mais não!
Adeus, fonte onde eu bebia,
Adeus, pasto onde eu comia,
Malhador onde eu malhava;
Adeus, ribeira corrente,
Adeus, caraiíba verde,
Descanço de tanta gente!...

O couro do *Boi-Espacio*
Deu cem pares de surrão,
Para carregar farinha
Da praia de Maranhão.

(1) Por *cavallos endiabrados*; ha muito d'isto nos cantos populares, quando o exige o metro.

O fato do *Boi-Espacio*
Cem pessoas a tratar,
Outras cem para virar...
O resto pr'a urubusada.
O cebo do *Boi-Espacio*
D'elle fizeram sabão
Para se lavar a roupa
Da gente lá do sertão. (1)
A lingua do *Boi-Espacio*,
D'ella fizeram fritada;
Comeu a cidade inteira,
Não foi mentira, nem nada.
Os miolos do *Boi-Espacio*,
D'elles fez-se panellada;
Comeu a cidade inteira,
O resto p'ra cachorrada.
Os cascos do *Boi-Espacio*,
D'elles fizeram canôa,
Para se passar Marôtos (2)
Do Brasil para Lisboa.
Os chifres do *Boi-Espacio*,
D'elles fizeram colhér
Para temperar banquetes
Das moças de Patamuté. (3)
Os olhos do *Boi-Espacio*,
D'elles fizeram botão
Para pregar nas casacas
Dos moços lá do sertão.
Costellas do *Boi-Espacio*,
D'ellas se fez cavador
Para se cavar cacimbas;
De duras não se quebrou. (4)
O sangue do *Boi-Espacio*

(1) As rapsodias sergipanas tratam com certo desdem os homens do sertão, a gente *lá de cima*, como chamam.

(2) Isto indica que esta parte, pelo menos, do *Boi-Espacio* é contemporanea, senão posterior, às luctas da Independencia.

(3) Sertão da provincia da Bahia.

(4) E' o caso já notado,

Era de tanta excepcão
Que afogou a tres vaqueiros.
Todos tres de opinião.
Canellas do *Boi-Espacio*,
D'ellas se fizera mão
Para pizar o milho
Da gente lá do sertão.
E da pá do *Boi-Espacio*.
D'ella se féz tamborete
Para mandar de presente
A nosso amigo Cadete.
Do rabo do *Boi-Espacio*,
D'elle fizeram bastão
Para as velhas lá de cima
Andar com elle na mão.

O Boi Espacio

(Variante do Ceará)

Foi garrote, foi capado
No curral da Piedade;
Nunca temeu a vaqueiro,
Nem a vára de ferrão,
Nem o mesmo José de Castro
No cavallo *Riachão*.
Do chifre do Boi-Espacio
D'elle fez-se uma canôa,
Para embarcar a gente
Do Recife p'ra Lisboa.
Dos olhos do Boi-Espacio
D'elles fez-se uma vidraça

Para espiar as moças
Quando passeiam na praça.
Da cabeça do Boi-Espacio
Della se fez um banqueiro
Para retalhar a carne
Da gente do Saboeiro.
O couro do Boi Espacio,
Tirado por minha mão,
Deu trinta jogos de malas,
Nove pares de surrão.
A rabada do Boi-Espacio,
Tirada por minha mão,
Deu trinta laços de corda,
Nove pares de surrão.
A carne do Boi Espacio
Botada no estaleiro,
Comeram vinte familias
De janeiro a janeiro.
O corredor do Boi-Espacio
Deu tamanha corredeira,
Que todo o povo do Crato
Ficou-se de caganeira.
As tripas do Boi-Espacio
Tiradas por minha mão,
Deu dez cargas de linguiça,
Onze arrobas de sabão.
Do debulho do Boi-Espacio
D'elle se fez barrella,
Para se lavar a roupa
Da gente da Manoela.
Da unha do Boi Espacio
Quatro obras se formou,
Uma jangada, uma lancha,
Um palacio e um vapor.
Das orelhas do Boi-Espacio
Quatro obras se formou,
Um abano, uma esteira,
Uma maca, um tambor.
Este meu Boi-Espacio
Morava em dous sertãos,
Comia nos Cipoaes,

Bébia nos Caldeirãos.
Matei o meu Boi-Espacio
Em uma tarde serena,
Toda a gente da ribeira,
Que não chorou, teve pena.

A vacca do Burel

(Pernambuco)

Na fazenda do Burel,
Nos verdes onde pastei,
Muitos vaqueiros de fama,
Nos carrascos (1) eu deixei.
O afamado Ventania,
Montado no Tempestada,
Foi quem primeiro espantou-me
Estando n'uma *maiada.* (2)
Mais adiante encontrei
Com o vaqueiro João
No seu cavallo *lazão,*
Já vinha correndo em vão.
Logo me fiz ao carrasco,
Fui-me abarbar com o Velloso;
No atravessar o riacho
Só lhe deixei o rasto
Por ser elle tão teimoso!
Ouvi grande tropellada
Que zunia no sertão;
Era o afamado Grinalda
Com o Ferreira Leão.
Que dois vaqueiros de fama

(1) *Carrasco*, matto ralo e baixo.

(2) Por *malhada.*

Encontrei no bebedor!...
Logo me fiz ao carrasco,
E elles mal me enxergou.
Mais adiante ouço gritar:
— Nem do rasto dou noticia,
Em que carrasco escondeu-se
A encantada *lagartixa*!? —
Eu no tempo de bezerra
A muitos vaqueiros logrei;
Na fazenda fiz *sueira*, (1)
Muitas porteiras pulei.
Abarbada me vejo
Com o vaqueiro Miguel,
No seu cavallo Festejo
Na fazenda do Burel.
Que dois vaqueiros temiveis,
João Bernardo e Miguel!...
Perto do curral os logrei,
Quasi que os deixei de pé.

— «Só se eu morrer amanhã,
Ou não me chamar Miguel,
Só assim deixas de entrar
No teu curral do Burel.
Eu te juro, *lagartixa*,
Que não me has-de escapar;
Nem que corras como vento
Tu has-de entrar no curral.
Corre, corre, *lagartixa*,
Quero vêr a tua fama,
Que no curral do Burel
Quero fazer tua cama.
Toda a minha vontade
E' no teu rasto acertar,
Tu verás como se tranca
A *lagartixa* no curral.
Cerca, Velloso, na gróta,
Faz esteira no baixio;
Aperta para o meu lado,

(1) Dar trabalho, fazer *suar*.

Lá vem como um corropio.
Oh! que vaquinha damnada!
Ella não corre, ella vôa...
Meu cavallo já cançou,
E' que a coisa não está bôa.
Tenho corrido muito gado,
Novilhote e barbatão,
Nos carrascos e restinga;
Agora fiquei logrado
No centro d'este sertão.
Bota o cavallo, Velloso,
Quero vêr como se espicha,
Se ainda torna a escapar
A malvada *lagartixa.*»

Logo ao chegar ao riacho
A *lagartixa* os cegou;
Como a noite era escura
Miguel e Velloso voltou.
Encontram Miguel e Velloso
Com o tal do João Bernardo:
Pergunta pela *lagartixa;*
Responderam:— Estou logrado! —
O João Bernardo e Miguel,
O Grinalda e o Leão,
Ventania e o Velloso
Tomaram para o boqueirão. (1)
Logo ao entrar a gurgeia
Encontram Pedro Preguiça,
E já lhe vão perguntando
Se não vira a *lagartixa.*

«Encontrei n'uma *maiada*
Tres rezes brancas, uma lavrada,
Tres castanhas requeimadas,
E uma rouxinol disfarçada.
O signal d'esta vaquinha?
— Cara branca punaré, (2)

(1) Baixa ou valle profundo.
(2) Branco amarellado.

Traz o ferro do Burel,
Não tem cauda, é coché. (1)
E' céga, só tem um chifre,
Muito esperta e arisca;
São estes todos signaes
Da afamada *lagartixa*.
«Ora se é esta a famanaz
Que tanto susurro tem feito!
Para pegar esta vaquinha
E' bastante o meu Mosquete. (2)
Ora, vamos todos sete
Lá mais perto da *maiada*;
Quando passei o campestre
Vi uma rez lá deitada.
Afroxa a rédea, caboclo,
Encosta a espora, Preguiça,
Quero vêr a tua fama
Com a tyranna *lagartixa*.
Corre, corre, *lagartixa*,
Vae tomando mais alento;
Que o meu *rucilho* não corre,
Já me vôa como vento.
Todo o gado adiante corre,
Não a quero perder de vista;
Hei-de mostrar meu talento
A' vaqueirada de crista.
João Bernardo não sabe
Que meu cavallo é de cubiça;
Como eu posso ser logrado
Por esta pobre *lagartixa*?
— Aqui mesmo no carrasco
Muitas famas têm ficado;
No atravessar o riacho
Has-de ficar arriado.
Não has-de ter o prazer
De entrar eu na Boa-Vista
Com peia e laço e canzil
Só pelo Pedro-Preguiça.
Não ha vaqueiro de fama
Que do carrasco me tire,

(1) Manca.
(2) Cavallo pequeno e corredor.

Nem que deixe sua trama,
De dentro p'ra fóra se vire.
Mais adiante da *maiada*
Perdeu o Pedro-Preguiça
Chapeu, espora e chicote
No rasto da *lagartixa.*

« Antes de o sol sahir
Vou-te esperar na *maithé :*
Has-de entrar com o laço
Na fazenda do Burel.
— No riacho da Alegria
Foi a minha perdição,
Quando vi o Ventania
Mais o Ferreira Leão.
Os destemidos vaqueiros,
Velloso e o tal Grinalda,
Bem montado, ás estribeiras
Traziam sua *guilhada.*
Grita o Ferreira Leão,
Logo respondeu o Grinalda :

— Se não podem botar no chão,
Eu metto a minha *guilhada.*
Já respondeu o Velloso :
« O Ventania é cabra zarro,
Bate com o chapeu na perna,
Bota no chão, que eu amarro.
O Ventania é decidido,
Passou transes nos carrascos ;
Mostrou sempre á *lagartixa*
Que elle é cabra macho.»
Desde que eu sou nascida
Nunca contei com vaqueiro ;
Póde contar gravidade
O Ventania o primeiro.
Adeus, fazenda, adeus, pasto,
Adeus, *maiada* e bebedor,
Adeus, restinga e carrasco,
Serrote do Logrador. (1)

(1) Logar fresco e reservado para se botar o gado em certas epocas do anno.

Adeus, vasante de baixo,
Adeus, serra do Coité,
Acabou-se a famanaz
Da fazenda do Burel.

A B C do lavrador

(Ceará)

*A*gora quero tratar,
Segundo tenho patente,
A vida de lavrador
No passado e no presente.

*B*em queria ter sciencia,
Dizer por linhas direitas,
Para agora explicar
Uma idêa bem perfeita.

*C*uidados tenho de noite,
De madrugada levanto,
De manhã vou para a roça
A correr todos os cantos.

*D*omingos e dias santos
Todos vão espairecer,
Eu me acho tão moido,
Que não me posso mexer.

*E*stando d'esta sorte
Não é possivel calçar,
Os pés inchados de espinhos,
E de todo o dia andar.

*F*eliz de quem não tem
Esta vida laboriosa,
Não vive tão fatigado,
Como eu me acho agora.

*G*rande tristeza padece
Todo aquelle lavrador,
Quando perde o legume todo
Porque o inverno escasseou.

*H*e possivel aturar
Até a idade de cincoenta,
Quando se chega aos quarenta,
Já parece ter oitenta.

*L*avradores briosos
Consideram no futuro,
Não tomam dinheiro sem vêr
Os seus legumes seguros.

*M*uitos não têm recursos,
Não sabem o que hão de fazer,
Não temem a percentage,
Querem achar quem dê.

*N*ão queira ser lavrador
Quem tiver outra profissão,
E' a vida mais amarga
Deus deixou aos filhos de Adão.

*P*ois quando se colhe
Os legumes de um anno,
Ainda se não acaba,
Nova roça começando.

*Q*uasi sempre os lavradores
De canna, café, cacau,
Têm feitores de campo
Para não passar tão mal.

*R*azão elles têm
Para ter contentamento,
Quem trabalha no campo
E' quem padece o tormento.

*S*ouberam as camaras crear
Ministros p'ra proteger,
N'esta terra não tem um banco
Que a ella possa favorecer.

*T*erra pobre como esta
Ninguem póde dar impulso,
Sem banco, sem protecção,
Fóra de todo o recurso!

Vive sempre isolado
Mettido nas espessuras
Com a memoria no passado,
O futuro sem venturas.

*X*oram todos a sua sorte,
Faz pena vêr os lamentos,
De pedir dinheiro a rebate,
Por não acharem por centos.

*Z*ombem, façam cassoada
Da vida do lavrador,
Considerem no futuro,
A sorte a Parca cortou.

O *til* por ser do fim,
Sempre dá uma esperança,
Na consolação dos affectos,
Até chegar a bonança.

A B C do Vaqueiro em tempo de sêcca

(Ceará)

*A*gora triste começo
A manifestar o meu fado,
Os meus grandes *aveixames*,
A vida de um desgraçado.

*B*em queria nunca ser
Vaqueiro n'este sertão,
Para fim de não me vêr
Em tamanha confusão.

Com cuidado levo o dia
E a noite a *maginar*,
De manhã tirar o leite,
Ir ao campo campear.

Domingos e dias santos
Sempre tenho que fazer,
Ou bezerros com bicheira,
Ou cavallos p'ra ir vêr.

Em quanto Deus não dá chuva
Logo tudo desanima,
Sómente *mode* o trabalho
Das malvadas das caeimbas.

Façam a todo o vaqueiro
Viver aqui sobre si,
Que entrando nesta vida
Diga :— Já me arrependi !

Grande é a tyrannia
De um dono de fazenda,
Que de pobre de um vaqueiro
Não tem compaixão nem pena.

Homem que tiver vergonha
Vaqueiro não queira ser,
Que as fazendas de agora
Nem dão bem para comer.

I no tempo que nós estamos
Ninguem tem opinião;
Para um dono de fazenda
Todo vaqueiro é ladrão.

Labora um pobre vaqueiro
Em tormentos tão compridos,
Quando é *no remate de contas*
Sempre é mal correspondido.

Mandam como a seu negro,
Uns tantos já se matando;
Ainda bem não tem chegado,
Já seus donos estão ralhando.

*N*ão posso com esta lida,
Me causa grande desgosto,
Só por vêr como vai
O suor d'este meu rosto.

O bom Deus de piedade
A mim me queira livrar,
Em quanto vida tiver
E bens alheios tratar.

*P*ara o mez de Sam João
Vou vêr o que estou ganhando,
Quero pagar o que devo,
Inda lhe fico restando.

*Q*uerendo ter alguma cousa,
Não ha de vestir camisa,
Visto isto que eu digo
O mesmo tempo me avisa.

*R*alham contra os vaqueiros,
Nada se faz a seu gosto;
Se acaso morre um bezerro,
Na serra se toma outro.

*S*aibam todos os vaqueiros
Tratados bem de seus amos,
Se elles não têm consciencia,
Logo nós todos furtamos.

*T*udo isto que se vê
Inda não disse a metade,
Por causa do leite de vacca
Se quebra muita amisade.

*V*ou dar fim ao *A*, *B*, *C*,
Eu não quero mais fallar,
Se fosse eu a dizer tudo
São capazes de me matar.

Xorem e chorarão
Com grande pena e pezar,
Sómente *mode* um *mumbica* (1)
Que dão para se matar.

Zelo, zeloso,
Todos sabem zelar,
Que de um pobre vaqueiro
Sempre tem que fallar.

O Boi Surubim

(Ceará)

Nasceu um bezerro macho
No curral da Independencia,
Filho de uma vacca mansa
Por nome de Paciencia.
Quando o Surubim nasceu
D'ahi a um mez se ferrou
Na porteira do curral
Cinco touros enxotou.
Na porteira do curral
Onde o Surubim cavou
Ficou um barreiro tal
Que nunca mais se aterrou.
Na praça da cacimba
Onde o Surubim pisou
Ficou a terra acanhada,
Nunca mais capim creou.
Um rêlho de duas braças,
Que o Surubim amarrou,
Botou-se n'uma balança,
Duas arrobas pesou.

(1) Garrotinho de anno, magro, infezado.

Fui passando n'um sobrado,
Um moça me chamou :
— Quer vender o Surubim ?
Um conto de réis eu dou.
« Guarde o seu dinheiro, dona,
O Surubim não vendo, não.
— Dou um barco de fazenda.
De chita e madapolão.
« Este meu boi Surubim
E' um corredor de fama,
Tanto elle corre no duro,
Como nas vargens de lama.
Corre dentro, corre fóra,
Corre dentro na catinga ;
Corre quatro, cinco leguas
Com o suor nunca pinga.
Quando o Surubim morreu,
Silveira poz-se a chorar :
Boi bonito como este
No sertão não nascerá :
Eu chamava, elle vinha :
— O-lé, o-lô, o-lá...

A B C do Boi-Prata

(Ceará)

A dois de agosto de quarenta e quatro
Nasci no Sacco da Ema ;
Bebi na lagôa grande,
E malhei lá na Jurêma.

*B*ebia bem assustado
Com o medo de meu dono,
Passava noites a andar
Sem saber o que era somno.

*C*omo desenganou-se o meu dono
De acompanhar a carreira,
Foi chamar o João de Souza
Da fazenda da Ladeira.

*D*eu este sua carreira
Em cima do *melado*,
Mais adiante um pouco,
Gritou :— Estou enganado.

*E*lle disse bem vexado
E todo se tremendo :
— Aqui sumiu-se o garrote,
O rasto não estou mais vendo.

*F*oi voltando para traz
Bastante desconcertado,
Por ter perdido a carreira
No seu cavallo *melado.*

*G*rande pena a de meu dono
Do Souza vendo a chegada ;
Perguntou com muita pressa :
Cadê os seus camaradas ?

*H*indo este um pouco calado
Sem poder contar a historia,
Disse com fé o meu dono:
— Espero ainda a victoria.

I fizeram nova entráda ,
Zé de Souza no *pedrezão* ;
João de Souza foi gritando :
— Lá está o *barbatão.*

*J*oão de Souza por esperto
Cavalgava no *melado* ;
José disse com soberba :
— Elle agora vae pegado.

*L*á no poço do Pereira
João botou-me no matto ;
Logo chegou Zé de Souza,
Foram-me ganhar o rasto.

*M*e seguiram legoa e meia,
Voltaram desconsolados,
Por haver anoitecido
E não terem me alcançado.

*N*ão peguei o barbatão,
Disse logo João de Souza.
Quando chegaram em casa:
— Corre o bicho até que *zôa*.

*O*h! meu irmão Francisco,
Eu estou desenganado;
Não pego o barbatão
N'esse cavallo melado.

— *P*orque o José de Souza
Em cima do *pedrezão*
Está tambem desenganado
Que não pega o barbatão.

— *Q*ueira tomar um conselho:
Venda ao Manuel Teixeira;
Elle se atreve a pegar,
Por ser grande na carreira.

*R*eceba de Manuel Teixeira
O dinheiro todo completo;
Não o podemos pegar.
Só elle, por ser esperto.

*S*im, senhor, eu vou vender.
Por doze mil réis contados,
Porque quero ficar livre
D'aquelle bicho malvado.

— *T*odo descançado fiquei,
Nunca mais vi a poeira
De João de Souza Leal,
Zé de Souza da Ladeira.

— *U*ma queda não me deram,
Nem me puzeram a mão;
Muitas vezes eu vi elles
Rolar na poeira do chão.

Voltavam sempre p'ra traz,
Contando muitas historias;
Porém sempre fui eu
Que tive toda a victoria.

*X*egada d'elles em casa
Muitos queriam ver;
Vinham chegando de tarde
Antes de anoitecer.

*Z*elo commigo, garrote,
Sou teu dono— Teixeira,
Porque não sou de raça
De não te pegar na carreira.

O Filgueiras

(Cearà)

—O que tens, Joaquim Ignacio,
Que de côres vens mudado?
«Meu cunhado Gonçalinho
Foi preso para o Escalado.

O Filgueira assim que soube,
Mandou chegar seu cavallo,
E correu á rédea solta
Em busca do Cantagallo.
Foi chegando e foi dizendo
Com a sua mansidão:

—«Quero o meu sobrinho solto
Que o vejo na prisão.»

Responde o cabo da tropa,
Por ser homem malcriado:

«Seu sobrinho ha-de ser solto
Depois de eu morto e picado!»

Respondeu Joaquim Ignacio
Com a sua opinião:

« Meu tio, peça favor
A gente, a tapuio não! »

Puzeram uma pistola
Nos peitos de Joaquim Ignacio;
A bala entrou pela frente
Foi sahir no espinhaço.
Filgueira com esta acção
Ficou muito estomagado,
Passou mão ao bacamarte
P'ra derrubar o Escalado.
O mulato João de Brito,
Mulato de estimação,
Nos galhos das marmeleiras
Lá deixou seu mandrião.

« O que tens, Jose Luiz,
Que de trajes vens mudado? »
—Com o repuxo do Filgueira
Sahi todo escangalhado.

Conversa politica entre um corcunda e um patriota

(Ceará)

C.—Deus lhe guarde, meu senhor,

P.—Venha com Deus, cavalleiro,
Venha, logo me dizendo
Se é corcunda ou brasileiro.
Vejo-lhe divisado
Na cabeça um grande galho,
Bem me parece ser
Da vasante o espantalho.

C.—Sim senhor, eu sou corcunda
E morro pelo meu rei;
Esta divisa que trago
E' da sua real lei.
Se o senhor e patriota,
Provisorio cidadão,
Se falla contra o meu rei,
E' judeu, não é christão.
E com isto já me vou,
Não quero mais esperar;
O senhor é jacobino
Pelo modo de fallar.

P.—Dê-me attenção, senhor,
Não se faça esforicido;
Um homem apaixonado
Não dá prova de entendido.
Eu conheço o seu caracter,
Não é de tolo e vario.
Mostra ser de pensante,
Ou de um escripturario.
Faça-me a honra apeiar,
Venha-me dar um clarão;
Só o senhor póde dizer-me
O que é a Constituição,
E tambem da Independencia
De Dom Pedro Imperador;
Tudo me explique agora,
Eu lhe peço por favor.

C.—Se o senhor falla-me sério,
Se não é adulação,
Eu lhe direi de que consta
A nova *Constituição.*

P.—O senhor, creia em mim,
Que muito sério lhe fallo;
Eu sou um homem nescio,
Não sei onde canta o gallo.

C.—Estes malvados pedreiros,
Carbonarios da nação,
Que por serem *carvalhistas*

Detestam serem christãos,
Não querem ter rei, nem roque,
E menos religião,
Por isso desprezaram
O nosso rei Dom João.
A lei d'elles é anarchia
Da tal Constituição,
Captivando deshumanos
Sem ter quem lhes vá a mão ;
Não querem saber de missa,
Menos de sacramento,
Mofam de tudo o que diz
O Novo-Testamento.

Veja, pois, por que rigor
Chamam a nós *marinheiros*,
Arrocham de pau e peia ;
Morram todos ao chumbeiro.
Uns homens nobres em tudo,
No sangue e no proceder,
De familias illustradas,
Muitos d'elles vem a ser
Filhos de duques, marquezes,
De condes e de morgados.
Dos infames *patriotas*
Tem sido desfeitiados...
Estas feras d'ora avante
Só em si maldade encerra ;
Desprezam o nosso rei,
Que Deus nos deu na terra :
Um homem santo e pio,
Um refugio de esperança,
O nosso Dom João Sexto,
Filho da real Bragança.
Esta familia illustrada,
Que o mesmo Deus destinou
P'ra seus filhos governarem,
Serem de nós *suprió*...
Mais agora estou contente
De ver tudo acabado,
Uns mortos e outros presos,
Outros tantos enforcados.

Adeus, tenha saude,
Creia n'isso que lhe digo,
Fuja dos patriotas,
Que são nossos inimigos ;
Já estão-se acabando
As malditas rebelliões,
Ficando só no Brasil
A fé pura de christãos.

P.—Tratemos da *Independencia.*

C.—Isso é um passo muito errante:
Dom Pedro no Brazil
Não póde ser *imperante.*

P.—Porque ? Elle não é Bragança ?

C.—Se o rei ainda é vivo
Não póde haver uma herança.

P.—Já não posso, seu corcunda,
Suas loucuras calar,
Quer por gosto, quer por força,
Ouça-me agora fallar.
Diga-me, homem sem brio,
Amante do captiveiro,
Somos terras, somos gados
Que Dom Pedro seja herdeiro ?
Quando Deus formou o mundo
Qual foi o rei que deixou ?
Não deixou um só Adão,
De todos progenitor ?
D'este mesmo Adão não fez
Deus no ceu para seu mando
Uma mulher para elle
Produzir o genero humano ?
Desses pobres camponezes
Produziu todas nações,
Algum dia elles tiveram
Fidalguia ou brazões ?
Onde foi Bragança haver
Esse sangue illustrado ?
Só se foi por outro Adão,

Que por Deus não foi deixado.
Só dessa descendencia
De gentes que Deus não fez,
Sahiu toda a jerarchia,
Condes, duques e marquez.
Abre os olhos, homem tolo,
Adora o Deus verdadeiro,
Aquelle que por nós morreu
Como innocente cordeiro.
Se um rei é tão real,
Como adulas a Dom João!
E' baixeza no morrer
Se formar em podridão;
Resuscitar aos tres dias,
Assim como resuscitou
O rei, filho de Maria.

C.—Eu cá sigo o rei David
Que o mesmo Deus consagrou.

P.—Isto lá eu não duvido,
E tambem por isto estou;
Mas quem era o rei David?
Era um pobre coitado.
Era um simples pastorsinho
Do rebanho de seu gado.
Que é do nosso rei David?
Agora só ha tyrannos
Dissolutos, incivis,
De vaidade profanos.

C.—Já é tarde, vou andando;
Tenha mão, *seu* papagaio,
Vossê diz cadê as tropas
Do coitado do Pinheiro;
E' certo que lá andei,
E que delle sou soldado...

P.—Perseguiste teus patricios
Como lobos defamados;
Nas casas que cercaste
Tambem foste carniceiro.
Ajudaste a tirar

Vida, honra e dinheiro;
Ajudaste a matar
Teus irmãos, mansos cordeiros,
Que desgraça, *seu* corcunda,
Entre os mesmos brasileiros!...
Desprezar os seus irmãos
Como lobos carniceiros.
Esta injustiça, *seu* corcunda,
Reclamam os ceus inteiros...

C.—Meu amigo, estou certo
Do quanto me tem narrado,
Já me peza de ter sido
Dos meus irmãos o malvado.
Roto o véo do engano,
Nova vida eu terei,
Constante patriota serei;
Podem contar comigo:
Defender a nossa patria
E morra o nosso inimigo!...

A alforria do cachorro

(Pernambuco)

No tempo em que o rei francez
Regia os seus naturaes,
Houve uma guerra civil
Entre os brutos e animaes.
N'este tempo era o cachorro
Captivo por natureza;
Vivia sem liberdade
Na sua infeliz baixeza.
Chamava-se o dito senhor
Dom Fernando de Turquia;
E foi o tal cão passando
De villeza á fidalguia.
E d'ahi a poucos annos

Cresceu tanto em pundonor,
Que os cães o chamaram logo
De Castella Imperador.
Veiu o herdeiro do tal
Dom Fernando de Turquia,
Veiu a certos negocios
Na cidade da Bahia.
Chegou dentro da cidade,
Foi á casa de um tal gato;
E este o recebeu
Com muito grande apparato.
Fez entrega de uma carta,
E elle a recebeu;
Recolheu-se ao escriptorio,
Abriu a carta e leu.
E então dizia a carta:

« Illustrissimo Senhor
Mauricio—Violento—Sodré—
Ligeiro—Gonçalves—Cunha—
Subtil—Maior—Ponte-Pé.
Dou-lhe, amigo, agora a parte
De que me acho augmentado,
Que estou de governador
N'esta cidade acclamado.
Remetto-lhe esta patente
De governador lavrada;
Pela minha propria lettra
Foi a dita confirmada. »
Ora o gato, na verdade,
Como bom procurador,
Na gaveta do telhado
Pegou na carta e guardou.
O rato como malvado,
Assim que escureceu,
Foi á gaveta do gato,
Abriu a carta e leu.
Vendo que era a alforria
Do cachorro, por judeu,
Por ser de má consciencia,
Pegou na carta e roeu.

Roeu-a de ponta á ponta,
E pôl-a em mil pedacinhos,
E depois as suas tiras
Repartiu-as pelos ninhos.
O gato, por occupado
Lá na sua Relação,
Não se lembrava da carta
Pela grande occupação.
E depois se foi lembrando,
Foi caçal-a e não achou,
E por ser maravilhoso
D'isto muito se importou.
....

O Lucas da Feira

(Versão de Sergipe)

Adeus, terra do limão,
Terra onde fui nascido;
Vou prêso para a Bahia,
Levo saudades commigo.
Eu vou preso pr'a Bahia,
Eu vou preso, não vou só,
Só levo um pezar commigo:
E' da filha do major.
Eu vou prêso p'ra Bahia.
Levo guarda e sentinellas,
Para saber quanto custa
Honra de moças donzellas.
Estes socios meus amigos
De mim não têm que dizer;
Que por eu me vêr perdido
Não boto outra a perder.
Estes socios meus amigos
A mim fizeram traição;
Ganharam o seu dinheiro,

Me entregaram á prisão.
Meus amigos me diziam
Que deixasse de funcção,
Que o Casumbá por dinheiro
Fazia as vezes do cão.
Vindo eu de lá da festa
De Sam Gonçalo dos Campos,
Com o susto do Casumbá
Cahiu-me a espada da mão.
Já me quebraram o braço,
Já me vou a enforcar;
Como sei que a morte é certa
Vou morrendo devagar.
Quando na Bahia entrei
Vi muita cara faceira;
Brancos e pretos gritando:
— Lá vem o Lucas da Feira!
Quando eu no Rio entrei
Cahiu-me a cara no chão;
A rainha veio dizendo:
— Lá vem a cara do cão.

O Calangro

(Sergipe)

Calango fez um sobrado
De vinte e cinco janellas
Para botar moças brancas,
Mulatas côr de canella.

Calango matou um boi,
D'elle não deu a ninguem;
Lagartixa respondeu:
— Calango fez muito bem.

O calango foi á feira
Em traje de gente rica;
Lagartixa respondeu:
— Calango, vossê lá fica.

O Calango foi á festa
Montado n'uma leitôa;
Lagartixa respondeu:
— Calango não é pessôa.

Calango estava deitado
Na prôa do seu navio;
Lagartixa respondeu:
— Calango, tu és vadio.

Calango sahiu á rua
Montado n'uma perúa;
Lagartixa respondeu:
— Vejo que a tola está núa.

Calango foi convidado
Para ser juiz de paz;
Lagartixa respondeu:
— Calango, veja o que faz.

Calango foi á Bahia
Com seu barco de feijão;
Lagartixa respondeu:
— Cada bage é um tostão.

O calango é bicho porco,
N'um folguedo quiz entrar;
Lagartixa respondeu:
— Calango, vai-te lavar.

Calango foi convidado
Para ser um presidente;
Lagartixa respondeu:
— Calango, me traz um pente.

Minha gente, venha vêr
Cousa de fazer horror:
Lagartixa de chinelas,
Calango de paletô.

O Sapo do Cariri

(Sergipe)

No sertão do Cariri (1)
Havia um sapo casado,
Na sêcca de oitenta e nove
Quasi que morre torrado.

Determinou a mudar-se
Levando comsigo a Gia,
Descendo cabeça ábaixo
Em procura da Bahia.

E' certo que vae pejada
Dona Gia de Menezes,
Que já vae a completar
A conta de nove mezes.

E deu no pé de uma serra
Nos mares de Acaracú,
Logo alli á tardesinha
Deu na casa do teyú.

Bateu na porta do dito:
«Deus vos guarde, meu Senhor,
Vasmincê, por caridade,
Dá-me um rancho por favor.»

— Não, senhor, não póde ser,
Pois a casinha é pequena,
Não havemos de caber.
Ao demais, pelo que vejo,
Parece que não vem só,
Pelo trem que vem trazendo
Tambem traz a sua avó.

«Não, senhor, a minha avó
Ha muito que já morreu;

(1) Sertão do Ceará, chamado tambem *Cariris Velhos*, por opposição aos *Cariris Novos*, na Parahyba do Norte.

Esta que trago aqui
E' a mulher que Deus me deu.
D'isto mesmo me arreceio
De andar a riba e abaixo,
Com medo qu'ella não pára
Antes que chegue ao riacho.»

— Visto isto, meu senhor,
Entre vasmincê p'ra dentro,
Recolha-se áquelle quarto,
Faça lá seu aposento.
E precisa-se saber
Da senhora D. Gia
Se nos promette socego,
E não muita gritaria.

«Sim, senhor, senhor teyú,
Tambem sabemos da solfa,
Mas não usaremos d'ella,
Porque a casa não é nossa.»

Desce o teyú as escadas
P'ras camarinhas de baixo;
Dão dôres em D. Gia,
Que páre um sapinho macho.

«Marido, você não sabe,
Que por direita rezão,
Deve o teyú ser padrinho
D'este nosso rapagão?»

«Bom, muito bom discurso,
Minha mulher, D. Gia,
Hei-de fazer o convite
Assim que amanheça o dia.»

— Bons dias, *Sid.* D. Gia,
Como se foi de dormida?
«Eu, bem, amanheci parida
De um menino mui perfeito,
Que pelo chorar, parece,
Ser solfista de preceito.»

«Não lhe servindo de incommodo,
Nem tambem de *enfade*,
Quero que vasmincê seja
O bom do nosso *compade*.»

— Eu só para o seu serviço
Muito gostoso me acho;
Mas é preciso saber
Se o menino é femea ou macho.

«E' machinho, meu Senhor,
E p'ra cantar minuete
Por musicas e solfejos
Elle é todo sem *defeite*.»

— A comadre não precisa
D'alguma ama de leite,
E tambem d'um panicum
Onde este menino deite?—

«Meu Senhor, ama de leite
Isto não lhe dê *enfade*,
Que quando faltar o meu,
Suprirá o seu *compade*.»

— Oh! comadre, e o meu compadre
Tem peito que nem mulher?
«Batendo nas costas d'elle,
Da leite como qualquer.»

— Vasmincê, me dê licença.
Que o sol está esquentando,
E vou aqui pela estrada
Dar um giro passêando.—

«Vasmincê, manda e não pede,»
Responde a gia e o sapo.
Deus o livre do cadello
Que o deseja pôr no papo.»

Sahe o teyú por alli
Ligeirinho se arrastando,
Escutando com bem mêdo
Alguem que andasse caçando.

Deu logo com um vaqueiro
De muito certa jornada,
Que lhe deu com o rastinho
Muito fresco da estrada.

Escutou e fez sentido,
Atrepou depois num páu,
E tocou a *sericoria*
Parecendo birimbáu.

O cachorro quando ouviu
Que o tom era do senhor,
Botou-se por alli fóra
E n'um instante chegou.

Mestre sapo mais a gia,
Que estavam cantarolando,
Não sabiam do barulho
Que o teyú estava arranjando.

Mas o cachorro damnado
Dá com o sapo cururú,
E endireitou-se para elle
Julgando qu'era o teyú.

A gia sahiu á frente
Dizendo: «seu presumido!
Não me mate meu marido,
Tenha pêna d'um sapinho,
Que lhe faltando seu pai
Morre á mingua, coitadinho.»

«Eu não o mato, senhora,
Não é por dó delle ter,
E' por nojo delle haver,
Que um diabo como este
Só se levando a cacete;
Pois tem a pelle tão grossa
Que por ella vérte azeite.»

Assim succede a quem anda
Por casa que não é sua,
Mesmo sendo de compadre
Anda com os quartos na rua.

O sapo de grande susto
Ficou meio adoentado,
Não disse nada ao teyú,
Mas ficou desconfiado.

«Marido, este seu mal
Parece ser perigoso;
Precisa tomar purgante
De raiz de fedegoso.»

«Mulher, lá nos Cariris
Entendia alguma cousa?
«Marido, nos Cariris,
Em mim tinham sua fé,
Depois que curei de olhado
O formoso jacaré.

«Faça seu *apontamento*
Em seu juiso perfeito,
P'ra depois eu não ficar
Embaraçada e sem geito.

«Mulher, por meu testamento
Não lhe bata este papinho,
Deixo as solfas p'ra você
A bocêta p'r'o sapinho.

«E, marido, o seu enterro?
«O meu enterro, mulher,
As formigas e urubús
O farão como quizér.

Sahiu a gia p'ra fóra
Caçar remedio p'r'o sapo;
Encontrando os urubús,
Quasi cahiu no buraco.

«Marido, era verdade
O que você me dizia,
Perto do buraco estava
Reunida a clerezia;
O que digo não é pêta,
Todos de chimarra preta

Crivada de diamantes,
E por uma banda e outra
Sessenta e dois estudantes.
E aonde ha um abade
Do tamanho de um perú,
Que é o Felix do Pedrão.»

«Felix do Pedrão, mulher,
E' homem muito mofino,
Que sem que veja dinheiro,
Não pega em corda de sino.»

Tendo o sapo melhorado
Foi-se embora com a Gia,
Com medo d'outro barulho
Que o teyú trazer podia.

N'isto o teyú apparece;
«—Deus vos salve, meu compadre;
Cá pela sua casa
Houve alguma novidade?

E o meu afilhadosinho
Já toca solfa no côro?
Vasmincês n'aquelle dia
Fizeram praça ao cachorro.»

O sapo quando isto ouvio,
Qu'era uma *pabulage*,
Aqui mesmo foi descendo
O surrão da *matalutage*,
Foi levando mãos á riba
Puchou pela *parnahyba*.

«Ah! seu cão! seu pé de gancho.»
«—Este é o pago que me dás
De ter te dado o meu rancho?
«Ah: cão! ah! cara de fome!
Atira, atira, seguro,
Que tu atiras em *home*.»

«Acuda, *Siá* D. Gia,
Não seja tyranna, ingrata,
Veja bem que estou por baixo,
O cão do teyú me mata.»

« Marido que mofineza!...
Puxe a faca da *maneira*;
Não se esqueça onde ella está
Eu a botei n'algibeira.»

«Esta mulher D. Gia
E' mulher muito faceira,
Sempre anda se lembrando
Da pequena da *maneira*.»

E puxou a mão da faca,
Sahiu o teyú ferido.
A Gia ficou com queixa
De o não matar o marido.

Foram tratar de fazer
Morada de pedra e cal,
Mas sem cuidar de saber
Que isto era p'ra seu mal.

Cahiu a casa
Como esparrella.
Morreram todos
De dentro d'ella.
Sahiu o sapinho
Por um buraquinho.

A velha Bizunga

(Versão de Maricá, Rio de Janeiro)

Velha Bizunga,
Casai vossa filha,
P'ra termos um dia
De grande alegria.
« Eu, minha filha,
Não quero casar;

Pois não tenho dote
Para a dotar.
Sahiu a *Preguiça*, (1)
De barriga lisa:
— Case a menina,
Que eu dou a camisa.
« Quem dê a camisa
De certo nós temos;
Mas a saia branca,
D'onde a haveremos?
Sahiu a *Cabrita*
Do matto manca:
— Case a menina,
Darei a saia branca.
« Quem dê saia branca
De certo nós temos;
Mas o vestido,
D'onde o haveremos?
Sahiu o *Veado*
Do matto corrido:
— Case a menina,
Que eu dou o vestido.
« Quem dê o vestido
De certo nós temos;
Porem os brincos,
D'onde os haveremos?
Sahiu o *Cabrito*
Dando dous trincos:
— Case a menina,
Eu darei os brincos.
« Quem dê os brincos
De certo nós temos;
Mas falta o ouro,
D'onde o haveremos?
Sahiu do matto
Roncando o *Bezouro*:
— Case a menina,
Qu'eu darei o ouro.
« Quem nos dê o ouro

(1) Animal.

De certo nós temos;
Mas a cozinheira,
D'onde a haveremos?
Sahiu a *Cachorra*
Descendo a ladeira:
— Casai a menina,
Serei cozinheira.
« Quem seja a cozinheira
E' certo já temos;
Porém a mucama,
D'onde a haveremos?
Sahiu a *Trahira* (1)
De baixo da lama;
— Casai a menina,
Serei a mucama.
« Quem seja a mucama
De certo nós temos,
Porém o toucado,
D'onde o haveremos?
Sahiu o *Coelho*
Todo embandeirado:
— Casai a menina,
Darei o toucado.
« Quem dê o toucado
E' certo que temos;
Porém o cavallo,
D'onde o haveremos?
Sahiu do poleiro
Muito teso o *Gallo*:
— Casai a menina,
Que eu dou o cavallo.
« Quem dê o cavallo
De certo nós temos:
Porem o sellim,
D'onde o haveremos?
Sahiu um burro
Comendo capim:
— Casai a menina,
Darei o sellim.

(1) Pequeno peixe.

« Quem dê o sellim.
E' certo que temos;
Porém falta o freio,
D'onde o haveremos?
Sahiu uma *Vacca*,
Pintada no meio:
Casai a menina,
Eu darei o freio.
« Quem nos dê o freio
Sim, senhores. temos;
Porém a manta,
D'onde a haveremos?
Sahiu a *Onça*,
Co'a bocca que espanta:
— Casai a menina,
Qne darei a manta.
« Quem nos dê a manta,
E' verdade temos;
Mas quem será o noivo?
D'onde o haveremos?
Sahiu o *Tatú*
Com o seu casco goivo:
—Casai a menina,
Que eu serei o noivo.
«O noivo tratado
De certo nós temos;
Porém o padrinho,
D'onde o haveremos?
Sahiu o *Ratinho*
Todo encolhidinho:
—Casai a menina.
Serei o padrinho,
«Quem seja o padrinho
De certo nós temos;
Porém a madrinha,
D'onde a teremos?
Sahiu a *Cobrinha*,
Toda pintadinha:
—Casai a menina,
Serei a madrinha.
«Quem seja a madrinha
De certo nós temos;

Mas quem pague o padre,
D'onde o haveremos?
Sahiu a *Cobrinha*,
Que era a comadre:
—Casai a menina,
Pagarei ao padre.
Cada um dando o que pôde
Todos se arrumaram:
Chamado o padre,
Logo se casaram.
Cahindo o sereno
Por cima da gramma,
Debaixo da pedra
Fizeram a cama,
Se divertiram,
Cantaram, dançaram;
E diz o *Lagarto*
Que tambem tocaram.
Se é verdade ou não,
Isso lá não sei;
O que me foi contado
Eu tambem contei.
O que sei só é
Que tanto brincaram,
Que todos tambem
Se embebedaram.
Até eu tambem
Me achei na *fonção*,
E p'ra casa *truce*
De dôce um *buião*.

A B C de Amores

(Rio Grande do Sul)

*A*qui te mando, bemzinho,
Um *A B C* de amores,
Para que n'elle tu vejas
Os meus suspiros e dôres.

*A*nda cá, meu doce bem,
Anda vêr, prenda querida,
As queixas que tu me fórmas
Nos passos da minha vida.

*B*em conheço, prenda minha,
Que a vida me deixaste,
Por sentires grande falta
D'um coração que me roubaste.

*C*adeias foram teus olhos,
Grilhões os teus carinhos,
Que prenderam meus affectos
Entre os mais duros espinhos.

*D*e cada vez que te vejo,
Se me dobram as prisões;
Eu juro me teres roubado
Duzentos mil corações.

*E*mpenhei-me a experimentar
A dureza do teu peito;
Nasci forro, sou captivo,
Sou leal e até sujeito.

*F*eriste meu coração
Para n'elle seres ouvido;
Ficaste sendo senhora,
Eu fiquei sendo captivo.

*G*loria dos tempos passados,
Que tão depressa fugistes!
Que te faziam meus olhos,
Que vos fazem andar tristes?

*H*e bem que chorem meus olhos
De uma dôr que os atormenta;
Um sensivel coração,
Pelos olhos arrebenta.

*I*de, meus olhos, nadando
N'estas aguas que choraes;
Amor de meu coração,
Quando nos veremos mais?

*L*agrimas, cahi, cahi,
Relatai a minha dôr;
Pois um triste coração
Não tem outro portador.

*M*ais me valia morrer
Quando em ti puz o sentido;
Não pensei que tantas maguas
Me tivessem combatido.

*N*ão abatas tanto, ingrata,
Um triste, afflicto, queixoso;
Pois seja da minha vida
Fim, tormento rigoroso.

O rouxinol quando canta
Fórma queixas de sentido;
Eu tambem me queixarei
Por ser mal correspondido.

*P*eço-te, bemzinho amado,
Que me faças um carinho,
Que vivas na esperança
Qu'inda hei de ser teu bemzinho.

*Q*uem vir a enchente no mar,
Não lhe cause confusão;
Que são aguas dos meus olhos
Fontes do meu coração.

*R*ebenta, minh'alma afflicta,
Que está ferido o meu peito,
Pelo muito que eu padeço,
Menina, por teu respeito.

*S*uspenderei os meus prantos,
Cessarei já de chorar,
Já que me coube por sorte
Querer bem e não lucrar.

*T*enho tão pouca ventura
Na sorte de te querer,
Que te peço por esmola
Que me deixes padecer.

*V*ivo tão pensionado,
Que não sei de meus cuidados,
Se padeço ou se suspiro,
Se choro de maguado.

*X*orando só de continuo
Por viver tão retirado,
Na tua ausencia, vidinha,
N'este triste, afflicto fado.

*Z*ombem embora de meu pranto,
Pois a mim fizeste guerra,
Outro não acharás
Em todos os bens da terra.

O *til* por ser pequenino
Tambem goza estimação;
Estou esperando a resposta
Que venha da tua mão.

Chula a tres vozes

(Ceará)

Lá nos campos de Cendrêa,
Meu corpo vi maltratado!
Tudo isto experimentei
Só por ser seu bem amado.

Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado.

Se eu não te quero bem
Deus do céo me não escute;
As estrellas me não vejam,
A terra me não sepulte.

Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado.

N'aquelle primeiro amor
Que no mundo teve a gente,
O amor cravado n'alma
E' lembrado eternamente.

Vem aos meus braços,
Meu bem amado,
Vem consolar
Um desgraçado. (1)

Sarabanda

Ceará

—Aqui estou, minha senhora,
Com dôr no meu coração,
Bem contra a minha vontade
Fazer-lhe esta citação.
«Tambem tenho minha casa
Mui da minha estimação ;
Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não.
«Tambem tenho minha cama
Coberta de camelão,
A barra de setim nobre,
O forro de bom fustão :
Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não.
«Tambem tenho cinco escravos,
Tres negros e dois mulatos,
Mui da minha estimação ;
Tudo darei á penhora,
Porém as cadeiras não.

(1) Não é estrictamente anonyma; tem origem litteraria; mas anda muito popularisada.

—Venha cá, minha senhora,
Deixe-se de tantas besteiras,
Que no mundo não falta ourives
Que lhe faça outras *cadeiras.*

Meu bemzinho, diga, diga...

(Sergipe)

—Meu bemzinho, diga, diga,
Por sua bocca confesse
Se você nunca já teve
Quem tanto bem lhe quizesse.
«Se é verdade que não tive
Quem tanto bem me quizesse,
Tambem nunca possui
Quem tantos tratos me désse!
—Os trabalhos qu'eu te dei,
Vossê mesmo os procurou,
Que da casa de meu pae,
De lá vossê me tirou.
— Se de lá eu te tirei
Foi por me ver perseguido ;
Quantas e quantas vezes
Não me tenho arrependido !
« Que te arrependes, amor ?
D'este teu genio tão forte?
Não prometteste ser firme
Até na hora da morte ?
Até na hora da morte
Sentirei ingratidão,
Tendo sido eu a dona
Roubada d'este ladrão !...
Nunca comi de ladrão,
Nem pretendo comer ;
Poderei comer agora
Debaixo do seu poder

— Debaixo de meu poder.
Tu terás grande valia;
Sahindo d'elle p'ra fóra,
Não terás mais fidalguia.
« Esta fidalguia minha
Nunca ha-de se acabar;
Qu'eu com gente mais somenos
Nunca hei de me pegar.
— Pega, então, meu amor,
Procurando opinião!
Que estas meninas de agora
Não buscam estimação.
« Não procura estimação
Só aquella que é pobre;
Uma dôna, como eu,
Só procura gente nobre.
— Goza, meu bem, goza a vida,
Qu'eu, a noite, vou-te vêr,
Dando suspiros e ais
P'ra não te ver padecer.

Variante do Rio Grande

— Meu bemzinho, falla, falla,
Por tua bocca confessa
Se algum dia tu tiveste
Amor que mais te quizesse.
Mas confesso que não tive
Quem mais trabalho me désse.
« Se mais trabalho te dei,
Por tua mão procuraste,
Que de casa de meus paes
Bem raivosa me tiraste.
Se raivosa te tirei,
Por me vêr tão perseguido,
Quantas e quantas vezes
Bem me tenho arrependido!

— Porque te arrependes, ingrata,
Tendo eu um genio doce?
Prouvéra que eu fosse amoroso,
Não andavas tão desgostosa.
Que desgostosa tu vives,
Vivendo d'esta sorte;
Te prometto lealdade,
Lealdade até á morte.
« Pois eu sinto e sentirei,
Sinto mil ingratidões;
Sinto ser uma dôna
E roubada dos ladrões.
Eu dos ladrões nunca fui,
E te juro de não ser,
Emquanto viver sujeita
Debaixo de teu poder.
— Debaixo de meu poder
Foi que tiveste valia;
Que sahindo para fóra
Acabas a fidalguia.
« Fidalguia sempre tive,
Que d'isto me hei de gabar,
Que com gente d'outra esphera
Não me hei-de misturar.
— Misturar hei-de por força,
Que isto vem de geração;
Que as meninas d'estes tempos
Não se dão á estimação.
« Estimação não se dão
Só aquellas que são pobres;
Que uma rica como eu
Só procura gente nobre.
— Gente nobre hei-de por força,
Que isto vem por festejar;
Que o peor é dar-lhe um couce,
E o melhor vem a ficar.
«.................................
Já sei que queres dizer...
Queres dominar o meu corpo,
Isto me dás a entender.

O Sapo Cururú

(Sergipe)

Sapateiro novo,
Me faz um sapato
De sola bem fina
P'ra dançar o sapo.

Bum...

— Sapo cururú
Da beira do rio!
« Não me bote n'agua,
Que eu morro de frio.

Bum...

— Sapo cururú
De Dona Thereza!
« Me corte o cabello,
Me deixe a belleza.

Bum...

— Sapo cururú,
Que fazes lá dentro?
« 'Stou calçando as meias
P'ra meu casamento.

Bum...

— Sapo cururú
Diz que quer casar?
« P'ra ter minha mulher
P'ra me regalar.

Bum...

O A B C da Moça queimada

(Ceará)

A trinta do mez de outubro
Do anno de trinta e um,
Ardi em chammas de fogo
Sem haver remedio algum.

*A*i! de mim triste coitada,
Que truce tão cruel sina
De passar pela desgraça
N'este mundo tão menina!

*B*em conheço de certeza
Que foi por Deus esta morte;
Assim quiz o creador,
Permittiu a minha sorte.

*C*uando no mundo nasci
Foi para morrer queimada;
De Deus a sina no mundo
Não póde ser revogada.

*D*eus como de piedade
Tenha de mim compaixão;
Foi tal a minha desgraça
Que morro sem confissão.

*E*u conheço de certeza
Que só por Deus poderia
Eu acabar d'esta sorte,
Morrer com tanta agonia.

*F*azendo eu umas papas
Para um menino comer,
Oh! que caso tão cruel!
A mim veio acontecer

*G*ritei por todos de casa
No estado em que me puz,
Pedindo que me acudissem
Pelas chagas de Jesus.

*H*oje por me vêr assim
Desenganada da vida
Já desejo que a minha alma
De Deus seja recebida.

*J*á me dispuz a morrer,
Para mim a morte é nada;
Tendo a gloria, me não peza
De ter morrido queimada.

*L*agrimas por mim não botem
Que remedio me não dão,
Antes me recommendem
A virgem da Conceição.

*M*orrendo estou satisfeita,
Ninguem de mim tenha dó;
Tendo eu a salvação
Lá no céo estou melhor.

*N*ão tenho mais que pedir,
Que já mais fallar não posso;
Quem n'este *A B C* pegar
Reze-me um Padre-Nosso.

*O*h bom Deus de piedade,
Jesus Christo Redemptor,
Tende compaixão de mim
Por vosso divino amor!

*P*elos meus grandes peccados
No mundo fui desgraçada,
Mas pelo amor de Maria
Serei nos céos perdoada.

*Q*ue dôres! que agonias
Por me vêr n'esta figura!
N'aquella matriz do Icó
Foi a minha sepultura.

*R*olando na minha cama
Com ancias e agonias
Sem poder ter um allivio
No espaço de oito dias.

*S*oberano rei da gloria,
Filho da Virgem Maria,
No meu ultimo suspiro
Queiraes ser a minha guia.

*T*enho a certeza, Senhor,
Que me não hei-de perder;
Vos peço que não deixeis
A minha alma padecer.

*V*ou dar fim ao *A B C*
Que não posso mais fallar;
Me ajudem a morrer
Que me quero retirar.

*X*orando ficarão todos,
Eu me vou bem consolada
Na esperança que a minha alma
Na gloria terá entrada.

*Z*angada já estou do mundo,
Eu não quero mais viver,
No artigo em que me acho
Só com Deus me quero vêr.

O *til* é letra do fim;
Findo em pedir tambem
A Deus que me dê a gloria.
Para todo o sempre. Amen.

O A B C do Araujo

(Ceará)

*A*h! mundo falso, enganoso,
Em ti não ha que fiar;
Ao que fôr mais exaltado
Maior queda fazes dar.

*B*em se viu, melhor se vê;
Quem viver melhor verá;
As voltas que o mundo deu
E as que tem para dar.

*C*uide cada um em si,
Não queira ao alto voar,
Que o fogo da soberba
As azas lhe ha-de queimar.

*D*o que fui e do que sou
Bem me desejo esquecer,
Ao lembrar-me do que fui
E do que virei a ser.

*E*mbarquei com vento á popa
Para no mar navegar;
Sem levar agulha e prumo
Pelos baixos vim a dar.

*F*ui solteiro e sou casado,
Vivi com muita alegria,
Por se me trocar a sorte
'Stou posto sem serventia.

*G*astei a minha fazenda
Na furia da mocidade
Servindo a bens communs
E a uma Magestade.

*H*omem grande.....
De um grande governar
Se não tiver direcção
Sem respeito ha-de acabar.

*L*embrando-me do qne fui,
Muito differente estou;
Fui alegre, hoje sou triste;
A sorte se me mudou.

*M*orto já me considero,
Ter vida mais não queria;
Só se eu tivera vista
Algum tempo ou algum dia.

*N*ão são lembrados os males
Na primavera dos annos;
Só se me lembram delictos,
Não se me esquecem os damnos.

*Q*uem se viu como eu me vi
Tão respeitado e querido!
Hoje de poucos lembrado,
E de muitos esquecido!

*R*espeito, honra, justiça
No dinheiro é que se encerra;
Quem tem isto já tem tudo,
Porém tudo isso é terra.

*S*uspiros que vem de longe
Só servem de maltratar;
Olhos que de vêr não servem
Que sirvam para chorar.

*T*u me viste, e tu me vês
No estado em que estou;
Isto te sirva de exemplo,
Que quem eu fui já não sou.

*V*anglorias e passatempos,
Tudo neste mundo passa;
Descem uns e sobem outros
Conforme a sua desgraça.

Zombe pois de mim o mundo,
Que eu d'elle não quiz zombar,
Adquirindo paixões
Para com ellas cegar.

O *til* não fique de fóra,
Entre já sem dilação;
Venham vêr o Araujo
Que já teve, e hoje não.

A B C de um homem solteiro

(Ceará)

*A*cho-me com vinte annos
Sem tenção de me casar;
Faço este *A B C*
Para n'elle me explicar.

*B*em vontade que eu tenho;
Olho norte, e vejo sul;
Bem casado que eu ando
Co'as molestias que possúo.

*C*asarei-me com certeza
Se vossê me sustentar
De carne, farinha e peixe,
E do mais que precisar.

*D*e ir a bailes e comediás
Descance o seu coração,
Que de casa me não sae
Nem que venha um seu irmão.

*E*u á missa e á egreja
Sempre lhe hei de levar,
Quer de pé, quer de cavallo,
Como Deus nos ajudar.

*F*aço-lhe tudo, a saber
Emquanto remedio ha;
Se ha-de chorar sem remedio,
Melhor será não casar.

....

*H*omem que falle a verdade
Vossê não ha-de encontrar;
Todos querem passatempo,
E vão atraz de enganar.

....

*N*as sextas e nos sabbados
Nós havemos de guardar,
E nos dias de preceito
Nós havemos jejuar.

....

*R*êde sempre me ha-de dar
Se quizer ter boa fama,
Que sou um homem doente,
Não posso dormir em cama.

*S*aia sempre lhe hei-de dar,
Isto não lhe dê cuidado;
Não serão quatro nem cinco,
Que não sou tão abonado.

O cão e o urubú

(Ceará)

C. — Guarde-o Deus, seu urubú,
E a sua nobre pessoa,
Que viva co'o papo cheio
Passando uma vida boa.

U. — Certamente vou passando
Uma vida mais suave;
Ultimamente lhe digo
Já vi anno favorave.
Mas já estou aqui temendo
Quando chegar a invernada;
Cahindo a chuva na terra,
A fartura está acabada.

C. — Não me dirás, urubú,
Como acham vossês rez morta
Nem que esteja escondida
Lá por dentro de uma grota?

U. — Eu te direi, cachorro,
Do modo que nós achamos,
Avoando pelos ares
De lá com a vista bispamos.
Depois de termos bispado
Fazemos uns peneirados,
Fechamos de lá as azas,
Traz! na carniça sentados.

C. — ....
....
Urubú tu te agastaste?

U. — Certamente me agastei,
Pois sou um passaro brioso;
Se eu sou esfomeado,
Tu és um bicho guloso.

As lagartixas

(Gamella da Barra Grande—Alagôas)

Eu vi uma lagartixa
Tocando n'uma viola;
O calango respondeu:
— Oh! que cabrita paixola!

Eu vi outra lagartixa
Atrepada n'um sobrado,
Repimpada na cadeira
Com seu rabo pendurado.

Eu vi outra lagartixa
Na feira da Macahyba,
Botando torrões abaixo,
Botando cargas arriba.

Eu vi outra lagartixa
Atrepada no coqueiro,
Botando côcos abaixo
Para quem fosse primeiro.

SEGUNDA SERIE

BAILES, CHEGANÇAS E REISADOS

Origens : do portuguez e do mestiço ; transformações pelo mestiço

Baile da Lavadeira (1)

(Bahia e Sergipe)

SAHE A 1ª LAVADEIRA (*cantando.*)

Antes que o sol saia,
Hei de madrugar
Nas margens do rio,
Onde vou lavar.

Passarei contente,
Muito divertida,
Com as mais companheiras
Da mesma lida.

Aqui ficarei
Bem acommodada,
Livre do calor,
E da enxurrada.

(1) Os festejos proprios das *janeiras* em Sergipe, e em geral em o norte do Brasil, divídem-se em tres grandes categorias: *Bailes Pastoris*, *Cheganças*, *Reisados*.

Os *Bailes Pastoris* são feitos por meninos de ambos os sexos, ou, raramente, por moços e moças, ainda na flor da edade, e das melhores familias.

A letra dos diversos *Bailes Pastoris*, que temos visto, não é popular. São *pastiches* feitos por poetastros e d'elles existem varias collecções, quasi todas impressas na Bahia. No Aracajú imprimiu-se não ha muito um volume inteiro, devido á penna do Sr. Severiano Cardoso, litterato e poeta alli muito conhecido.

Nosso querido amigo Dr. Mello Moraes Filho, que é um estudioso do *Folk-lore* brasileiro, em seu livro *Festas do Natal*, reproduziu os Bailes Pastoris das *Quatro Partes do Mundo*, do *Meirinho*, da *Lavadeira*, do *Elmano*. Conservamos systematicamente sempre taes producções fóra de nossa collectanea, porque não são composições *anonymas*, não são genuinamente *populares*. Resolvemos, porém, de taes *Bailes* incluir n'esta edição — o da *Lavadeira*, por nos parecer o melhor de todos e por ser muito representado em Sergipe, onde tivemos occasião de o vêr.

As *Cheganças* são funcções, representadas sempre por grandes grupos de individuos, e referentes a guerras maritimas, aborda-

Neste cantinho
Ficarei contente,
Dando logar
Se vier mais gente.

SAHE A 2ª LAVADEIRA (*cantando*)

Eu vou caminhando,
Que o sol está alto,
Eu não sei se corro,
Eu não sei se salto.

Porém já lá vejo
Outra companheira.
E' Damiana
Que veio primeira.

FALLA A 2ª LAVADEIRA PARA A 1ª

Deus vos salve, maninha,
Aqui sejaes bem chegada,
De perigos e de sustos
De tudo sejaes guardada.

---

gens, luctas de mouros e christãos, etc. O elemento navegador e maritimo é n'ellas o caracteristico.

Só podemos colligir até hoje duas unicas — *Os Mouros*, *Os Marujos.*

Cremos que devem existir outras ; mas só aquellas tivemos ensejo de ver em scena.

Os *Reisados* são folganças muito variadas. O caracteristico d'elles é terem sempre, no fim de varias cantigas e danças, o brinquedo do — *Bumba-meu-Boi*. Ordinariamente nos *Reisados* cantam-se *xacaras* antigas, velhos *romances*, novas *canções* satyricas, *chulas*, etc. Em Sergipe as principaes letras que ouvimos em Reisados foram as do *José do Valle*, do *Antonio Geraldo*, do *Cégo* (pag. 30 d'este livro) da *Pastorinha* (pag. 26) de *Iria a Fidalga* (pag. 23) do *Calangro* (pag. 121) da *Barca-Bella*, da *Borboleta*, do *Maracujá*, do *Pica-Pão*, etc. Como está-se a vêr, algumas d'estas letras são xacaras de origem portugueza, que estão na secção propria n'este livro. A ultima scena de todo *Reisado* é, como dissemos, o *Bumba-meu-Boi*, cujos versos damos em nosso texto.

FALLA A 1ª PASTORA

Deus vos salve, e tambem vós,
De que chegaes tão cançada?
Por vires hoje mais tarde
E' que estaes tão fatigada?

FALLA A 2ª PASTORA

Na verdade, Damiana,
Que muito tarde acordei,
E como vim na carreira,
Muito cançada cheguei.

FALLA A 1ª PASTORA

De que pois então corrias?
Viste acaso alguma féra,
Ou algum lobo faminto,
Ou viste tremer a terra?

FALLA A 2ª PASTORA

Tenho andado sosinha,
Por bosques, penhas e valles:
Entre animaes ferozes,
Mas sempre livre de males.

E assim, oh Damiana,
Dou graças ao Creador,
Pela mercê que me fez
De me dar tanto valor.

Cantam as duas Lavadeiras, seguindo para uma horta a estenderem roupa.

Pastorinhas, grande dicta
Hoje todo o mundo alcança,
Baixou já dos Céos a terra,
Fructo da nossa esperança.

CANTA BENTA, *passeiando na horta.*

Grande pensão, grande lida,
Eu tenho na horta bella,
De regal-a, de cuidal-a,
Que não dê o bicho nella.

VOLTA

Quem quer comprar
Verduras mimosas,
Emquanto estão
Mui cubiçosas?

BENTA *para as lavadeiras* :

Grande confiança é a vossa,
De estenderem roupa nesta horta.

(*Joga com a roupa.*)

CANTA BENTA

Quem quer comprar, etc.

SAHE A 4ª PASTORA, *cantando*:

Ando procurando
Se alguem me viu
O meu carneirinho,
Que me fugiu.

Por mais que eu procure
Por todo caminho,
Não posso encontrar
O meu carneirinho.

Do meu curralinho
Stulto fugiu,
Não sei como o lobo
O não enguliu.

(*Entra na horta de Benta, apanha o carneiro e canta)*

Lá está na horta
De Benta hortaleira;
Como está cançado
Da grande carreira!

BENTA PARA A 4ª PASTORA

Pastorinha, como entraste
Aqui, sem minha licença?
Olha que esta ousadia
Já me causa grande offensa.

4ª PASTORA

Ouve-me fallar primeiro.

BENTA

Desculpas não tens que dar,
Ide-vos deste lugar.

4ª PASTORA

Benta, cá comigo,
Falle com modo attento,
Pois eu não hei de soffrer
De qualquer, atrevimento.

BENTA

Atrevimento, Filena!
Ignoro este tratar;
Não queiras, pois deste modo
A minha furia irritar.

4ª PASTORA

Ora dai-me o carneirinho,
Não é vosso, pois é meu.

BENTA

Tambem tenho parte n'elle
Pelas hervas que comeu.

4ª PASTORA

Como isto póde ser,
Agora me rio eu...

BENTA

Ora isto não se atura,
Eu estalo de paixão.

4ª PASTORA

Assim é, bella menina,
Pelo que diz tem razão;
Ora dai-me o carneirinho,
E basta de mangação.

BENTA

Levai, pois, o carneirinho,
Já d'elle me não importa;
Só quero saber por onde
Vós entrastes nesta horta.

4ª PASTORA

Na carreira em que elle vinha
Saltando montes e valles,
Perdi de todo a razão
Precipitei-me nos males.

Saltei logo a vossa cerca,
Sem mais pequena detença,
Por não perdel-o de vista
Não vos fui pedir licença.

CANTA BENTA

Levai o carneiro,
Já creio ser vosso:
Ficar-me com elle
Conheço não posso.

CANTA A 4ª PASTORA, *retirando-se*

Ficai-vos embora,
Pastorinha bella,
As nymphas vos teçam
Mimosa capella.

SAHE O PESCADOR COM O CARNEIRO, *falla.*

Venha para cá, meu carneiro,
Venha para cá, meu amigo,
Que me ha de servir de forro
Cá dentro de meu umbigo.

Não ha de chegar á porta,
Nem tão poueo á janella;
Só ha de andar no fogão
Mettido em uma panella.

O peixe é para a noite,
Você só para o jantar;
Como é hospede não quero
Que tenha o peor lugar.

Ha de ter vinho na mesa,
Não cuide que ha de ser só,
Porque póde, por descuido,
Me dar na garganta um nó.

Chupei o bello quituto
Que lá na fontinha achei;
Indo para cima um pouco,
Com este carneiro encontrei.

Se acaso houver dono d'elle,
Ha de entrar commigo em contas;
Entregal o não hei-de
Por meio de varias pontas.

SAHE A 4ª PASTORA *e falla*

Venha cá, camaradinha,
Onde este carneiro achou?

PESCADOR

Por ventura elle é seu?
Meu trabalho me custou.

4ª PASTORA

Dona sou bem verdadeira,
A razão eu lhe direi;
Pois do curral me fugiu,
Cousa que elle nunca fez;
Mas só lhe digo, que esta
Já é a segunda vez.

PESCADOR

Você, se quer o carneiro,
Ha de me dar os signaes,
Antes que o leve primeiro.

4ª PASTORA

Elle é todo branquinho
Só com uma malha em roda;
Tem uma estrella na testa
Que mal se vê, por subtileza,
Que parece ser pintada,
E não ser da natureza.

PESCADOR

Você cuida que eu estou doudo?
Estou com todo o meu sentido,
Dê-me o signal que quizer,
Com tudo isto, eu duvido.

4ª PASTORA

Você, como o carneiro
Não quer soltar das unhas,
Eu irei chamar a Benta
Que é bôa testemunha.

PESCADOR

Na verdade razão acho,
Para que dar testemunhas?
Não grite, fallemos baixo.—(*Dá o carneiro*)

Quanto mais corre a noticia,
Que na Lapa de Belem
Nasceu, por nossa ventura,
Jesus, todo nosso bem.

Vou agora até o rio
O meu cofinho buscar;
Antes que algum curioso
Vá os meus peixes furtar.—(*Vai-se*)

1ª LAVADEIRA PARA A 2ª

Vamos tambem para a fonte
Nossa roupinha enxugar,
Para tambem do trabalho
Um pouquinho descançar.—

O PESCADOR PARA AS LAVADEIRAS

Eu tambem vou té o rio
O meu côfinho buscar,
P'ra da minha pescaria
Algum peixinho offertar.—(*Vai-se*).

SAHEM AS LAVADEIRAS, *cantando*.

O côfo do peixe
Que nós achemos
Na beira do rio
Tambem levemos.

Já que a fortuna
Nos entregou,
O dono esquecido
O não levou.

SAHE O PESCADOR, *cantando*.

Grande peça me fizeram,
Grande logro me pregaram;
Toda a minha pescaria,
Todo o meu peixe levaram.

AS DUAS LAVADEIRAS

Vamos ás nossas cabanas
Nossos peixinhos tratar,
Que quem chupou o quitute
Sem peixe venha a ficar.

Ainda que venha o dono
Ha de levar por um oculo.

CHEGA-SE O PESCADOR A'S LAVADEIRAS *e diz*:

Eu me vou chegando a ellas
Antes que venha mais gente;
Hei de tomar o meu côfo
A' força de unhas e dentes.

Senhoras, dê-me o meu côfo
Que a mim é que pertence;
Sou obrigado á leval-o,
Disto me não dispense.

Senhoras, dê-me o meu côfo
Não quero graças agora,
Pois eu estou de jornada
E me quero ir emboaa.

(Começa elle a puchal-as.)

AS LAVADEIRAS

Voce é que quer o côfo?
Ha de levar uma bóta;
Não puxe assim pela outra,
Vá puxar sua avó-torta.

(Sahe a 4ª Pastora, toma o côfo das mãos das Lavadeiras, entrega ao Pescador e diz:)

Pois que é isto, meu pastor,
Que contenda é esta agora;
Sabe isto como se faz?
Tome já, vamos embora.

AS DUAS LAVADEIRAS PARA A 4ª PASTCRA

Todavia, pastorinha,
Olhe como é chibante,
Entregue o que nos tomou
Aqui já no mesmo instante.

O PESCADOR PARA AS DUAS LAVADEIRAS

O que foi que eu lhe furtei?
Um caboré de guisado!
Eu furtei porque estava
Já de fome arrenegado.

FALLA A 4ª PASTORA PARA O PESCADOR

Foi muito bem acertada
Esta peça que vos fez;
E' para vós não cahirdes
N'outro logro outra vez.

PESCADOR

E de mais, bellas meninas,
Não sabem que succedeu?
Que hoje por nossa ventura
Jesus em Belem nasceu?

TODAS

Promptas 'stamos, mui contentes,
Pois é o nosso desejo
Que por tão alto convite
As vossas plantas eu beijo.

CANTA O PESCADOR

Grande prazer
Temos na verdade;
Nasceu Deus menino
Por summa bondade.

Repetem todos o mesmo.

CANTAM AS DUAS LAVADEIRAS

Aceitai, Jesus Menino,
Nosso coração sincero;
Aceitai, pois dentro delle
Firmemente vos venero.

Grande prazer, etc.

CANTAM A 3ª E 4ª PASTORA

A hortaliça que trago
E tambem o carneirinho
Aceitai, não desprezeis,
Perdoai a offerta minha.

Grande prazer, etc.

CANTA O PESCADOR

Este lindo rubalinho
Que vós me déstes na linha,
Aceitai, não desprezeis
A humilde offerta minha.

Grande prazer, etc.

Chegança dos Marujos

(Sergipe)

Entrada

Todos : Entremos por esta nobre casa
Alegres louvores cantando,
Louvores á Virgem Pura,
Graças a Deus Soberano.

O Contra-mestre : Olhem como vem brilhando
Esta nobre infantaria!
Saltemos do mar p'ra terra,
Ai, ai!... festejar este dia.

Piloto : Seu Contra-mestre,
Nosso leme está quebrado;
E a prôa d'esta náo
Já está toda arrebentada

Contra-mestre : Senhor Piloto,
Aqui venho me queixar
Que o seu gageiro grande
Botou-me a agulha no mar.

Piloto : Sem mais demora.
Meu gageiro preso já,
Para elle me dar conta
Da agulha de marear.

Gageiro : Senhor Piloto,
Se promette me soltar,
Já eu lhe darei conta
Da agulha de marear.

Piloto : Sem mais demora
Meu gageiro solto já,
Qu'elle iá me deu conta
Da agulha de marear.

Gageiro : Graças aos céos
De todo meu coração,
Qu'estou livre dos ferros,
Bailando n'este cordão.

Contra-mestre : Senhor Piloto,
Para onde está mandando?
Já pelo seu respeito
Estamos todos chorando...

Piloto : Seu Contra-mestre,
Não me venha indignar;
Veja bem qu'estou olhando
P'ra agulha de marear.

Contra-mestre : Senhor Piloto,
Onde está o seu sentido,
Que pelo seu respeito
Estamos todos perdidos?

Piloto : Esta resinga
Não se ha-de se acabar
Sem no fio d'esta espada
Nos havermos de embraçar.

(Segue-se a briga ao mesmo tempo em que toda a marujada está cosendo o panno e cantando.)

Todos : « Triste vida é do marujo;
Qual d'éllas é mais cançada?...
Que pela triste soldada
Passa tormento
Passa trabalhos...

Dom dom....

« Antes me quizera vêr
Na porta de um botequim,
Do que agora vêr o fim
Da minha vida,
Da minha vida...

Dom dom...»

Contra-mestre : Virar, virar, camaradas,
Virar com grande alegria,
Para vêr se alcançamos
A cidade da Bahia.

Dom dom...

Capitão : Fazem vint'annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho,
Oh! tolina,
Para de noite jantar.
Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real;
Olha p'ra estrella do norte,
Oh! tolina,
Para poder-nos guiar.

Gageiro : — Alvistas, (1) meu capitão,
Alvistas, meu general,
Avistei terras de Hespanha,
Oh! tolina,
Areias de Portugal...
Tambem avistei tres moças
Debaixo de um parreiral;
Duas cosendo setim,
Oh! tolina,
Outra calçando o didal.

Capitão : Desce, desce, meu gageiro,
Meu gageirinho real;
Olha p'ra estrella do norte,
Oh! tolina,
Para nos poder guiar.

(Tudo isto é cantado e representado ao vivo. Depois que o gageiro desce, a multidão dos marujos vai sahindo, e cantando á despedida).

Todos : Ora, adeus, ora, adeus,
Que me vou a embarcar;
Se a fortuna permittir
Algum dia hei de voltar.
Ora, adeus, bellas meninas,
Que de Lisboa cheguei;
Ai! pensavam que eu não vinha
Para nunca mais as vêr!...
Todos filhos da fortuna
Que quizerem se embarcar,
A catraia está no porto,
A maré está baixa-mar.
Quando Deus formou o navio
Com seu traquete de lona,
Tambem formou o marujo
Lá no páo da bijarrona.
Quando Deus formou o navio
Com seu letreiro na pôpa,
Tambem formou o marujo
Com seu charuto na bocca.

(1) Por alviçaras.

Quando me fôr d'esta terra
Tres cousas quero pedir:
Uma é um mal de amores
P'ra quando tornar a vir.

Aqui finda-se, e, pela rua, de uma casa para outra, vão cantando improvisos, como este, que pudemos colher

No jardim das ricas flores
Vi uma rôla cantando;
A rolinha abriu o bico
O perfume arrespirando...

Chegança dos Mouros

(Sergipe)

Mar e Guerra: Atraca, atraca, atraca,
Atraca com chibança;
Olhem que os inimigos
Andam comnosco em lembrança.

Patrão: A'lerta! que gente é esta?
N'esta bulha não posso dormir!...
Estava lá no meu quarto,
Lá me foram consummir.

Todos: Olhem que grande peleja
Temos nós que pelejar,
Se fôr o rei da Turquia,
Se não quizer se entregar!
Trabalharemos com gosto
P'ra nossa espada amolar;
Se fôr o rei da Turquia,
Se não quizer se entregar.

Chegam os mouros e são intimados a renderem-se.

Mar e Guerra : Entreguem-se, mouros,
A' santa religião,
Que dentro desta náo,
Temos ferros no porão.

Rei Mouro : Eu não me entrego, nem pretendo
No meio de tanta gente;
Somos filhos da Turquia,
Temos fama de valentes.

Mar e Guerra : Entreguem-se, mouros,
Não se ponham a brigar,
Que no fio desta espada
Todos hão-de se acabar.

Rei Mouro : Eu não me entrego, nem pretendo
No meio de tanta gente;
Somos filhos da Turquia,
Temos fama de valentes.

Trava-se a lucta mais forte ; os mouros são derrotados, seu rei é preso ; elles entregam-se.

Mouros : Olhem, olhem que desgraça
Nos havia de chegar!
Que nós sendo tão valentes,
Sempre nos ter de entregar!

Segue-se o baptismo dos mouros.

Capellão : Eu vos baptiso, mouros,
Na santa religião,
Fazendo de vós, brutos,
Fazendo de vós christãos.

Depois da victoria, os nossos vão á terra, onde o piloto se entriga com o patrão, e este o fere. E' chamado o capellão para confessar o moribundo, que era seu proprio filho.

Piloto : Olhem que estocada
Me deu o mestre patrão!
Com esta sua bengala
Traspassou meu coração!

Mandem chamar o capellão
Que me venha confessar;
Que a ferida é mortal,
D'esta não hei-de escapar.

Capellão : O que tendes, meu rico filho,
Filho do meu coração ?
Dai-me um par de pistolas
Qu'eu a vida irei vingar-te...

Todos : Senhor padre capellão,
Outro modo de viver;
Não se fie nas orações,
Que tambem ha-de morrer.

Capellão: Eu não me fio n'ellas,
Nem d'ellas eu faço conta ;
Dai-me um par de pistolas
Que a vida te irei vingar.

Retira-se o capellão.

Piloto : Mandem chamar o surjão, (1)
Que venha me curar,
Que a ferida é mortal,
D'esta não hei de escapar.

Cirurgião : Desgraça minha
Hoje aqui n'este lugar ;
Se a vida eu não te der
Nos ferros quero acabar.
Mas eu não faço cura
Sem o meu chefe não vêr ;
Qu'esta tua ferida
Corpo-delicto ha-de ter.

O cirurgião em quanto não chegam o Mar e Guerra e outros para tomarem conhecimento do crime, manda buscar os medicamentos.

(1) Transformação popular de *cirurgião*.

Cirurgião : Vem cá, Laurindo,
Vai depressa na botica,
Vai com todo o cuidado,
Traz de lá a medicina.

Laurindo : Aqui tem, meu rico amo,
E tambem bello senhor,
Aqui tem a medicina,
Sahiu toda a seu favor.

Cirurgião : Unguento novo
Boto na tua ferida,
Balsamo cheiroso
E' com que darei-te a vida.

O piloto vai melhorando e se restabelece.

Piloto : Graças aos céos
De todo meu coração,
Que já estou livre da morte,
Bailando neste cordão.

Por este tempo vem o Mar e Guerra e os seus adjunctos e mandam prender o patrão.

Patrão : P'la pureza de Maria,
Pelos santos do altar,
Que hoje é dia de festejo,
Não costumam castigar.

O patrão, não sendo attendido, foi-se valendo de todos os circumstantes, um por um, para o saltarem. Ninguem o attendendo ainda, elle valeu-se de toda a marujada que se prostrou aos pés de Mar e Guerra, que, afinal o mandou soltar.

Patrão : Graças aos céos
De todo meu coração,
Que já estou livre dos ferros,
Bailando n'este cordão.

Acabado o que, todos vão se retirando de casa, fingindo ser a marujada que vai à terra vender contrabando.

Marujos : Cheguem senhores mercantes,
O seu preço venham dar
Que a fazenda é mui fina.
Para os senhores trajar.

Mercantes : Dou-lhe vinte um cruzados
Pela fazenda real ;
Se não me quizer vender,
Vou dar parte ao general ;
«Saberá vossa excellencia,
E tambem meu general,
Que os seus dous guardas marinhas
Fazem negocio p'ra mal.»

Tomam a rua, onde vão cantando improvisos e versos populares.

Reisado da Borboleta, do Maracujá e do Pica-páo

(Sergipe)

SCENA 1ª

(*Apparece um grupo cantando*)

Côro : Quando n'esta casa entramos,
Toda cheia de alegria,
Da cepa nasceu o ramo,
Do ramo nasceu a flôr,
E da flôr nasceu Maria,
Mãe do nosso Redemptor.

SCENA 2ª

(*Apparece uma figura representando a borboleta*)

Côro : Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal,
Venha cantar doces hymnos,
Hoje noite de Natal.

Borboleta : Deus lhe dê mui bôa noite,
Bôa noite lhe dê Deus ;
Que eu não sou mal ensinada,
Ensino meu pae me deu.

Côro : Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal;
Venha cantar doces hymnos,
Hoje noite de Natal.

Borboleta : Eu sou uma borboleta,
Sou linda, sou feiticeira;
Ando no meio da casa,
Procurando quem me queira.

Côro : Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal, etc.

Borboleta : Eu sou uma borboleta,
Verde da côr da esperança,
Ando no meio da casa,
Com alegria e bonança.

Côro : Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal, etc.

Borboleta : Eu sou uma borboleta,
Vivo de ar e de luz;
Ando no meio da casa
Com minhas azas azues.

Côro : Borboleta bonitinha,
Saia fóra do rosal, etc.

Borboleta : Adeus, senhores, adeus,
Já são horas do partir;
Entre a bonina e a açucena
Já são horas de dormir.

SCENA 3ª

(O vaqueiro, que é uma especie de palhaço, traz para scena um pé de maracujá artificial; duas figuras entram e cantam).

1ª figura : Senhores, me dêm licença,
Licença me queiram dar;
Que eu vou chamar minh'irmã
Pr'a apanhar maracujá.

2ª figura: Minha irmã me chamou
P'ra apanhar maracujá;
Senhores, me dêm licença,
Licença queiram me dar.

Estribilho: Ecô, ecô,
Apanhar maracujá;
Maracujá perruche,
Apanhar maracujá;
Maracujá de doce,
Apanhar maracujá;
Bem apanhadinho,
Apanhar maracujá;
Bem machucadinho,
Apanhar maracujá;
Pela mão de sinhá,
Apanhar maracujá.

SCENA 4ª

(*Apparece um tronco de arvore com dous «pica-páos», dous meninos cantam em torno do mesmo*:)

Meninos; Pinica-páo é marinheiro,
Ninguem póde duvidar,
Com seu barrete vermelho,
E camiza de zangá.

Estribilho: Sinhá Naninha
De Campos de Minas,
Sinhô Mané, Corta-Páo,
Berimbáo;
Arrevira o páo,
Meu pinica-páo,
Torna a revirar,
Que isto não é máo...

Meninos: Pinica-páo de curioso
De um páo fez um tambôr,
Para tocar a alvorada
Na porta do seu amor.

Estribilho: Sinhá Naninhá
De Campos de Minas,
Sinhô Mané, Córta-Páo,
Berimbáo;
Arrevira o páo,
Meu pinica-páo!
Torna a revirar,
Que isto não é máo!...

Meninos: Pinica-páo de atrevido
Foi ao Rio de Janeiro
Buscar sua mulatinha
Que comprou com seu dinheiro.

Estribilho: Sinhá Naninha
De Campos de Minas, etc.

Meninos: Pinica páo, vamos embora
Péde licença ás senhoras,
Faz a tua cortezia,
Procura o tom da vióla.

Estribilho: Sinhá Naninha
De Campos de Minas, etc.

SCENA 5ª

(*Representa-se o «Bumba meu boi», cuja descripção acha-se na Introducção deste livro, e cujos versos são os seguintes*:)

Córo: «Olha o boi, olha o boi,
Que te dá;
Ora, entra p'ra dentro,
Meu boi *marruá*.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá,
Ora, ao dono da casa
Tu vaes festejar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, dá no vaqueiro,
Meu boi guadimar.

Olha o boi, olha o boi
Que te dá ;
Ora, espalha este povo,
Meu boi *marruá*.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá ;
Ora, sae da catinga,
Meu boi malabar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá ;
Ora, faz cortezia,
Meu boi guadimar...

(*Depois de varias evoluções, finge-se o boi morto, e depois levanta-se.*)

Vaqueiro : Levanta-te, meu boi,
Vamo-nos embora,
Que a viagem é longa,
D'aqui para fóra.
O meu boi de Minas,
Como boi primeiro.
Com a festa do povo
Dança de pandeiro.
O meu boi de Minas
Era um valentão,
Chegando ao *Capinha*
Derrubou no chão.
O meu boi valente
E' de coração ;
Dança no escuro
Sem um lampeão.
Aqui estou esperando
Bem de coração
A sua resposta
Oh ! *seu* capitão.

SCENA 6ª

(*Reunem-se todas as figuras e cantam em despedida:*)

Retirada, meu bem, retirada,
Acabou-se a nossa funcção,

Não tenho mais alegrias,
Nem tambem consolação.

Bateu aza, cantou o gallo,
Quando o Salvador nasceu;
Cantam anjos nas alturas
Gloria in excelsis Deo!...

Reisado do José do Valle

(Sergipe)

— Minha mãi assuba,
Falle como gente;
Assuba o palacio,
Falle ao presidente.
Pegue na cabocla,
Dê-lhe co'o bordão,
Qu'ella foi a causa
Da minha prisão.
A minha prisão
Foi ao meio dia,
Nas casas extranhas
Com grande agonia.
Mortinho á fome,
Mortinho á sêde,
Só me sustentava
Em canninha verde.
— « Dona. por aqui?
Grande novidade...
« Vim soltar um preso
Cá n'esta cidade....
Senhor presidente,
Que dinheiro vale?
Tenho duzentos contos
Por José do Valle.
— « Dona, vá-se embora,

Qu'eu não solto, não;
Que seu filho é mau,
Tem ruim coração;
Matou muita gente
Lá n'esse sertão;
Da minha justiça
Não faz conta, não.
« Tenho meu lacaio
De minha estimação,
P'ra seu presidente
Não tem preço, não.
Senhor presidense,
Pelo incontinente
Solte Zé do Valle,
Pelo Sacramento!
«Senhor Presidente,
Não abra a porta, não;
Se eu cahir na rua,
Faço escalação...» (1)
«Minha mãi, vá-se embora,
Deixe de cegueira,
Qu'eu hei de ser solto
No Rio de Janeiro.»
«Quem tiver seu filho
Dê-lhe ensinação,
P'ra nunca passar
Dôr de coração;
Quem tiver seu filho
Dê-lhe todo o dia,
Ao depois não passe
Dôres de agonia.»
«Adeus, minha mãisinha,
Mãi do coração;
Dê lembrança á Anninha,
E a meu mano João;
Mana, vá-se embora,
Guarde o seu dinheiro,
Qu'eu vou me soltar
No Rio de Janeiro.»

(*Segue-se o Bumba-meu-boi*)

(1) Desordem com resistencia, ferimentos.

Reisado do Antonio Geraldo

(Sergipe)

Seu Antonho Gerardo (1)
Assim mêm'é ; (2)
O seu boï morreu,
Assim mêm'é ;
Qu'ha de se fazer?
Assim mêm'é ;
E' tirar o couro
Assim mêm'é ;
P'ra siá (3) Michaela,
Assim mêm'é...
E Brisda (4) Amarella ;
Assim mêm'é. (5)
Vou fazer um peso
Para amigos meus,
Para Wenceslau
E José Matheus.
Osso corredor
E' do professor ;
Saiba repartir
Com *seu* promotor.
Eu peguei nos rins,
Me esqueci da banha!
São p'ra Manoel Ivo
E Chico Piranha.
A *chan* de dentro
E' de *seu* João Bento,
A *chan* de fóra
De Domingos da Hora.

(1) Por *Senhor Antonio Geraldo*, homem inculto da cidade da Estancia (em Sergipe) que é o heróe d'esta rhapsodia.

(2) Mesmo é.

(3) Por Sinhá ou Senhora.

(4) Por Brigida.

(5) A cada verso repete-se sempre este estribilho.

Mocotó da mão
E' de Manoel Romão;
Mocotó do pé
E' de *seu* André;
A passarinha (1)
E' de *siá* Nanzinha,
Saiba repartir
Com tia Anna Pibinha.
O *figo* (2) do Boi
Foi p'ra *sarandage,* (3)
O resto que ficou
Foi p'ra priquitage. (4)
Siá Nenên abra a porta
Sentido nos pratos,
Que a gente é muita
P'ra comprar o facto.
A tripa gaiteira
E' de Maria Vieira,
A tripa mais grossa
De Chico da Rocha.
O menino Esculapio
E' menino sabido;
P'ra elle e Caetano
Só ficou o ouvido. (5)

(*Segue-se o Bumba-meu-boi.*)

(1) O baço.
(2) O figado.
(3) A canalha.
(4) Chama-se assim a familia de uns ferreiros que existe no Lagarto, especies de ciganos, de que depois os filhos vão herdando o mesmo officio. Seu maioral nos ultimos cincoenta annos foi o *Evaristo Boi*, varão popular n'aquellas paragens.
(5) N'este gesto vai-se dividindo o boi, e dando a cada um o seu pedaço, tudo isso debaixo de muita pilheria e gargalhadas.

Reisado do Cavallo Marinho e Bumba-meu-boi

(Pernambuco)

SCENA I

O Cavallo marinho a dançar, e o Córo

Córo—Cavallo-marinho
Vem se apresentar,
A pedir licença
Para dançar.
Cavallo-marinho,
Por tua tenção,
Faz uma mesura
A *seu* capitão.
Cavallo-marinho
Dança muito bem ;
Póde-se chamar
Maricas meu bem.
Cavallo-marinho
Dança bem *bahiano* ;
Bem parece ser
Um pernambucano.
Cavallo-marinho
Vai para a escóla
Aprender a lêr
E a tocar viola.
Cavallo-marinho
Sabe conviver ;
Dança o teu balanço
Que eu quero vêr.
Cavallo-marinho,
Dança no terreiro ;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Cavallo-marinho,
Dança na calçada ;
Que o dono da casa
Tem gallinha assada.

Cavallo-marinho,
Vossê já dançou:
Mas porém lá vai,
Tome que eu lhe dou.
Cavallo-marinho,
Vamo-nos embora;
Faze uma mezura
A' tua senhora.
Cavallo-marinho,
Por tua mercê,
Manda vir o boi
Para o povo vêr.

SCENA II

O Amo, o Arlequim, o Matheus, o Boi, o Côro, o Sebastião e o Fidelis.

Amo— O' arlequim,
O' peccados meus,
Vai chamar Fidelis,
E tambem Matheus.
O' meu arlequim.
Vai chamar Matheus,
Venha com o boi
E os companheiros seus.

Arlequim—O' Matheus, vem cá,
Sinhô está chamando;
Traze o teu boi,
E venhas dançando.
Só achei o Matheus,
Não achei Fidelis;
Bem se diz que negro
Não tem dó da pelle.

Amo—O' Matheus, cadê o boi?

Matheus—Olá, olá, olá,
Boio tá p'ra cá,
Boio tá p'ra cá...
Se minha boi chegou
Eu tá aqui;

E que foi esse
Pur aqui ?
O' meu xinhô,
Cadêl-o Bastião,
Cadêl-o Fidére ?
Para onde fôro ?
Venham cá vossês (*para o Côro*)
E tambem o boio.

Entra o Boi.

Côro—Vem, meu boi lavrado,
Vem fazer bravura,
Vem dançar bonito,
Vem fazer mesura.
Vem fazer mysterios,
Vem fazer belleza ;
Vem mostrar o que sabes
Pela natureza.
Vem dançar, meu boi,
Brinca no terreiro ;
Que o dono da casa
Tem muito dinheiro.
Este boi bonito
Não deve morrer ;
Porque só nasceu
Para conviver.

Matheus :—O' boio, dare de banda,
Xipaia esse gente,
Dare p'ra trage,
E dare p'ra frente...
Vem mai p'ra baxo,
Roxando no chão
E dá no pai Fidére,
Xipanta Bastião...
Vem p'ra meu banda
Bem difacarinha,
Vai mettendo a testa
No Cavallo-marinha.
Õ, ô, meu boio,
Desce d'esse casa,

Dança bem bonito
No meio da praça...
Toca esse viola,
Pondo bem miudo;
Minha boio sabe
Dançá bém graudo.
Córo —Toca bem esta viola
No bahiano gemedô,
Que o Matheus e o Fidelis
São dois cabras dançadô.
No passo da jurity,
Tico-tico, rouxinô.
Se Fidelis dança bem,
O Matheus dança milhó.
O tocadô da viola
Tem os olhos muito esperto,
O som da sua viola
Parece-me um céo aberto.
Eu quero boa viola
Para fazer toda a festa,
O bom pandeiro concerta
O samba na floresta.
Eu fui dos que nasci
Na maré dos caranguejos,
Quanto mais carinhos faço,
Mais desprezado me vejo.
Como sou filho do povo,
Tenho o dom da natureza;
Não sou feliz, mas bem passo
Com toda a minha pobreza.
Dança o boi, dança o Matheus,
Dançam todos os vaqueiros;
Dançam que hoje nós temos
Grande festa no terreiro.
Matheus — Pára, pára, pára!
Quero dizê um recado:
— Boio dançou, dançou,
Mai agóra tá deitado!
Sebastião—Ah! pracêro meu,
Bôio de sinhô morreu...
Matheus —A t'embora, bôbo,
O boio divertiu muito,

Agora ficou cançado;
Toca bico do ferrão,
P'ra tu vê como arrevira
E te dá no chão.

SCENA III

Os mesmos, o Doutor, Capitão do matto, D. Frigideira, Catharina, e o Padre; cahido o boi, foge Fidelis, chama-se um capitão do campo para o prender e um Doutor para curar o Boi; apparece um Padre para fazer o casamento de Catharina.

Matheus.— Minha bôio morreu!
Que será de mim?
Manda buscá outro
Lá no Piauhy.

Amo.— O' Matheus cadê o boi?

Matheus.— Sinhô, o boio morreu...

Sahe o Matheus espancado pelo amo

Amo.— O' Matheus, vá chamar
O doutor para curar
O meu rico boi:
Quero saber do Fidelis
Para onde foi.
O' Sebastião, vá á toda a pressa,
Chame o Capitão do matto,
Dê as providencia,
Que traga o Fidelis
Na minha presencia.

Chegando o Doutor, ajusta com o Amo a cura do Boi; chegam D. Frigideira e Catharina, e Sebastião quer casar com esta; apparece o Padre para este fim.

Padre.— Quem me vêr estar dançando
Não julgue que estou louco;
Não sou padre, não sou nada;
Singular sou como os outros.

Côro.— O' chente, que quer dizer
Um padre nesta funcção?
E' signal de casamento,
Ou d'alguma confissão.

Padre.— Bula bem na prima,
Bata no bordão;
Arriba a funcção,
Não se acabe não.

Doutor para *Matheus.* — O' negro, teu desaforo
Já chegou aonde foi;
Quando tu me chamares
E' p'ra gente e não p'ra boi.

Matheus.— Ah! uê, ah! uê!
Trôco miudo
Tu vai recebê.

O Capitão do campo dá com o Fidelis e vai prendel-o.

Capitão.— Eu te atiro negro,
Eu te amarro, ladrão,
Eu te acabo, cão.

O Fidelis vai sobre o Capitão e o amarra.

Côro.— Cpitão de campo,
Veja que o mundo virou,
Foi ao matto pegar negro,
Mas o negro lhe amarrou.

Cvpitão.— Sou valente afamado,
Como eu pode não haver;
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr.

Finda-se aqui a funcção, sahindo todos a cantar.

Versos das Tayêras

(Sergipe)

Virgem do Rosario,
Senhora do mundo,
Dá-me um côco d'agua,
Se não vou ao fundo.
«Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth...

Virgem do Rosario,
Senhora do norte,
Dá-me um côco d'agua
Se não vou ao pote.
Indêré, rê, rê, rè,
Ai Jesus de Nazareth!...

Virgem do Rosario,
Soberana Maria,
Hoje este dia
E' de nossa alegria.

....

Meu Sam Benedicto,
E' santo de preto;
Elle bebe garapa,
Elle ronca no peito.

....

Meu Sam Benedicto
Não tem mais corôa;
Tem uma toalha
Vinda de Lisbôa.

....

Meu Sam Benedicto,
Venho lhe pedir
Pelo amor de Deus
P'ra tocar *cucumby*. (1)

....

(1) Instrumento africano.

Meu Sam Benedicto,
Foi do mar que vieste;
Domingo chegaste,
Que milagre fizeste!

....

Lôas de Natal e Reis

(Norte do Brasil(

I

Oh! de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis,
Lá das bandas do Oriente
São chegados os tres Reis

Gaspar, Melchior, Balthazar
Vieram lá do Oriente
Adorar o Deus Menino,
A Jesus omnipotente.

O primeiro trouxe ouro,
Para o seu throno dourar;
O segundo trouxe incenso,
Para o Menino incensar;
O terceiro trouxe mirrha,
Por saber qu'era immortal...

Abri a porta,
Se quereis abrir,
Que somos de longe,
Queremos nos ir.

II

Acordai, se estaes dormindo,
Deste somno em que estais,
Pois em noite tão ditosa
E' bom que vós não durmais.

Esta casa é mui bem feita,
Por dentro, por fóra não:
Por dentro cravos e rosas,
Por fóra mangericão.

Oh senhor dono da casa,
Ramo de alecrim maior,
A sua sombra nos cobre,
Quer chova, quer faça sol.

Oh senhor dono da casa,
Foi homem que Deus pintou,
Metta a mão nas algibeiras,
Pague já quem o louvou.

Ora deem,
Se têm o que dar,
Que somos de longe,
Queremos andar!

III

Bemdito, louvado seja,
O Menino Deus nascido,
Que no ventre de Maria
'Steve por nós escondido.

Ha tres dias que eu ando
Procurando sem achar,
Mas fui dar com elle em Roma
Vestidinho n'um altar.

Abram a porta,
Se têm de abrir,
Que somos de longe,
Queremos nos ir.

IV

Do lethargo em que cahistes,
Despertai, nobres senhores;
Vinde ouvir noticias bellas,
Que vos trazem os pastores.

Senhora dona da casa,
Bote azeite na candeia,
Que eu não tenho a confiança
De mandar na casa alheia.

Aqui estou na vossa porta
Feito um feixinho de lenha,
A' espera da resposta
Que de vossa bocca venha.

Dous de cá,
Dous de lá;
Mariquinhas no meio
Não póde *sambá.*

V

Vinde abrir a vossa porta,
Se quereis ouvir cantar;
Acordai, se estais dormindo,
Vos viemos festejar.

Sabei que é nascido um Deus,
Soberano e Omnipotente,
Adorado das nações
E da mais bravia gente.

Os tres Reis, de longes terras,
Vieram ver o Messias,
Desejado ha tanto tempo
De todas as prophecias.

Tenho sêde,
Não quero *pedi,*
Pois tenho vergonha
Da gente d'aqui.

VI

Os tres Reis, com grande gosto,
Seguidos de muita gente,
Se humilharam abatidos
A um Deus Omnipotente.

Lhe trazem suas offertas
Com um amor filial,
Applaudem todos contentes
O seu tão lindo Natal.

Incenso, mirrha e ouro
E' o que vêm offertar,
Despem sceptros e corôas
Com prazer mui singular.

Mortaes, não fieis na sorte,
Vinde ao Menino applaudir;
O seu virtuoso exemplo
Deveis contentes seguir.

Se ha de vir,
Que venha já:
Garrafas de vinho,
Doce de araçá.

VII

A grandeza, a opulencia,
Detestai-as sem receio;
Vêde como o Deus Menino
A dar-vos exemplo veio.

O' senhor dono da casa,
Com ampla satisfação,
Abra ja a sua porta
Pois tem grande coração.

Hoje é dia de festejo,
E de um prazer sem segundo,
Pois é nascido o Menino
Salvador de todo o mundo.

O senhor dono da casa,
Deve já aqui estar,
Pois sabemos quanto gosta
Com prazer tambem brincar.

Ha tanto tempo
Que nós já chegamos,
Que é de as gallinhas
Que nós já ganhamos?

VIII

Somos gentes de bom gosto,
Gostamos de conviver,
Tambem queremos que todos
Mostrem contento e prazer.

Na Lapinha de Belem
E' nascido o Deus Menino,
Entre as turbas dos pastores
Sendo um Senhor tão Divino.

Abra a porta,
Tambem a janella,
Que eu quero gosar
A côr de canella.

IX

Abri já a vossa porta,
Pois temos muito que andar;
Antes que o dia amanheça
Queremos a Belem chegar.

Queremos hoje brincar
Com contento e com prazer,
Pois para nossa ventura
Veio o Menino nascer.

Na Lapinha de Belem,
Adorado dos pastores,
Nasceu um Deus Menino,
Sendo Senhor dos senhores.

Festejemos ao Menino,
Nascidinho em Belém,
Pois é a vossa ventura
E' o nosso Summo Bem.

Tenho vontade
De uma cousa *pedi ;*
Mas tenho vergonha
Das gentes daqui.

X

Somos gentes muito boas,
Sabemos bem conviver;
Bebemos bem aguardente
Com alegria e prazer.

O nosso bom Deus amante
Quiz o mundo resgatar,
Nascendo em um presépe
Para todos nos salvar.

Abra a porta
Bem devagarinho,
Que eu quero dizer:
Adeus, meu bemzinho.

XI

Senhora D. Maria,
Espelho de relação,
Quem falla n'essa senhora
Dobra o joelho no chão.

O senhor dono da casa
E' uma folha de papel,
Inda espero o ver na praça
Com bastão de coronel.

Os pequenos d'esta casa,
Não se dêm por aggravados,
Ficaram por derradeiros
Por serem mais estimados.

Senhora dona da casa,
Olhos de pedra redonda,
Daquella pedra mais fina
Em que o mar combate a onda,

O telhado d'esta casa
E' telhado de virtude;
Eu passei aqui doente,
Hoje de bôa saude.

Se eu soubesse
Que havia funcção,
Trazia mulatas
Do meu coração.

XII

Esta noite tão ditosa
E' bom que vós não durmaes,
Porque tão alta ventura
Não é justo que percaes.

Vinde ouvir simples cantatas
De grosseiros camponezes,
Das aldeias conduzindo
Cordeiros e mansas rezes.

As serranas enfeitadas
Em prazeres vão saltando;
Os mancebos, os velhinhos,
Todos, todos vão chegando.

Vossas offertas, senhores,
Trazei, que as conduziremos,
E com toda a companhia
Iguaes as repartiremos.

Somos meninas
Da casa da meatra,
Viemos fugidas
Promode a tarefa.

XIII

Frangos, gallinhas, perús,
Doce, queijo e requeijão,
Tudo nós acceitaremos
Vindo de bom coração.

Nada de flores queremos,
Porque cheiro sem sabor,
Suavisa um só sentido,
Não refrigera o calor.

Melancias, ananazes,
Rellas mangas, mangabinhas,
Até servem nesta noite
Uns pombinhos e pombinhas.

Ora dêm,
Se têm de dar!
Que somos de longe
Queremos andar.

XIV

Venham ovos, venham uvas,
Limões doces e cajús;
E então s'm, seremos gratos
Para sempre, *Amen Jesus.*

Para que tão lauta ceia
Mal não nos possa fazer,
Em cima da fruta e doce
Mandai-nos dar que beber.

Se quizer
Que eu seja d'ahi,
Você dá pipocas,
Eu dou *mundubi.*

XV

Vinho do Porto e do Duque,
Bordeaux, moscatel. *champanha,*
E tudo que é licor fino
Fabricado em terra estranha.

Esta vai por despedida
Por cima destes telhados,
As pessoas que nos ouvem
Tenham os dentes quebrados.

A dona da casa
E' boa de *dá*,
Garrafas de vinho,
Doce de araçá.

Cantiga do marujo

(Pernambuco)

Que triste vida,
Que é a do marujo!
Quando não está bebado,
Anda rôto e sujo.

De bordo a bombordo
E, ê, ê, ê.....
Na borda do mar. (*bis*)

Arreia o bote
E vai á taverna,
Pede ao patrão
Que lh'encha a lanterna......

De bordo a bombordo
E, ê, ê, ê...
Na borda do mar. (*bis*)

Depois do gornopio
Chupa a laranja,
Cae d'uma vez
E perde a fragranja...

De bordo a bombordo
E, ê, ê, ê....
Na borda do mar. (*bis*)

De prôa á pôpa
Correndo se vê
Um pobre marujo
Implorando mercê...

De bordo a bombordo
E, ê, ê, ê...
Na borda do mar. (*bis*)

Pastorinhas do Natal

(Fragmento de Pernambuco)

Vinde, pastorinhas
Vamos á Belem,
A ver se é nascido
Jesus, nosso bem.
Capellinha de melão
E' de Sam João ;
E' de cravos, é de rosas,
E' de manjericão.
Adeus, pastorinhas,
Hdeus, que eu me vou ;
Até para o anno,
Se nós vivos fôr...

Versos de Chiba

(Rio de Janeiro)

Minha gente, folguem, folguem,
Que uma noite não é nada ;
Se não dormires agora
Dormirás de madrugada.

O senhor dono da casa
Mande vir a aguardente,
Que sinão eu vou-me embora,
Levo toda a minha gente.

Minha gente não *inore*
Este meu cantar baixão,
Que estou co'o o peito serrado
Do malvado catarrhão.

Senhóra, minha senhóra
Da minha veneração,
Cachaça custa dinheiro,
Agua tem no ribeirão.

Tenho minha viola nova
Feita de pau de colhér
Para *mim* dançar com ella,
Já que não tenho mulher.

Esta viola não é minha,
Se eu a quizer minha será;
Se eu fizer intento n'ella,
Meu dinheiro a pagará!

Tenho minha viola nova
Com seu buraco no meio;
P'r'amô' deste buraco
Mataram meu companheiro.

Fui no matto tirar côco,
Tirei côco de yndayá
Para quebrar no dentinho
De minha amante yayá.

Não quero ser conde d'Arcos,
Nem tenente-general;
Só quero me vêr nos braços
De minha amante yayá.

Seja muito bem chegada
A senhora archiduqueza;
Inda o céo me deixou vivo
P'ra gozar d'esta belleza.

Novos ares, novos climas
Bem longe vou respirar;
Lá mesmo serei ditoso,
Se meu bem nunca mudar.

Esta noite, meia noite
Vi cantar um gavião,
Parecia que dizia:
— Vinde cá, meu coração.

Oh! que moça tão bonita,
Que parece meu amor,
Com seu corpinho de penna,
Seu ramalhete de flôr.

Canna verde, canna secca,
Canna do cannavial,
Tenho pena de te vêr,
Pena de não te gozar.

Maria, minha Maria,
Minha flôr de melancia,
Um suspiro que eu te dou
Te sustenta todo o dia.

Já lá vem amanhecendo,
As folhas tremem com o vento;
Meu amor que já não vem
E' que está fechado dentro.

Minha Maria, o tempo corre
Perguntando á natureza,
A nossa paixão gozemos,
Que o tempo murcha a belleza.

Quem possue um bem que adora
Não tem mais que desejar;
Se elle cumpre o juramento,
Não tem mais que suspirar.

Aprendei a temperar
Que o tocar não tem sciencia;
A sciencia do amor
E' fazer a diligencia.

TERCEIRA SERIE

VERSOS GERAES

Origens : do portuguez e do mestiço ; transformações pelo mestiço

Jurejure

(Sergipe)

Jurejure fez seu ninho
Na fulor (1) do matapasto. (2)
Co'o bico pediu um beijo,
Co'as azinhas um abraço.

De que me serve um abraço?
Boquinha que gosto tem?
São affectos de quem ama,
Carinhos de quem quer bem.

A flor da murta

(Sergipe)

Eu fui a *fulô* da murta,
D'aquella que cae no chão;
Quanto mais carinhos faço,
Mais desenganos me dão.

De que me serve dizer,
A dôr de meu coração?
— A quem descubro este peito,
Não me dá consolo, não.

(1) *Fulor*, *fulô*. flor.
(2) *Cassia sericca*.

Sol posto

(Sergipe)

Quando rompe o claro dia,
Magino (1) na triste tarde;
Lembro (2) de quem anda ausente,
Redobra maior saudade.

Cresce o dia, o sol aponta,
Põe-se em pino e vae-se a aurora;
Eu certifico a lembrança,
Magino em quem foi-se embora.

Sol posto que vive ausente,
Amor do meu coração,
Leva-me longe da vista,
Porém do sentido (3) não.

Sol posto, que vive ausente,
Teu amor não se acabou;
Inda agora está mais firme
Do que quando começou.

Tudo quanto é verde sécca,
Agua corrente se acaba;
Amor firme não se deixa,
Quem ama nunca se enfada.

(1) Imagino, penso.
(2) Lembro-me.
(3) Ideia.

Veja com quem quer ficar

(Sergipe)

N'uma arvore apanhei um verde,
No olho (1) uma folha secca ;
Pelos desmanchos de amores
Não falta quem não se metta.

Arvore solemne e copuda, (2)
Amparo de um bem querer,
Procurei a tua sombra,
Não me deixes padecer.

Maço do verde e maduro,
Qu'é verdura todo o anno,
Eu vivo n'uma esperança,
Não me dês o desengano.

Coração que a dois ama,
E que a dois quer agradar,
Não ande enganando os outros,
Veja com quem quer ficar.

Vae-te, carta absoluta

(Sergipe)

Vae-te, carta absoluta,
Vêr que (3) a fortuna te acode,
Vae visitar a meu bem,
Já que meu corpo não póde.

(1) Brôto e extremidade das plantas.
(2) Copada.
(3) Por *si*.

Vae-te, carta amorosa,
Aos pés d'aquelle jasmim;
Ajoelha, pede licença,
Dá-lhe um abraço por mim.

Meu coração já é teu,
E o teu de quem será?
Só desejava saber
Para direito te amar.

Quando vae chegando á tarde
E meus olhos não te vê,
Só me pede o coração
Qu'eu chore até morrer.

Passando eu pelas ruas
Teu nome não posso ouvir;
Tenho ciume das flores
Que nos teus pés vejo abrir.

Ha tres dias que não como,
Ha quatro que não almoço;
Por falta de teus carinhos
Quero comer, mas não posso.

Meu cravo, meu diamante

(Sergipe)

Meu cravo, meu diamante,
Meu relogio, meu cordão,
Tu foste a primeira chave
Que abriu meu coração.

Alecrim verde é firmeza,
Que de meu peito nasceu;
Acharás muito quem te ame,
Mas não firme como eu.

Alecrim verde se chama
Uma esperança perdida;
Quem não logra o que deseja,
Antes morrer, não ter vida.

Lá no céo tem uma estrella

(Sergipe)

Lá no céo tem uma estrella
Com relogio d'ouro dentro,
Muito custa a se achar
Amor firme n'este tempo.

Quando passares por mim
Bota a vista pelo chão ;
Mode (1) nós andar de amores
O mundo dizer que não.

Quando passares na rua,
Tosse e bate pelo chão,
Qu'estou lá dentro cosendo,
Não sei se passas ou não.

Quando passares por mim
Fazei o semblante triste,
Nega, feliz da minh'alma,
Nega que nunca me viste.

Raios do sol

(Sergipe)

Bemzinho, se eu pudesse
Fazia o dia maior ;
Dava um nó na fita verde,
Prendia os raios do sol.

(1) *Para* : tambem, ás vezes, *por causa* ; resto da locução *por amor de*.

Prendia os raios do sol
Com uma fita encarnada;
Quem souber do meu amor,
Cale-se e não diga nada.

O sol quando nasce é rei,
Ao meio dia morgado;
A' tarde é esfallecido, (1)
E á noite é sepultado.

Bemzinho, se te contára
A magua que me consomme,
Sómente de maginar
Que vossê é de outro nome!...

O sol prometteu á lua
De dar-lhe um ramo de flôr;
Quando o sol promette prendas,
Quanto mais quem tem amor!

A' tarde

(Sergipe)

Se vires a tarde triste
E o ar a querer chover,
Dize que são os meus olhos
Que choram por não te vêr.

N'aquella noite saudosa
Quando de ti me apartei,
Cem passos não eram dados
Quando sem alma fiquei.

(1) Fallecido.

O cravo

(Sergipe)

Lagrimas são qu'eu almóço,
Janto suspiros e dôr ;
A' tarde merendo ais,
De noite ausencias de amor.

Cravo, eu não sei como vivo,
Como trago meu sentido ;
Em maginar tua ausencia
Trago o juizo perdido.

Adeus, querido das flôres,
Adeus das flôres querido,
Não te trato pelo nome
Para não ser conhecido.

A flôr da lima

(Sergipe)

A *fulor* da lima é branca,
E' branca e mui cheirosa ;
Eu te amo por despique
P'ra matar as invejosas.

A *fulor* da lima exprime
Todo o affecto d'um semblante ;
Quando eu a tenho entre os dedos
Julgo abraçar meu amante.

O cravo branco

(Sergipe)

Cravo branco, luz do dia,
Jasmim de minha alegria,
Quem me dera morar perto
Para te vêr todo o dia.

O cravo do meu craveiro
Quando me vê esmorece ;
Quem de meu corpo não trata
De meu amor não carece.

Quem tem cravo na janella
E' certo que quer vender ;
Quem tem seu amor defronte
A cada passo quer vêr.

Botei o cravo na têlha
Para Maria cheirar ;
Maria foi tão ingrata...
Deixou o cravo murchar.

Botei terra na algibeira
Para plantar cravo roxo
Para nunca me esquecer
Das feições d'este teu rosto.

O meu pé de craveiro
Bota cravos differentes ;
Não te mostro mais agrado,
Mode a lingua d'esta gente.

O Cravo e a Rosa

(Sergipe)

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma,
Anda o cravo em demanda,
Porque a rosa tem mais uma.

O cravo brigou co'a rosa
Debaixo de uma sacada;
O cravo sahiu ferido,
E a rosa espinicada.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva o palacio do rei;
Viva o primeiro amor
Que n'esta terra tomei!

O cravo cahiu doente,
A rosa o foi visitar;
O cravo deu um desmaio,
A rosa pôz-se a chorar.

A folhinha da pimenta

(Sergipe)

A folhinha da pimenta
Bole-a o sol, e bole-a o vento;
Meu amor, que não vem vêr-me,
Ou não póde, ou não tem tempo.

Se elle me quizesse bem
Na raiz do coração,
Bem podia vir me ver,
Que as noites bem grandes são.

A arruda

(Sergipe)

A arruda como discreta
Madou-se para o deserto;
Como ha-de me querer bem,
Se lá tem outra mais perto!

Manjericão é veneno,
Arruda contra-peçonha;
O branco que beija negro
E' porco, não tem vergonha.

Sobrancelhas arqueadas

(Sergipe)

Sobrancelhas arqueadas,
Olhos do sol quando nasce,
Bocca pequena e bem feita,
Foi com que tu me mataste.

Sobrancelhas arqueadas,
Olhos que roubam a vida,
Esta feição de teu rosto
Faz á minha alma perdida.

Olhos pretos matadores,
Cara cheia de alegria,
Um beijo da tua bocca
Me sustenta todo o dia.

A Garça

(Sergipe)

Lá vae a garça voando
Co'as pennas que Deus lhe deu,
Contando pena por pena...
Mais pena padeço eu!

Lá vae a garça vaando
Lá p'ra a banda do sertão;
Leva Maria no bico,
Thereza no coração.

A garça poz o pé n'agua,
O bico para beber;
Não quero que ninguem saiba
Que meu amor é você.

Lá vae a garça voando
Co'uma corrente no pé;
Máo fim tenha todo o homem
Que não quer bem a mulher.

A laranja de madura...

(Sergipe)

A laranja de madura
Cahiu n'agua e foi ao fundo;
Como você quer que lhe ame,
Se você é de todo mundo?

Fui á fonte beber agua
Por baixo de uma ramada,
Fui para vêr meus amores,
Que a sède não era nada.

Fui ao matto caçar fructas,
Não achei senão cajá;
Foi p'ra tirar o fastio
De minha amante yayá.

Menina, quando te vejo,
Por detraz d'estas cadeiras,
Desejo plantar mandiocas
E assentar bolandeiras.

Eu vos mando um coração

(Sergipe)

Eu vos mando um coração
Partido em quatro pedaços,
Meio vivo, meio morto,
Para acabar nos teus braços.

Dos teus braços para dentro
Não admitto a ninguem;
Espera, tem paciencia,
Qu'eu mesmo serei teu bem.

Não me deito no teu collo,
Porque outro se deitou;
Se me fazes por acinte,
Meu coração te deixou.

Eu pizei na cana verde,
Cana verde me ringiu; (1)
Quando eu quiz tomar amores
Todo o mundo presentiu.

Eu pisei na cana verde,
Meu amor na lealdade,
Não posso mostrar firmezas
Onde ha pouca vontade...

Dentro do meu peito tem
Dous engenhos de marfim;
Quando um anda, outro desanda:
Quem quer bem não faz assim.

Dentro de meu peito tem
Duas tesouras sem eixo;
Inda me vendo em desprezo,
Meu amor, eu não te deixo.

(1) Rangeu.

Dentro de meu peito tem
Duas pómbinhas encanando, (1)
Uma voou, foi-se embora,
A outra ficou penando.

Dentro de meu peito tem
Um cravo sobredourado,
Coberto de agua fria
Qu'eu por ti tenho chorado.

Dentro de meu peito tem
Uma chave de marfim;
Dentro d'elle has de achar
Um amor que não tem fim.

Dentro de meu peito tem
Uma fita com tres laços;
Aceite lembranças minhas,
Um suspiro e dous abraços.

Um suspiro e dous abraços,
Pois quem lhe manda sou eu;
Tambem mando perguntar
Se de mim já se esqueceu.

Se de mim já se esqueceu,
Pena tenho de sentir;
Porque por lá deve achar
Amor com que divertir.

Tenho cinco chapeus finos

(Sergipe)

Tenho cinco chapeus finos,
Todos cinco agaloados;
Tenho cinco amores novos.
Um firme e quatro enganados.

(1) Começando a crear pennas.

No tempo em que eu te amei
Não amei a mais ninguem ;
Amei a sete e a oito,
Nove comtigo, meu bem.

Bemzinho, viva sciente,
Descance seu coração.
D'eu ter amores na vida
A você e a outros mais não.

Você diz que amor não doe?

(Sergipe)

Você diz que amor não doe?
Doe dentro do coração;
Queira bem e viva ausente,
Veja lá se doe, ou não.

Quando eu de ti me apartei,
Disfarcei o que podia
P'ra não dar a conhecer
As penas que padecia.

Quando eu de ti me apartei,
Logo no primeiro dia
Meu peito cobri de lucto,
Não tive mais alegria.

Botei o preto por lucto,
O branco por bizarria,
O verde por esperança
De te lograr algum dia.

Querer bem não é bom, não,
Porque faz enlouquecer ;
Por dentro géra feridas,
Por fóra meu bem não vê.

Quero bem, porém não digo

(Sergipe)

Quero bem, porém não digo,
Trago o amor dividido;
Eu ando por toda a parte,
Só em ti trago o sentido.

Vae-se a tarde, vem o dia,
Eu só de ti me lembrando...
Faço a cama em suspiros,
Quando me deito é chorando.

Quando chega a triste noite
Qu'eu não vejo o meu bemzinho,
Vou-me deitar soluçando,
Ausente do seu carinho.

Suspiros que vão e voltam,
Dae-me novas do meu bem;
Se elle é vivo, ou se é morto,
Ou anda em braços de alguem.

Fui soldado, assentei praça

(Sergipe)

Fui soldado, assentei praça
No regimento do amor;
Como assentei por meu gosto,
Nunca serei desertor.

Fui soldado, venci guerras,
Fiquei livre da batalha
Para hoje vir vencer
A princeza Dona Eulalia.

Eu já fui e já cheguei
Já hoje estou em palacio;
A sentença que eu achei,
Foi de morrer em teus braços.

Duas penas

(Sergipe)

Fui moço, hoje estou velho,
Morro quando Deus quizer;
Duas penas me acompanham:
Cavallo bom e mulher.

Fui rico, hoje estou pobre,
Diga o mundo o que disser;
Duas penas me acompanham:
Cavallo bom e mulher.

Lá vem a lua sahindo

(Sergipe)

Lá vem a *luma* (1) sahindo
Redonda como um botão:
Quem tem seu amor defronte,
Tem grande consolação.

Pomba avoôu, meu camarada;
Avoôu... que hei-de fazer?
Quem de dia leva á bôcca,
De noite o que ha-de comer?

(1) Lua,

Cajueiro pequenino

(Sergipe)

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flôr;
Eu tambem sou pequenino
Carregadinho de amor. (1)

A Polka

(Sergipe)

Quem quizer que danse a *porca* (2)
Com seus quartos arrufados;
Os amantes gostam d'isto,
Ficam todos derrotados.

A saudade do toucinho
Fez matar a minha *porca*;
Choram, choram bacorinhos,
Que a sua mãe já está morta.

(1) O povo tambem diz:

Cajueiro pequenino
Carregado de *fulô*.
Eu tambem sou pequenino
Carregado de *amô*.

(2) Por *polka*.

Você me fez esperar

(Sergipe)

Você me fez esperar
Lá no tope da ladeira;
Esperei, você não veiu,
Metti os pés na carreira.

Você me fez esperar
Lá no pé da jurubeba;
Esperei, você não veiu,
Quasi que a onça me péga.

Tenho meu cajú maduro

(Sergipe)

Tenho meu cajú maduro
Roido dos passarinhos;
Quem é dono dos affectos,
Tambem seja dos carinhos.

....

Por ser pequenino,
Tenho muita pena
De ter os pés chatos,
Cabeça pequena.

A Pulga

(Sergipe)

Vivo incommodado
Sem poder dormir,
A pegar a pulga,
E a pulga a fugir!...

E a pulga miudinha
Dos dentes de marfim
Na cintura da moça!
Quem me dera ser assim!
Pulga, eu te juro,
Te dou testemunha,
Te boto no fogo,
Menos com a unha.
Pulga, eu te juro,
Protesto vingar-me,
Que tu no meu corpo
Não has de inflammar-me.
Pulga, eu te juro,
Te lançar na mão,
Antes que tu pules
Da cama no chão.
Quatro, cinco noites
Accendo o lampeão
P'ra matar a pulga
Dentro do salão.
....

Cupido

(Sergipe)

Cupido, rei dos amantes,
Só Cupido soube amar;
Ainda depois de morto
Do amor se quiz lembrar.

Topei Cupido chorando,
Perguntei se era de dôr;
Cupido me respondeu
Que era paixão de amor.

Topei Cupido em desprezo,
Cousa que nunca pensei!
Deitadinho pelo chão....
Até com os pés lhe pizei!

Cupido subiu ao monte
Fazendo grilhões de prata,
Para prender todo aquelle
Que tem paixão por mulata.

Aquieta, Cupido, aquieta,
Não esperdices tua prata,
Qu'é de bem que não se prenda
Quem tem paixão por mulata.

Na escóla de Cupido
Eu fui o decurião;
Aprendi mais que Cupido,
Vejam lá se sei ou não.

Prima Pulga

(Sergipe)

Prima Pulga está doente,
Muquirana está parida,
Meu compadre percevejo
'Stá de espinhela (1) cahida.

Batata não tem caroço,
Bananeira não tem nó ;
Pae e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor.

(1) Assim chamam á parte inferior do *esterno*.

A Barata

(Sergipe)

Nada ha no paraiso
Que me faça eu fallar;
Não ha sapo nem barata
Que me possa incommodar.

Eu vi uma barata
No capote de vôvô;
Quando ella me avistou
Bateu azas e voôu.

Eu vi uma barata
Com a tesoura na mão,
Cortando calças, camisas,
Vestidos de babadão.

Eu vi uma barata
Sentada fazendo renda,
E tambem eu vi um rato
Ser caixeiro de uma venda.

Eu vi uma barata
Sentada n'uma costura.
E tambem eu vi um rato
De pistola na cintura.

Eu vi uma barata
Na janella namorando,
Vi um sapo de luneta
Pela rua passeando.

Eu vi uma barata
Na ladeira da preguiça,
E tambem vi um cachorro
Amarrado com linguiça. (1)

(1) Constitue um dictado popular que indica a fartura e a toleima dos tempos antigos. Quando querem dizer que um sujeito é tolo, dizem: *«este é do tempo em que se amarravam cachorros com linguiças»*.

Paixão de amor, já te tive

(Sergipe)

Paixão de amor, já te tive,
Já fiz o que hoje não faço;
Já por ti eu dei a vida,
E hoje não dou um passo.

Hoje não dou mais um passo.
Causado por teu respeito;
Porque tu me desprezaste
Por aquelle certo sujeito.

Aquelle certo sujeito
Bem póde se regalar,
Que eu tambem por cá já achei
Quem muito me sabe amar.

Quem muito me sabe amar
Amo muito satisfeito,
Pois o trago collocado
Cá por dentro do meu peito.

Cá por dentro do meu peito
Tu não achas mais entrada;
Procura a quem te assista,
Qu'eu de ti não quero nada.

Meu coração sabe tudo

(Sergipe)

Meu coração sabe tudo
E guarda comsigo dentro,
Dissimula em quanto póde,
Fallará quando fôr tempo.

Meu coração está trancado
Com chave de paciencia ;
Meu coração não se abre
Sinão na tua presencia.

Quem de meu peito sahiu,
Sahiu para divertir;
Como não foi aggravado,
Quando quizer torna a vir.

Quem de meu peito sahiu,
Meu coração se fechou ;
Não venha com piedade,
Que quem sahiu não entrou.

No correr perdi meu lenço

(Sergipe)

No correr perdi meu lenço,
No matto rompi o vestido ;
Grandes tormentos padece
Quem tem amor escondido.

Quem tem amor escondido
Tem animo, tem coração ;
'Sta vendo o instante que dizem
« Prenda e mate este ladrão. »

Quem quer bem rompe paredes,
Salta muros ladrilhados,
Quebra janellas de vidro
Trancadas de cadeados.

Quebrem-se as grades de ferro,
Appareça o carcereiro,
Sáia, meu bem, para fóra,
Não padeça por dinheiro.

As arvores por serem arvores

(Sergipe)

As arvores, por serem arvores,
Sentem golpes que lhes dão;
Como não queres qu'eu sinta
Esta tua ingratidão?

Desprezos, ingratidões
São mimos qu'eu tenho tido;
Por ter um bom coração,
Soffro o que tenho soffrido.

Mas, nem que andes no mundo
Com a luz alumiando,
Não hasde achar outro amor
Como o que tu vaes deixando.

Hasde achar quem te engane,
Quem diga que te quer bem;
Mas pr'a te fazer carinhos
Como eu não ha ninguem.

Saudades que de ti tenho

(Sergipe)

Saudades que de ti tenho,
A ti mesmo heide contar
Quando comtigo me vir,
Se a morte não nos matar.

Se as saudades me apertarem
Eu bem sei que heide fazer:
Metter o pé no caminho,
Succeda o que succeder...

Quando eu pensei que te tinha
Para o meu divertimento,
Achei-te tão demudado,
Fóra do meu pensamento.

Já fui amada e querida,
Prenda do teu coração;
Já hoje sou vassourinha (1)
Com que tu varres o chão.

Eu já fui da tua mesa
O melhor prato de sopa;
Já hoje sou rosalgar, (2)
Veneno p'r'a tua bocca.

Eu, para ver se morria,
Bebi veneno em porção;
Veneno a mim não me mata,
Quem me mata é a ingratidão.

Máo fim tenha, máo fim leve
Quem meu amor me tomou,
Que até na hora da morte
Lhe falte Nosso Senhor.

Triste viva, triste ande
Quem triste me faz andar;
Que tenha tanto socego
Como as ondas têm no mar.

(1) Planta irmã do matapasto, fedegoso, crista de gallo, etc. —*Cassia occidentalis*, comprehendendo — *Cassia falcata*, *Cassia hirsuta*, *Cassia serica*, etc.

(2) Arsenico.

Meu bemzinho, lá vos mando

(Sergipe)

Meu bemzinho, lá vos mando
Meu cabello feito prenda;
Tenho na minha certeza
Você de mim não se lembra.

Você de mim não se lembra,
Tambem não posso sentir;
Foi porque você já achou
Lá com quem se divertir.

Dos cachos dos teus cabellos
Fiz annel para meu dedo;
P'ra te deixar tenho pena,
P'ra te levar tenho medo.

Nos cachos dos teus cabellos
Deitei-me para dormir;
Deitei-me no mez de março,
Acordei no mez de abril.

Quando eu n'esta casa entrei

(Sergipe)

Quando eu n'esta casa entrei
Logo por ti perguntei;
Não me deram novas tuas,
Com vergonha não chorei.

Cadê a luz do meus olhos?
Cadê esta casa cheia, (1)
Qu'inda hoje não o vi
Nem na janta, (2) nem na ceia?

(1) Assim se exprimem querendo fallar da pessoa mais alegre e festiva da casa.
(2) *Janta* por jantar.

Cada vez que considero,
Chego na janella e digo:
Alto céo, bonita luz,
Quem me dera estar comtigo!

Plantei manjericão na baixa

(Sergipe)

Plantei manjericão na baixa,
Alecrim pelos outeiros;
Juntou-se cheiro com cheiro...
Boa vida é dos solteiros.

Alecrim verde é cheiroso,
O sêcco inda cheira mais;
Mulher que se fia em homens
Toda fica dando ais.

O amor da mulher solteira
E' como o vento da tarde;
Deu o vento na roseira,
Acabou-se a lealdade.

O amor de dois solteiros
E' como a flôr do feijão;
Quando olham um p'ra outro
Logo mudam de feição.

O amor quando se encontra
Causa susto e mette gosto;
Sobresalta um coração,
Muda o semblante do rosto.

Ha dias que não te vejo

(Sergipe)

Ha dias que não te vejo,
Nem de ti tenho recado,
Emprego da minha vida,
Disvelo do meu cuidado.

Não vim hontem, nem ant'hontem,
Bemzinho, porque não pude,
Vim hoje, porque podia,
Saber de sua saude.

Onde vae, alecrim do reino,
Meu lirio, minha açucena,
Emprego da minha vida,
Allivio da minha pena ?

Soube que tinhas chegado

(Sergipe)

Soube que tinhas chegado,
Minha flôr de laranjeira,
Deus te queira visitar,
Qu'eu não posso, inda que queira.

Oh minha palhinha d'alho,
Sentemos e conversemos ;
Se o mundo fallar de nós
Somos solteiros, casemos.

Cravo roxo desiderio

(Sergipe)

Cravo roxo desiderio,
Pintadinho de amarello,
Abre a *fulor* de meu peito,
Vigia o bem qu'eu te quero.

Cravo roxo desiderio,
Encostado á penitencia,
Sou amada e sou querida
Em quanto estou na presencia.

Vae-te, carta, visitar
Aos pés d'aquelle jardim ;
Ajoelha, pede licença,
Dá-lhe um abraço por mim.

A carta pede licença,
A letra pede perdão,
Acceite, meu bem, acceite
Lembranças do coração.

Estes botões, que ahi vão,
Todos dois vão por abrir,
Um vai cheio de saudades,
Outro para divertir.

Cravo branco é procurado

(Sergipe)

Cravo branco é procurado
Pelo cheiro que elle tem ;
Quem tem amor tem ciumes,
Quem tem ciumes quer bem.

Toma esta chave verde,
E tranque nossa esperança,
E retranque bem fechado
Nosso amor com ségurança.

Laranjeira é páo de chôro,
Eu tambem quero chorar;
Pois já é chegado o tempo
De nosso amor se acabar.

Alta noite, meia noite
Vi cantar e vi chorar;
Eram dois amantes firmes
Que queriam se apartar.

Fui me despedir chorando
No riacho d'alegria;
Tanto choravam meus olhos
Como o riacho corria.

Estrellinhas miudinhas,
Escadinhas de Cupido,
Ou matai-me aquelle ingrato,
Ou tirai-m'o do sentido.

Chuva, se não quer chover,
Deixe de estar peneirando:
Ou me amas com firmeza,
Ou me vai logo deixando.

Fui na fonte das pedrinhas,
Fui formar a minha queixa;
As pedras me responderam:
Amor firme não se deixa.

A lua de caminhar

(Sergipe)

A lua de caminhar
Já fez caminho seguido;
Achei amor de meu gosto,
Me peza ser impedido.

Oh lua que alumiaes
O céo de tanta clareza!
Oh terra que desterraste
Amor de tanta firmeza!

As estrellas do céo correm,
Eu tambem quero correr;
Por arenga e mexericos
Se aparta um bem querer...

As estrellas esclarecem,
A lua cobre com o véo;
Quem ama a moço solteiro
Vai direitinho p'ra o céo.

Eu não quero mais amar

(Sergipe)

Eu não quero mais amar
Nem achando quem me queira;
O primeiro amor qu'eu tive
Botou-me sal na moleira.

Tenho um amor que me ama,
Outro que me dá dinheiro;
Tomára achar quem me diga
Qual é o amor verdadeiro?

Quem meu amor me tomou
A mim livrou do perigo,
Levou comsigo trabalhos,
Passa de ser meu amigo.

Meu Deus, quem me dá noticias
D'um amor que foi meu bem?
Como elle me foi falso,
Eu vendo por um vintem.

Quem por aqui me dá novas
D'um amor que já foi meu,
Qu'eu já tinha por perdido
E agora me appareceu ?

Abalei o pé da roseira

(Sergipe)

Abalei o pé da roseira,
Mas não o pude arrancar ;
Quem não tem bens da fortuna
Glorias não póde alcançar.

Só a ti posso affirmar
Que outro amor não heide ter,
Se acaso eu não morrer,
Se a fortuna me ajudar.

Fui á fonte beber agua,
Tive medo de um sardão ; (1)
Bebi agua de teu rosto,
Sangue de meu coração.

Fui ao pote beber agua,
Topei agua de sobejo ;
Só cuido que estou com vida,
Bemzinho, quando te vejo.

Eu te amo, minha belleza,
No que posso obedecer ;
Se não fôr feliz comtigo,
Vida mais não quero ter.

O campo verde se alegra
Quando vê o sol nascer ;
Tambem se alegram meus olhos
Quando chegam a te ver.

(1) *Lacerta-viridis.*

Se eu *subera* que tu vinhas,
Que alegrias não teria!
Màndava *barrer* a estrada
Com rosas de Alexandria.

Jura o sol e jura a lua,
Juram estrellas tambem,
Juram mais tres testemunhas
Como eu te quero bem.

Gemo, suspiro e dou ais

(Sergipe)

Gemo, suspiro e dou ais,
Banzo, cuido e entristeço;
Soffro, gemo, mas não posso
Dar allivio ao que padeço.

Me assentei na pedra verde,
Fui formar a minha queixa;
De que servem seus carinhos
Se você sempre me deixa?

Você diz que eu sou sua

(Sergipe)

Você diz que eu sou sua,
Você sabe e eu não sei;
O mundo dá muitas voltas,
Eu não sei de quem serei!

Quem me vir estar chorando
Não se ria, tenha dó;
Que os trabalhos d'este mundo
Se fizerám p'ra mim só.

A Moqueca

(Sergipe)

A moqueca p'ra ser boa
Ha-de ser de camarão;
Os tempêros que ella leva
São pimenta com limão.

A moqueca p'ra ser boa
Ha-de levar bem dendê;
Nos beicinhos de yayá
Ha-de queimar e doê. (1)

Se fôres p'ra certa terra

(Sergipe)

Se fôres p'ra certa terra
E topares certa gente,
Se por mim te perguntar,
Dize-lhe que estou doente.
Se tornar a perguntar
Qual a minha enfermidade,
Dize-lhe que mal de amores
Augmentado de saudades.
Do céo manda-me um barbeiro
Com passada diligente,
Com a lanceta na mão,
Sangrar-me que estou doente.
Barbeiro, tem compaixão
D'este pezinho de neve,
Faz a cisura pequena,
Põe a lanceta de leve.
Se a lanceta fôr de ouro
E as fitas de mil *côr*,
Fique certo, meu bemzinho,
Que o meu mal é de amor.

(1) Por *doer*.

Balaio

(Rio Grande do Sul)

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio do coração;
Moça que não tem balaio
Bota a costura no chão.

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio do presidente:
Por causa d'este balaio
Já mataram tanta gente!...

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio de tapeti;
Por causa d'este balaio
Me degradaram d'aqui.

Lá em riba d'estes ares

(Sergipe)

Lá em riba d'ertes ares
Ronca corisco e trovão,
Para cahir em quem paga
Finezas com ingratidão.
De cobra seja mordido,
Que lhe vare o coração,
Quem costuma a pagar
Finezas com ingratidão.

Lá vos mando um cravo branco

(Sergipe)

Lá vos mando um cravo branco
N'um bago de jaca dura ;
Lá vos mando perguntar
Se vosso amor inda dura.

Lá vos mando um cravo branco
Dentro de um gomo de cana ;
Se tu cuidas qu'eu te amo
O coração bem te engana.

A cachaça

(Sergipe)

Aguardente é como a morte,
Não respeita qualidade,
Não conhece velho ou moço,
Nem homem de auctoridade.
Doutores, frades e padres,
Que bebem aguardente forte,
Abasta (1) beber dois *gorpes* (2)
Mudam a vista de repente :
Podem todos ficar scientes
Que aguardente é como a morte.

(1) Basta.
(2) Golpes.

Estrellas do céo brilhante

(Sergipe)

Estrellas do céo brilhante,
Por ellas peço a meus Deus,
Que me tire do sentido
Amor que nunca foi meu.

Oh que coqueiros tão altos
Com tres coquinhos de prata!
Tomar amor não é nada,
O apartamento é que mata.

Oh que coqueiros tão altos
Tão custosos de subir!
Bemzinho, dê cá seus braços
Qu'eu me quero despedir.

Vamos dar a despedida
Como deu a beija-flor, (1)
Que se despediu chorando
Dos braços de seu amor.

Vamos dar a despedida
Como deu a saracura;
Bateu azas, foi-se embora;
Cousa boa não atura. (2)

A Coruja

(Sergipe)

A coruja é passaro triste
Que no cantar se demora;
Quem não tem amor aqui
Que faz que não vai-se embora?

(1) Beija-flor, na lingua do povo, é feminino.
(2) *Aturar*, na linguagem popular, é *supportar* e tambem *durar*.

Quem me dera ser coruja
Para de noite velar,
Já que de dia não posso
Os teus carinhos gozar.

Se eu pensar de morrer
Sem teus carinhos gozar,
Hei-de vir do outro mundo
Na tua porta penar.

Não ha papel n'esta villa

(Sergipe)

Não ha papel n'esta villa,
Nem tinta neste convento;
Não ha este passaro de penna
Que escreva tal sentimento.

Sentimentos tenho tido
De um amor que anda tão longe;
P'ra não dar ouvido ao mundo,
Fiz o coração de bronze.

Você se vai e me deixa
N'esta solidão tão triste,
Pouco tem de amante firme
Quem se vai e não me assiste.

Se eu me vou e não lhe assisto
E' por remedio não ter;
Não soffra seu coração,
Deixe o meu só padecer.

O papel que escrevi
Tirei das palmas da mão;
A tinta tirei dos olhos,
A penna do coração.

Quem me vê estar cantando

(Sergipe)

Quem me vê estar cantando
Cuidará que estou alegre...
Meu coração 'stá tão negro
Como tinta que se escreve.

Quem me vê estar cantando
Pensará com bem razão
Qu'eu ando alegre da vida,
Sabe Deus meu coração.

Menina, você não sabe

(Sergipe)

Menina, você não sabe
De um amor que tenho agora?
Qu'eu *havéra* de comprar
Para ser sua senhora?

Para ser minha senhora
No mundo não vejo quem;
O Deus que formou a ella
Me formou a mim tambem.

Individuo (1), tu cuidavas
Qu'*havéras* ser meu amor?
Achei um outro tão bello,
Capaz de ser teu senhor.

O passarinho

(Sergipe)

Menina, seu passarinho
Toda a noite eu vi piar;
Eu, como compadecido,
Tive dó do seu penar.

Menina, seu passarinho
Toda a noite me attentou; (2)
Quando foi de madrugada
Foi-se embora e me deixou.

Os passarinhos que cantam
De madrugada com frio,
Uns cantam de papo cheio,
Outros de papo vazio.

Passarinho, que cantaes
No olho do dicury,
Quem por mim perdeu seu somno,
Já hoje póde dormir.

(1) Um dos maiores insultos que se póde fazer a um nosso homem do povo é chamal-o *individuo;* isto o exaspera e faz descer de ordinario ás vias de facto.

Presenciámos, uma occasião, uma lucta entre um caixeiro portuguez e um *matuto* em Pernambuco, lucta em que, de permeio com os sopapos e cabeçadas, ouviamos, distinctamente, o termo *individuo*, como a suprema affronta que o nosso camponio podia jogar ao estrangeiro.

(2) *Attentar* para o povo não é só *emprehender alguma cousa, dar attenção, tentar para o mal*... é tambem *incommodar*.

Passarinho, que cantaes
No olho do manjericão;
Não estou prompta, meu bemzinho,
P'ra soffrer ingratidão.

Passarinho, que cantaes
Alegre aos pés de quem chora,
Se esse canto da-me allivio,
Não canteis mais, ide embora.

Eu comparo o meu viver
Com o viver dos passarinhos,
Presos nas suas gaiolas,
Assim mesmo alegresinhos.

Passarinho, que cantaes,
Com esse canto sonoro;
Uns cantam de papo cheio,
Outros cantam quando eu choro.

Passarinho preso canta
E preso deve cantar;
Como foi preso sem culpa
Canta para alliviar.

Quem se foi para tão longe
E deixou seu passarinho,
Quando vier não se anoje,
Se achar outro no ninho.

Se achar outro no ninho.
Hei de fazel-o voar;
Q'eu não fui fazer meu ninho
Para outro se deitar.

Passarinho do capim,
Beija-fulor da limeira,
Não ha dinheiro que pague
Beijo de moça solteira:

Quem quer bem dorme na rua

(Sergipe)

Quem quer bem dorme na rua,
Na porta do seu amor ;
Do sereno faz a cama,
Das estrellrs cobertor.

Quem quer bem não tem socego,
Vai ao quintal, vai á rua ;
Quer bem ás noites escuras,
Grandes queixas tem da lua.

Perguntei á noite escura
Se o verde era leal ;
Noite escura respondeu :
Quem quiz bem nunca quiz mal.

Inda que o fogo se apague
No logar fica o calor :
Ainda que o amor se acabe
No coração fica a dôr.

Tudo no mundo se acaba,
Nada tem a duração,
E quando o amor se ausenta,
Tambem se ausenta a paixão.

Menina, quando te fôres

(Sergipe)

Menina, quando te fôres,
Escreve-me do caminho ;
Se não tiveres papel
Nas azas de um passarinho.

Do bico faze tinteiro,
Da lingua penna aparada,
Dos dentes letras miudas,
Dos olhos carta fechada.

Esta noite eu dei um ai

(Sergipe)

Esta noite eu dei um ai
Que rompeu a terra dura ;
As estrellas responderam :
Grande ai de creatura.

Lá vem a lua sahindo,
De verde não apparece ;
Acho ser mal empregado
Amar a quem não merece.

Lá vem a lua sahindo
Com tres palmos de altura ;
Não posso negar o bem
Que quero a tal creatura.

As estrellas do céo correm,
Eu tambem quero correr ;
Ellas corre atraz da lua,
Eu atraz do bem querer.

Despedida

(Sergipe)

Vêr um laço desatar,
Vêr uma náo despedir,
Vêr dous amantes chorarem,
Um ficar e outro partir...

Vêr os olhos a chorar
Os corações se abraçando;
Dous amantes se separam,
Mas sempre ficam se amando.

Não se encoste no craveiro

(Sergipe)

Não se encoste no craveiro
Que tem cravos para abrir;
Se encoste n'estes meus braços,
Que tem somno p'ra dormir.

O cravo cahiu da torre,
Nos ares se desfolhou,
Tenha santa paciencia
Quem de mim não se logrou.

Quem de mim não se logrou
De si deve se queixar,
Que já estive nos seus braços,
Não soube me aproveitar.

Nos cachos do seu cabello
Hei-de pôr a mão por pique;
Santinho, sou toda sua,
Quando quizer me penique.

Atirei um limão verde

(Sergipe)

Atirei um limão verde
Lá na torre de Belem;
Deu no ouro, deu na prata,
Deu no peito de meu bem.

Atirei um limão verde
Na mocinha da janella;
Ella me chamou doidinho,
Doidinho ando eu por ella.

Com pena peguei na penna

(Sergipe)

Com pena peguei na penna,
Com pena p'ra te escrever;
A penna cahiu da mão
Com pena de não te vêr.

O meu vestido é de penna,
Quem o fez foi o alfaiate;
Eu mesma cortei, mesma fiz,
E' bom que pena me mate.

Meu bemzinho de tão longe
Que vieste cá buscar?
Vieste me encher de pena,
Acabar de me matar.

Quem vai e não se despede

(Sergipe)

Quem vai e não se despede
E' porque não quer visita,
Que a obrigação de quem parte
E' dar adeus a quem fica.

Adeus, joazeiro verde,
Nascido em baixa vertente;
Adeus, boquinha de cravo,
Adeus, coração da gente.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a corôa do rei;
Viva o primeiro amor
Que n'esta terra tomei.

Adeus á Pastora

(Sergipe)

Vai-te, amada pastora,
Que as costas já vou virando,
Vai seguir o teu destino...
Adeus! não sei até quando.

Adeus! te digo de perto,
Adeus! te digo chorando;
Adeus! te digo de longe;
Adeus! não sei até quando!

Não tenho inveja de nada

(Sergipe)

Não tenho inveja de nada,
Nem dos brazões da rainha,
Só por ter a gravidade
De me chamar mulatinha.

A côr branca é muito fina;
A parda é mais excellente;
A maior parte da gente
A' côr morena se inclina...

Para ser bonita e bella,
Não preciso andar ornada;
Basta-me a côr de canella;
Não tenho inveja de nada. (1)

(1) De origem litteraria, ao que parece.

Dei um nó na fita verde

(Sergipe)

Dei um nó na fita verde,
Sacudi-te pela ponta;
Saiba Deus e todo o mundo
Qu'eu de ti não faço conta.

Tu pensas qu'eu por ti morro,
Nem por ti ando morrendo;
Tudo isto é pouca conta
Qu'eu de ti ando fazendo.

Tomára já te ver morto,
Os *aribús* (2) te comendo,
Os ossos no taboleiro
Pela rua se vendendo.

No tempo que eu te amava,
Rompia mattas de espinho;
Já hoje pago a dinheiro
P'ra não te ver o fucinho.

A lagoa já seccou

(Sergipe)

A lagoa já seccou
Onde os pombos vão beber;
Triste coisa é querer bem
A quem não sabe agradecer.

Se eu pensára quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Não dava meu coração
A quem não sabe agradecer.

(2) Urubús.

Coração que a dois ama,
Eu nelle não tenho fé;
Eu não quero amor partido,
Pois o meu inteiro é.

Quem quer bem não tem vergonha

(Sergipe)

Quem quer bem não tem vergonha,
Não se lhe dá da má fama;
Quem tem juizo bem póde
Dispensar a quem bem ama.

Quem parte, parte chorando.
Quem fica vida não tem;
Parte a alma, parte a vida
Quem chegou a querer bem.

Bonina sobre-dourada

(Sergipe)

Bonina sobre-dourada,
Rosa branca do verão;
Choro quando não te vejo,
Prenda do meu coração.

Ha dias que ando pensando
N'um *adeus* que eu hei-de dár,
Foge-me o sangue das veias,
O coração do logar.

Bemzinho, quando te fôres,
Antes de ir, tira-me a vida,
Já que não tenho valor
De ver a tua partida.

Rola parda lisonjeira

(Sergipe)

Rola parda lisongeira
Corre a vista pelo chão,
E' de estar querendo bem,
Sempre dizendo que não.

Rola parda lisonjeira,
Pescoço de vai e vem;
Quem não póde com os trabalhos
Não se metta a querer bem.

Rola parda lisonjeira,
Pescoço de imperador,
Dá-me consolo a meus males,
Já que foste o causador.

Rola parda, penna loura.
Ave que Deus escolheu,
Se seu amor fôra firme,
Não se apartava do meu.

Mulher, cabeça de vento

(Sergipe)

Mulher, cabeça de vento,
Juizo mal governado,
Dizei-me o que significa
Amor de homem casado?

Quem ama a homem casado
Tem paciencia de Job;
Faz cama, desmancha cama,
Sempre vem a dormir só.

Tanta laranja madura

(Alagôas, cidade do Penedo)

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração!

A pombinha quando vôa,
Bate ce'as azas no chão;
Sinhá Anninha quando dorme
Deita a mão no coração.

A rolinha quando vôa
Deixa as pennas pelo ninho;
Sinhá Anninha quando dorme
Deita a mão no passarinho.

Os olhos de Sinhá Anninha
São confeitos, não se vendem;
São balas com que me atiram,
Correntes com que me prendem.

Maria, na porta batem,
Maria, vai vêr quem é;
E' um homem pequenino
Que tem medo de *muyé*.

Toda gente se admira
Do macaco andar em pé;
O macaco já foi gente,
Póde andar como quizer.

Quando matares o gado,
A rabada ha-de ser minha,
Para fazer um guizado
E comer com sinhá Anninha.

O limão é boa fructa,
Tambem tem seu azedume;
Tambem a bocca me amarga
Na materia do ciume.

Abaixa-te limoeiro,
Deixa tirar um limão
Para limpar uma nodoa
Que trago no coração.

Embarquei na Ingalaterra

(Sergipe)

Embarquei na *Ingalaterra* (1)
Avistei Cupido em França,
Disputando entre doutores :
—Quem quer bem nunca descança.
Cupido como lá estava
E que lá me viu chegar,
Um minuto suspirou...
Perguntei-lhe com vagança
Qual era a sua lembrança ?
Cupido me respondeu :
—Quem quer bem nunca descança. (2)

(1) *Inglaterra*.
(2) De origem litteraria, ao que parece.

Passeia, meu bem, passeia

(Sergipe)

Passeia, meu bem, passeia
Por paragens que eu te veja,
Inda que a bocca não falle,
Meu coração te festeja.

Se esta rua fôra minha
Mandaria ladrilhar,
Quer de prata, quer de ouro.
Para meu bem passear.

Mandei fazer um barquinho
De pausinhos de alecrim
Para embarcar meu bemzinho
Da horta para o jardim.

Meu annel de pedras finas

(Sergipe)

Meu annel de pedras finas
Ninguem o tem como eu,
Para amar a quem me ama,
Desprezar a quem m'o deu.

Teu annel de pedras finas
Meu dinheiro me custou ;
De boquinhas e abraços
Teu corpinho me pagou.

Eu plantei canna de sóca...

(Sergipe)

Eu plantei canna de sóca
Por ser a de lavrador,
Nunca vi fonte sem limo,
Nem donzella sem amor.

Pegai n'estes vossos olhos,
Botai-os n'um poço fundo,
Que olhos que vêm e não logram
Para que vivem no mundo ?

Os peitinhos de meu bem
Não se lavam com sabão,
Mas é com agua de cheiro
Agua de meu coração.

O candieiro

(Pernambuco)

Anda á roda, candieiro,
Anda á roda sem parar ;
Todo aquelle que errar,
Candieiro ha-de ficar.

Candieiro, ô !...
'*Tá* (1) na mão de yoyô ;
Candieiro, á !...
'*Tá* na mão de yayá.

....

(1) Por *está*.

O moleque do surrão

(Sergipe)

Inderê, buruzuntão,
Olha o *moleque do surrão ;*
Inderé, buruzuntão,
Certamente vem o cão ; (1)
Inderê, buruzuntão,
Moricoca com quiabos ;
Inderê buruzuntão,
Lagartixa com feijão ;
Inderê, buruzuntão,
Certamente vem o cão !
. . . .

Oh ciranda oh cirandinha

(Pernambuco)

Oh ciranda, oh cirandinha,
Vamos todos cirandar ;
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar ;
Vamos dar a volta inteira,
Cavalleiro, troque o par.

Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapéo na mão,
Namorando as casadas,
Que as solteiras minhas são.

Aqui estou na vossa porta
Feito um feixinho de lenha,
Esperando pela resposta
Que da vossa bocca venha.

(1) O diabo.

Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é;
Caranguejo só é peixe
Na vasante da maré.
Dá-ri-rá-lá-lá-lá-lá.
Dá-ri-rá-lá-lá-lá-lé...
Caranguejo só é peixe
Na vasante da maré.

Atirei com o limãosinho
Na mocinha da janella;
Deu no cravo, deu na rosa,
Bateu nos peitinhos d'ella.

Craveiro, me dá um cravo,
Roseira, dá-me um botão;
Menina, me dá um beijo
Qu'eu te dou meu coração.

Minha mãi bem que me disse
Que eu não fosse á *fonção*, (1)
Qu'eu tinha meu nariz tôrto,
Servia de mangação.

Chora, Mané, não chora...

(Pernambuco)

Chora, Mané, não chora,
Chora porque não vem
O limão...
O limão que anda na roda
E' do Mané babão,
Bobalhão...

(1) Funcção, brinquedo, festa.

Elle vai, elle vem,
Inda cá não chegou!...
No meio do caminho
O *francez* o tomou...

Adeus, seu João Pereira

(Pernambuco)

Adeus, seu João Pereira,
Sua casaca não tem beira;
Você mora na Ribeira,
Lá no pé da mangabeira.
  Não cômo milho,
  Tambem feijão,
  Nem esta fructa,
  Que me faça indigestão.

Chula

(Bahia)

Chover, chover,
Ventar, ventar...
E' nos braços de Maria
Qu'eu me quero *calentar* (1)

    Amor, amor,
    Querido amor,
    Este povo brazileiro
    E' de nosso imperador...

(1) Acalentar.

Todo o mundo me dizia,
Que o horisonte não sahia;
O horisonte está na rua
Com prazer, com alegria.

Amor, amor, etc.

Chula

(Pernambuco)

Lá do poço
Não cômo mingáo,
E tambem sei tirar
Os cavacos do páo...

Avôa, avôa,
Se queres voar,
Os pésinhos pelo chão,
As azinhas pelo ar.

Lá do poço
Não cômo banana,
Eu tambem sei tirar
Os cavacos de banda...

Avôa, avôa, etc.

Eu tenho meu arco e flecha

(Rio de Janeiro)

Eu tenho meu arco e flecha
P'ra matar meu passarinho.

O sol na nuvem escureceu;
No mesmo instante clareou:
O fogo n'agua se apaga
E elle n'agua se aquentou.
Fóra, fóra, sinhá toucinheira;
Caboclo da serra, não tenho dinheiro.
Não quero historias de *zambuará*; (1)
Quero, quero meu dinheiro
Para ir-me embora
Para Sabará.

Meu pé de laranja branca

(Rio de Janeiro)

Meu pé de laranja branca
Carregado de batatas,
Quem quizer vêr mexerico
Vá na bocca das mulatas.

Atirei com o limão verde
Por cima do limoeiro;
Quem quizer vêr mexerico
Vá na bocca do solteiro.

Não me dai a rosa aberta,
Que está no rigor do tempo;
Me dai o botão fechado,
Que está todo o cheiro dentro.

Amarrai vossos cabellos
Com uma fita de cruzado,
Tratai de vossos amores,
De mim não tenhais cuidado.

(1) Vóz indigena adulterad.a

Quem quizer tomar amores
Ha-de ser com cozinheira,
Qu'ella tem os beiços grossos
De lamber a frigideira.

Na praia da Itatinga (1)

(Rio de Janeiro)

Na praia da Itatinga
Eu ia morrendo á sêde,
Uma moça me deu agua
No ramo da salsa verde.

Salsa verde na panella
E' um tempêro natural ;
Quem tem seu amor mulato
Tem gosto particular.

Na outra banda do rio
Não chove, nem faz orvalho ;
Se vós tendes de ser minha
Não me deis tanto trabalho.

Quando meus olhos te viram
Meu coração se alegrou ;
Na corrente de teus braços
Minha alma presa ficou.

Lenço branco é apartamento,
Eu que digo é porque sei ;
Me vejo apartada hoje
De um lenço branco que dei.

Sapatinho bole, bole,
Na fôrma do sapateiro ;
Assim bolem os meus olhos
Quando vêem moço solteiro.

(1) Praia proxima a Paraty, no Estado do Rio de Janeiro ; quer dizer— Pedra Azul.

O sol quando vem sahindo
Pede licença ao amor
Para estender os seus raios
Por cima da bella flôr.

O sol quando vai entrando
Leva o seu relogio dentro;
Elle vai marcando as horas
D'este nosso apartamento.

Fui na fonte beber agua
Por baixo de uma ramada;
Sómente para te vêr,
Que a sêde não era nada.

Fui no rio lavar roupa
Me sahiu o sol por engano;
Tanto lava a mulatinha,
Que até no lavar tem fama.

Não me atires com pedrinhas
Qu'eu estou lavando loiça;
Atira devagarzinho
Que papai, mamãi não oiça.

O capitão cheira cravo,
Marinheiro cheira canella;
Mais vale um filho de fóra,
Do que duzentos da terra.

Em cima d'aquella serra

(Rio de Janeiro)

Em cima d'aquella serra
Tem uma abobora madura;
Não sei o que tenho eu,
Que amor commigo não dura.

Minha cigarrinha triste
No morro da Paciencia,
O amor quando tem outro
Logo mostra a differença.

Nunca vi o pé de figo
Dar figo pela raiz;
Nunca vi moça bonita
Com tamanho de um nariz.

Aquella casa do morro
Está em muito bom lugar;
Toda a vida eu te amando
Nunca pude te apanhar.

Hei-de subir este morro
Com os joelhos pelo chão,
Só para ver se apanho
Mulatas de opinião.

Pinheiro

(Rio Grande do Sul)

Pinheiro, dá-me uma pinha
Qu'eu te darei um pinhão,
Menina, dá-me os teus braços,
Qu'eu te dou meu coração.

Quem tem pinheiro tem pinha,
Quem tem pinha tem pinhão,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixão.

Oh que pinheiro tão alto,
Que de alto se envergou!
Que menina tão ingrata,
Que de ingrata me deixou!

Oh ! que pinheiro tão baixo
Com tamanha galharada !
Nunca eu vi moça solteira
Com tamanha filharada.

Chula matuta, a duas vozes

(Pernambuco)

Cravo branco se conhece *(bis)*
Pelo bom cheiro que tem ; *(bis)*
—Quem me dera saber lêr...
Eu conheço a rapariga *(bis)*
Já de longe quando vem. *(bis)*
—Quem me dera saber lêr...
Quem nunca provou não sabe *(bis)*
Dos *quindins* das mulatinhas ; *(bis)*
—Quem me dera saber lêr...
São papudas, são gostosas, *(bis)*
São melhores que as branquinhas. *(bis)*
—Quem me dera saber lêr...

Lobishome e a Menina

(Pernambuco)

—Menina, você onde vai ?
«Eu vou na fonte.
— Que vai fazer ?
« Vou levar de comer
A' minha mãesinha ».
— O que leva nas costas ?
« E' meu irmãosinho.

— O que leva na bocca?
« E' cachimbo de cachimbar...
Ai! meu Deus do céo,
O bicho quer me comer,
O gallo não quer cantar,
O dia não quer amanhecer,
Ai, meu Deus do céo! » (1)

Quadras popularisadas

(Pornambuco)

— Menina, sáia da janella,
Que a janella não é sua:
« *O' chente*, senhor tenente,
Deixe a gente vêr a rua.
— Menina, sáia da janella,
Vá p'ra dentro da cozinha:
« *O' chente*, senhor tenente,
Deixe a gente vêr a visinha.

Xô, passarinho!

(Rio de Janeiro)

Xô, passarinho,
Sáia fóra do meu arrozal!
Você não me ajudou a plantar,
Você não me ajudou a colher,

(1) Estes versos são uma copla de um conto popular de que não nos lembramos mais, nem nos foi possivel conseguir da tradição oral.

Você não me ajudou a aterrar,
Nem me ajudou a cortar!
Mas quando meu papá vier,
Eu tudo lhe hei-de contar...
Xô, passarinho,
Sáia fóra do meu arrozal!

Eu passei o mar a nado

(Rio de Janeiro)

Eu passei o mar a nado
C'uma vela accêsa na mão;
Em todo mar achei fundo,
Só em ti pouca paixão.

Eu cerquei o mar em roda
Com cartinhas de jogar;
Todos logram seus amores.
Só eu não posso lograr.

Adeus, adeus, Barro Alto,
Minhas costas vou virando;
Eu não sei que deixo n'elle,
Que meu coração vai chorando.

Passai por mim, não me falles,
Guardai respeito a alguem;
Podeis passar e fallares,
Respeitando a quem quer bem.

Subi ao cêo n'uma linha,
E desci por um retroz
P'ra buscar a salvação
Para mim (1) vos dar a vós.

1) Modo de fallar muito commum em Paraty e n'outros pontos do Estado do Rio de Janeiro.

Fui eu que plantei a palma

(Rio de Janeiro)

Fui eu que plantei a palma
No caminho do sertão ;
Nasceu-me a palma na mão
E a raiz no coração.

Abaixai-vos limoeiro,
Quero tirar um limão,
Para tirar uma nodoa
Que trago no coração.

A malvada cozinheira,
Com sua fita amarella,
Com sentido nos amantes,
Deixou queimar a panella.

Você diz que não ha cravo
Na Villa de Paraty,
Inda hontem vi um cravo
No peito de Joaquim.

Fui eu que errei o verso,
Minha cabeça virou ;
Virei p'r'a banda das moças
E o tiro me acompanhou.

Eu já fui mestre de campo
E campeiro na campina ;
Quem é mestre tambem erra.
Quem erra tambem se ensina.

Já fui pasto, já pastei
Pasto de muitas ovelhas,
D'aquellas que vestem saias,
Botam brincos nas orelhas.

O meu peito está fechado,
A chave está em Lisboa ;
O meu peito não se abre
Se não a vossa pessoa.

Abaixai-vos, serras altas,
Quero vêr Guaratinguetá,
Quero vêr o meu bemzinho
Nos braços de quem está

Appareça, não se esconda,
Sua cara bexigosa;
Cada bexiga seu cravo,
Cada cravo sua rosa.

A laranja tem dez gomos
Todos debaixo da casca;
Amor, não me deis mais penas,
Que as que tenho já me basta.

Me pediste uma laranja,
Meu pai não tem laranjal;
Se queres um limão doce,
Abre a bocca, toma lá.

O annel que tu me déste
Era de vidro, quebrou-se;
O amor que tu me tinhas
Era pouco, já acabou-se.

Minha mãe, case-me logo,
Casadinha quero ser,
Eu não sou sóca de cana,
Que morre e torna a nascer.

Minha mãe, case-me logo,
Em quanto sou rapariga;
Que o milho plantado tarde
Dá pendão, não dá espiga.

Encontrei com meu bemzinho
Encostado n'uma pedra·
Uma mão chega não chega,
E a outra péga não péga.

Os meus olhos de chorar
Já perdeu a claridade,
De chorar continuamente,
Bemzinho, a tua saudade.

Eu fui que nasci no ermo
Entre dois cravos mirantes,
Dai-me uma gota de leite
D'esse vosso peito amante.

Eu nasci sem coração,
Não sei como hei-de viver;
Menina, me dai o vosso
P'ra no meu peito trazer.

Os gallos estão cantando,
Os passarinhos tambem;
Já ahi vem o claro dia
E aquella ingrata não vem.

Negocios com Pedro Alves

(Rio de Janeiro)

Negocios com Pedro Alves
Eu não quero mais;
A couve da minha horta
O gado d'elle comeu;
E, pagando arrendamento,
Que lucro é que tiro eu?
Fui justar contas com elle,
E nenhuma conta fiz;
Negocios com Pedro Alves
Eu não quero mais...

Maria, minha Maria

(Rio de Janeiro)

Maria, minha Maria,
Maria de Nazareth,
No meio de tantas Marias
Eu não sei qual d'ellas é.

Maria, se tu souberas
Como está meu coração !
Está como uma noite escura
Da maior escuridão.

Tres estrellas tem no céo,
Todas tres co'uma feição ;
Uma é minha, outra é vossa,
Outra de meu coração.

Tres estrellas tem no céo,
Todas tres em carreirinha ;
Uma é minha, outra é vossa,
Outra é de Mariquinha.

Tres estrellas tem no céo,
Todas tres a par da lua,
Meu amor está no meio
Formosa como nenhũa.

Abaixai-vos, serra alta,
Quero ver toda a cidade ;
Quero ver o meu amor
Que estou morto de saudades.

Triste coisa é ser captivo
E servir a dois senhores ;
Pois um manda e outro manda,
Cada um com mais rigores.

Vejo mar, não vejo terra,
O'lho, não vejo ninguem ;
Vejo-me perto da morte,
Longe de quem me quer bem.

Dentro de meu peito trago
Um lambique de retroz
Para distillar saudades
Quando me lembra de vós.

Se eu soubera o que sei hoje,
Ou alguem me avisára
Que amor tão caro custa,
Nunca eu me captivára.

Viola de cinco cordas
Cinco cordas mesmo tem ;
Cinco degredos merece
Quem se aparta de seu bem.

Menina, minha menina

(Rio de Janeiro)

Menina, minha menina,
Quem pergunta quer saber:
Sahindo d'aqui agora
Onde irei amanhecer?

Menina do lenço branco,
Vinde-me dar um conselho :
Dizei se posso amar
A moça do lenço vermelho.

Aqui tens um lenço branco
Para limpar o teu rosto ;
Queira Deus que isto não seja
Entre nós algum desgosto.

Aqui tens um lenço branco
Com dois raminhos floridos,
Dentro d'elle achareis
Nossos corações unidos.

Minha laranja da China,
Quem te comeu a metade ?
Foi o passarinho verde,
Jurador da falsidade.

Tenho meu tinteiro d'ouro
Com penna de *avoador*,
Para escrever saudades
No peito de *Lianor*. (1)

Fui no matto tirar lenha,
Metti um espinho no pé ;
Amarrei com fita verde
Cabellinho de Têté.

Me puz a contar estrellas
Com a ponta da minha espada ;
Peguei á bocca da noite,
Acabei de madrugada.

O sabão para ser bom,
Ha-de ser de *bassourinha*,
D'aquella que tem no campo
A folhinha miudinha.

(1) Leonor.

Quero bem ao pé de cravo

(Rio de Janeiro)

Quero bem ao pé de cravo
Por nascer no meu terreiro,
Quero bem a Mariquinha
Por ser meu amor primeiro.

Suspiro, tomae mais tento,
Não me acabeis de matar;
Para meu castigo basta
Querer bem e não lograr.

Boa flor é o suspiro
Cá na minha opinião;
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão.

O menino pequenino
Tem coração de serpente;
Quando é pequeno chora,
Quuando cresce mata a gente.

Comprei um vintem de ovos

(Pernambuco)

Comprei um vintem de ovos
Para tirar geração;
O pinto morreu na casca,
Não tenho fortuna, não.

Comadre, minha comadre,
Comadre bastante ingrata,
Venha catar-me piolhos,
Que ha muito tempo não cata.

Você gosta de mim (1)

(Pernambuco)

Você gosta de mim,
Eu gosto de você ;
Se papai *consenti*,
Oh ! meu bem,
Eu caso com você...
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga é.

Se me dá de *vesti*,
Se me dá de *comê*,
Se me paga a casa,
Oh ! meu bem,
Eu caso com você...
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga ê.

Siá Nanninha

(Pernambuco)

Siá Nanninha,
Na ponta da linha ;
Seu Manoel
Corta páo ;
Birimbáo :
Azeite dôce
Com bacalháo
E' cousa boa,
Pois não é máo.

(1) Inserimos estes versinhos, colhidos por nós em Pernambuco, porque provam a juxtaposição do portuguez com uma lingua africana das falladas por nossos pretos.

Os galuchos me prenderam

(Pernambuco)

Os galuchos me prenderam
Ña torre do seu castello,
Roendo um pé de burro,
Pensando qu'era marmelo.

Valentim, tim, tim,
Valentim, meu bem;
Quem tiver inveja
Faça assim tambem.

Cantigas ao desafio

(Pernambuco)

Agora foi que eu cheguei,
Achei violas tocando ;
Vi dois peitos destinados,
Ahi fui me destinando.....

Aqui eu faço barreira,
Não é p'ra outro subir;
Apanhei-o encurralado,
Não tem p'ra onde fugir.

Quando canto desafio,
Abro a voz, suspendo o brado;
Quero que o meu peito sinta
A lei e o rigor do fado.

D'estes cantadores novos,
Que cantam por desafio,
Dou-lhes conselho de mestre:
Que vão tratar de seus filhos.

Sou cobra do boqueirão,
Onça-tigre de roncar,
Que mato sem fazer sangue,
Engulo sem mastigar.

Sou forte, sou corajoso,
Sou duro, sou valentão;
Sou como a onça no inverno,
E o cascavel no verão.

Eu não temo a cantador
Inda que chova ao punhado,
Nem que venha dos infernos,
Fedendo a chifre queimado.

Vejam no cantar das rolas,
No seu trinar gemebundo,
Vem o ecco d'estes montes
Entoar o seu segundo.

Ha duas cousas no mundo,
Que são da minha paixão:
Perna grossa cabelluda,
Peito em pé no cabeção.

Sibiti, cabôclinho,
Canario, *beija-fulô*,
Jurity, rola — aza-branca,
Tico-tico, — *serradô*.

Quando pégo na viola,
Que ao lado tenho o pandeiro,
Só me lembro a Virgem Santa
E um só Deus verdadeiro.

Estando eu agoirado
Na serra do Beleguim,
Não ha pessoa que suba,
E se subir não descamba,
Se descambar leva fim.

O fim do páo é no olho,
O fôrro d'agua no chão;
Eu como sou cantador
Sou filho do Riachão.

Manoel do Riachão (1)
Tem fama de cantadô;
Quando eu cheguei n'esta terra
Bateu azas e voôu.

Pequena silva de cantigas soltas

(Rio de Janeiro)

Vamos dar a despedida
Como deu o bacuráo;
Uma perna no caminho,
Outra no galho do páo.

Toda moça que não tem
Seu nênem para brincar,
Póde ficar na certeza
Que no céo não ha-de entrar.

Laranjeira, mãe do choro,
Ajudai-me a chorar;
Que perdi o meu bemzinho,
Ajudai-m'o a procurar.

Toda a moça que não tem
Nos cabellos um penacho,
Póde viver na certeza
Que morrendo vae p'r'o tacho.

(1) Rhapsodista e improvisador dos sertões de Pernambuco, oriundo da Ribeira de S. Francisco. Foi typo como Rio Preto, Manoel do O. Bernardo e outros.

Alecrim na beira d'agua
Póde estar quarenta dias,
Um amor longe do outro
Não póde estar nem um dia.

Está roncando trovoada,
Porém não ha-de chovêr;
Meu amor está doente,
Porém não ha-de morrer.

Manoel, peito de arara,
Formosura de pavão,
Tirai a penna do peito,
Escrevei no coração.

Manoel, não vá lá fóra,
Que lá fóra está ventando;
As folhas do patyeiro
Todas estão se derramando.

Antonico, Antoniquinho,
Maravilha no chapéo;
Isto não são maravilhas,
São estrellinhas do céo.

Manoel, não vá lá fóra,
Qu'eu lhe posso sustentar
Na ponta de minha agulha,
No fundo do meu didal.

Alecrim verde, cheiroso,
Não sejas enganador;
Todo amante que é firme
Não engana seu amor.

Lá no alto d'esta serra
Como não vem bonitinho!
Traz o seu laço na mão
P'ra laçar seu passarinho.

Andorinha pequenina
Como fructa no jambeiro;
Eu quero dormir um somno
Na trança de seu cabello.

Tenho um lenço de tres pontas
E tambem um guardanapo;
Se o negocio é á porfia,
Veja que eu desato o sacco.

Laranjeira ao pé da porta
Na cama me vae o cheiro,
Guarda teus olhos, menina,
Para mim, que sou solteiro.

N'esse lenço desenhado
Vive um terno passarinho;
Sem ter cuidado de amar,
Sem pensão de fazer ninho.

Se n'esse lenço pegares
Enxuga o lindo semblante,
Então lembra-te de mim,
Meu amor firme e constante.

Olhos de azeitona parda,
Bem te entendo o teu olhar;
Bem pódes viver seguro
Que a outro não hei-de amar.

Cravo rôxo, sentimento,
Mais sentido é que estou,
Não me cabe no meu peito
Amar a quem me deixou.

Se eu correndo não te apanho
Devagar te apanharei;
Se eu te apanho nos meus braços
Em que estado te porei?

A perpetua verde parda
N'ella vive confiada;
Se o teu amor é firme,
Não me traz desenganada.

O amarello desbota,
O verde não perde a côr;
Se me perderes de vista,
Não me percas do amor.

A luz d'aquella candeia
Que me deu o desengano,
Mais vale o amor de uma hora,
Do que a justiça n'um anno.

Eu plantei a madre-silva
Da semente da mimosa;
A cabo de sete annos
A madre-silva deu rosa.

Dae-me d'essa lima um gomo,
D'essa laranja um pedaço,
E d'essa boquinha um beijo,
D'esse corpinho um abraço.

Se eu soubera que vós vinheis
Alliviar minhas penas,
Acharéis casa varrida,
Semeada de açucenas.

Sois bonita, sois bem feita,
Delicada de cintura,
Sois combatida de amores,
De mim não andaes segura.

Noite escura me conhece,
Deve de me conhecer;
A noite escura bem sabe
De meu triste padecer.

O campo verde se alegra
Quando vê o sol nascer;
Assim se alegram meus olhos
Quando te chegam a ver.

As ondas do mar lá fóra
São pretas como um limiste;
Dizei-me como passaste
Os dias que me não viste?

Os dias que eu não te vi
Passei miseravelmente;
Agora que estou comtigo
Eu vivo alegre e contente.

Tenho um lenço de tres pontas,
Mais outra por inversão;
Querem me tirar de um gosto,
Não sei se me tirarão.

Arrenego do caminho
Que tantas pedrinhas tem;
Se não foram teus carinhos
Cá não viera ninguem.

Esta noite choveu ouro,
O diamante orvalhou ;
Mas vem o sol com seus raios
Enxugar quem se molhou.

Alegrias não n'as tenho,
Tristeza commigo mora ;
Se eu tivesse as alegrias,
Tristeza deitára fóra.

Suspiros sobre suspiros,
Suspiros por quem se dão ?
Vêde por quem suspiraes,
Não deis suspiros em vão.

Menina, me dae tabaco
N'essa vossa bocetinha,
Que a minha ficou em casa
Fechada na gavetinha.

Que tão alta vai a lua,
Que o sereno lhe acompanha !
Muito triste fica um homem
Quando uma moça lhe engana !

Cravo roxo dolorido,
E' tempo de florescer ;
Os vossos olhos, menina,
Me deitaram a perder.

Fragmento do Bitú

(Rio de Janeiro)

— Vem cá, Bitú! vem cá, Bitú!
Vem cá... «Não vou lá, não;
Não vou lá, não vou lá, não vou lá;
Tenho medo de apanhar!
— Cadê-lo teu camarada?
«Agua do monte o levou...
— Não foi agua, não foi nada,
Foi cachaça que o matou.

Quadra do Pará, comprobativa de um periodo de juxtaposição do portuguez e do tupi

(Colligida pelo Dr. Couto de Magalhães)

Te mandei um passarinho,
Patuá miré pupé;
Pintadinho de amarello,
Iporanga ne iaué.

Quadra do Amazonas, comprobativa de um periodo em que uma das linguas já predomina

(Colligida pelo Dr. Couto de Magalhães)

Vamos dar a despedida
Mandû sarará,
Como deu o passarinho;

Mandû sarará,
Bateu aza, foi-se embora,
Mandû sarará,
Deixou a penna no ninho.
Mandû sarará. (1)

Quadrinhas de Minas Geraes, comprobativas do periodo do predominio completo de uma lingua sobre a outra

(Colligidas pelo Dr. Couto de Magalhães)

Vamos dar a despedida
Como deu a pintasilva ;
Adeus, coração de prata,
Perdição da minha vida!

Vamos dar a despedida
Como deu a saracura ;
Foi andando, foi descendo :
Mal de amores não tem cura.

(1) Lembramo-nos de ter, muitas vezes, ouvido algumas quadras em Sergipe de igual teor; sómente o estribilho *selvagem* é que divergia um pouco, dizendo-se lá *mandum sêrêrê*. Não temos de memoria taes fragmentos da poesia popular ; mas a musica que ordinariamente os acompanhava ainda hoje sabemol-a de cór. Algumas vezes em *sambas*, ao som da *viola* e do *bahiano*, temos ouvido os *improvisadores sertanejos* comporem motivos sobre aquelle *estribilho constante*. Diversas vezes, por outro lado, como estudo, tentamos tomar parte no numero dos repentistas populares, e, por exemplo, de viagem da Estancia para a barra da Beriba, a bordo de canôas, nunca pudemos, apesar de nosso conhecimento dos metros da lingua, senão difficilmente acompanhar os bardos incultos.

Fragmentos de cantos populares

(Matto Grosso)

Em cima d'aquelle morro,
Siá dona,
Tem um pé de jatobá;
Não ha nada mais pió,
Ai, siá dona,
Do que um home se casá.

Eu passei o Parnahyba
Navegando n'uma barca,
Os peccados vêm da saia,
Mas não póde vir da carça.

Dizem que a muyé é farça,
Tão farça como papé;
Mas quem vendeu Jesus Christo
Foi home, não foi muyé.

Silva de Quadrinhas

(Rio Grande do Sul)

Até d'onde as nuvens giram
Vão meus suspiros parar,
Só tu pertinho de mim
Não me ouves suspirar.

Me negaste a formosura
Que a natureza te deu,
N'este teu peito não tens
Um coração como o meu.

Quando vês a garça branca
Pelo ár ir avoando,
Isto são saudades minhas,
Que lhe vão acompanhando.

Soubeste que te vi presa
Em grilhões do Limoeiro,
Não tomai outros amores
Sem saber meu fim primeiro.

O encarnado é guerra,
Eu não venho guerrear,
Venho fazer pazes comtigo,
Se me queres aceitar.

Agora eu me vou embora
Para a semana que vem;
Quem não me conhece chora,
Que dirá quem me quer bem!

Adeus, das querida das flôres,
Adeus das flôres querida,
Não quero dizer teu nome
P'ra não seres conhecida.

Da limeira nasce a lima
De uma semente que tem,
Não póde haver desavença
De dois que se querem bem.

As ondas da barra fóra
São verdes côr de alimistes,
Dizei-me como passastes
O tempo que não me vistes?

Eu boto o pé no estribo,
Meu cavallo estremeceu;
Adeus, senhores que ficam,
Quem vai embora sou eu.

Que Sam José e Maria
São filhos da Conceição,
Que eu tambem sou afilhado
Da virgem de Viamão.

Deus vos salve, casa pura,
Onde Deus fez a morada,
Onde está o calix bento
E a hostia consagrada.

Esta casa já foi casa,
Este terreiro cidade,
Como não queres que eu chore,
Que eu daqui tenha saudade!

Saudades que eu de ti tenho
Não posso mandar dizer,
Algum dia contarei-te
Quando juntinhos nos vêr.

Com pena peguei na penna,
Com penna p'ra te escrever.
A penna cahiu da mão
Com pena de não te vêr.

Puz-me a escrever na areia
Com penninhas de pavão,
P'ra dar a saber ao mundo
Que por ti tenho paixão.

Adeus, que eu me vou embora,
Adeus, que eu me quero ir;
Menina, n'esses teus braços
Eu me quero despedir.

Menina, minha menina,
Do teu pai não tenho medo;
Menina, mandei fazer
Um annel para teu dedo.

Eu era quem te dizia,
Tu eras quem duvidavas
Que no fim do nosso amor
Tu eras quem me deixavas.

O anú é passaro preto,
Passarinho do verão,
Quando canta á meia noite,
Oh! que dôr no coração!

E se tu, anú, soubesses
Quanto custa um bem querer.
Oh! passaro, não cantarias
A's horas de amanhecer.

Dê-me licença que chegue
N'esta casa de valor,
Porque tenho o reino da gloria
Aos pês de Nosso Senhor.

Cupido subiu a serra
Com fama de caçador,
Bota laço, tira laço,
Bota pealos de amor.

Cupido, por ser letrado
Aprendeu a cravador,
Elle cravou diamantes
No peito do seu amor.

Cupido, rei dos amantes,
Monarcha mui atrevido,
Cupido, tu foste a causa
De meu peito andar ferido.

Fui soldado, sentei praça,
Sentei-me n'uma guarita;
Sou chefe, sou commandante
De toda a china bonita.

Duas coisas neste mundo
Não se deixa passear;
A gallinha o bicho come,
A mulher dá que fallar.

Graças a Deus para sempre
Que a minha pomba fallou,
Que a minha alma estava morta,
Agora resuscitou.

As contas do meu rosario
São balas de artilheria,
Que combatem nos infernos
Gritando—Ave Maria!

Oh! china, muda teu nome
Que teu nome é um tormento;
Quando me falla innocencia
Vareia-me o pensamento.

Depois de morta fallaes
Debaixo do frio chão,
Descança, minha querida,
Esse vosso coração.

Sabei que eu já estive preso
Por vos dar tanta attenção,
Oh! querida de minh'alma,
Vida do meu coração!

Dormindo estava sonhando
Comtigo, minha belleza,
Acordei-me, achei-me em claro,
Em sonhos não ha firmeza.

Tendes o cabello crespo,
Ainda agora eu reparei;
Se eu reparasse ha mais tempo,
Não amava a quem amei.

Da Bahia me mandaram
Um presente com seu molho;
A costella de uma pulga,
O coração de um piolho.

Os gallos já estão cantando
E os passarinhos tambem,
Já vem amanhecendo,
E aquella ingrata não vem!

Ajudai-me companheiro,
Que eu tambem te ajudarei;
Apesar de morar longe,
Alguma cousa farei.

Meu tatú de rabo mollo,
Meu guisado sem gordura,
Eu não gasto o meu dinheiro
Com moça sem formosura.

Meu amor, fallai baixinho
Que as paredes têm ouvido;
Segredo mais encoberto
E' sempre o mais conhecido.

Não te encostes na parede,
Que a parede larga pó;
Encosta-te nos meus braços,
Que esta noite dormi só.

O tatú é um homem pobre
Que não tem nada de seu,
Tem uma casaca velha
Que o defunto pae lhe deu.

Toda mãe que tem um filho,
Razão tem para chorar
Que não sabe inda da sina
Quu Deus tem para lhe dar.

A cachaça é meu parente,
O vinho é meu primo-irmão;
E não ha funcção nenhuma
Que meus parentes não vão.

Meu amor está mal commigo,
Eu não sei por que motivo;
Que me importa, lá se avenha,
Não é de amores que eu vivo.

Quem diz que o amor custa,
E' certo que nunca amou,
Eu sempre amei, fui amado,
Nunca o amor meu custou.

Quando eu vim de minha terra,
Muita menina chorou,
Só a ladra de uma velha
Muita praga me rogou.

Amanhã, se Deus quizer,
Fará sol, se não chover;
Hei-de pôr-me no caminho,
Não me importa de morrer.

Amanhã eu vou-me embora,
Hoje estou me aviando,
O cavallo que vou n'elle
Está no campo se creando.

A açucena quando nasce
Arrebenta pelo pé,
Assim arrebenta a lingua
De quem falla o que não é.

Quando eu vim da minha terra,
Muita menina chorou,
Eu tambem chorei meu pouco,
Por uma que lá ficou.

As moças da Cachoeira
São bonitas que eu bem vi,
Estavam lavando roupa
No Passo do Jacuhy.

Se fordes á Cachoeira
Levai contas de rezar,
Cachoeira é purgatorio
Onde as almas vão penar.

Quem me dera estar agora
Onde está o meu pensamento:
De Porto Alegre para fóra,
De Cachoeira para dentro.

Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Da mulher nasce a firmeza,
Do homem nasce ingratidão.

Você chamou-me de feia,
Me chamou de coisa má;
Agora quer agradinho,
Acabou-se, já não ha.

Lá se vae o sol entrando
Por um canudo de prata,
Vae ferindo, vae matando,
O coração d'aquella ingrata.

Estrella do céo brilhante,
Raio de sol encarnado,
Se tens amores com outro,
Não me tragas enganado.

Estava no meu cantinho,
Não mexia com ninguem,
Você foi quem mexeu commigo,
Ande já, me queira bem.

Querido bemzinho, adeus,
Lembra-te sempre de mim,
Que este amor que eu te tenho,
Só com a morte terá fim.

Oh morte, porque não vens
Findar os meus dias fataes?
Vivendo eu ando penando,
Morrendo não peno mais.

Olhos pretos, olhos pardos,
Olhos azues soberanos,
Estas tres castas de olhos
Para mim foram tyrannos.

Eu fui aquelle que disse,
E depois de dizer não nego,
Que achando amor de meu gosto,
Morro secco e não me entrego.

Rio Pardo, Cachoeira,
Rio-Grandeuse — lá do norte,
Hei de levantar bandeira
Té onde fôr minha sorte.

Minha gente, venham vêr
Coisa que nunca se viu:
O tição brigou com a braza,
E a panellinha cahiu:

Mancebo, que estás fazendo,
Em tua espada encostado?
Namora-te da mais mocinha,
Que a mais velha tem estado.

Na minha espada encostado
Não offendo a ninguem;
Como casou a mais velha,
Case a mais moça tambem.

Atirei com balas de ouro
Nas muralhas de Castella,
Matei duas castelhanas,
Que estavam de sentinella.

Não sei se ria, ou se chore,
Não sei que faça de mim:
Eu cantando dóbro penas,
Chorando penas sem fim.

Quando eu era pequenino
Cantava que retinia:
Eu cantei em Sorocaba,
No Oriente se ouvia.

Meu pae, p'ra me vèr casado,
Prometteu-me um burro branco;
Depois que me viu casado:
— Meu filho, o burro está manco.

O cabello preto e crêspo
Faz um lindo parecer;
Querem o cabello crêspo,
Mulato ninguem quer ser.

Os enfados do papae
Já não posso supportar;
Eu já tenho quinze annos,
Minha mãe, quero casar.

Estas mocinhas d'agora
Já não sabem namorar,
Botam panella no fogo
E não sabem temperar.

Um conselho quero dar
A todo moço convivente:
Não namore moça feia,
Que o feio péga na gente.

Meu pae, p'ra me vêr casado,
Prometteu-me tres ovelhas:
Uma torta, uma renga,
E uma nambí de uma orelha.

Lá detraz d'aquelle serro
Tem um bandinho de moças;
Com licença da mais velha,
Quero fallar com a mais moça.

Vejo lá n'aquella banda
As espadas reluzir,
Vejo meu amor em guerra
E não posso lhe accudir.

Chimarrita, meu bemzinho,
Chimarrita, meu amor,
Por amor da Chimarrita
Passo tormentos e dôr.

O Chico cahiu no poço,
Do fundo tirou areia;
Ninguem tenha dó do Chico
Que está preso na cadeia.

Sou rio-pardense, não nego,
Senhor de minhas acções;
Sei amar sinceramente
Não soffrendo ingratidões.

Não te encostes na parede,
Nem no páo do pecegueiro,
Encosta-te nos meus braços,
Que não te custa dinheiro.

Se o pintor que pintou Anna
Tambem pintou Leonor,
Por Anna sahir formosa,
Que culpa tem o pintor?

Esta vae por despedida,
Por despedida esta vae:
Minha mãe ficou sem dentes
De tanto morder meu pae.

Quem me dera ser a seda,
Depois da seda o setim,
Para andar de mão em mão,
As moças pegando em mim!

Seu Manoel p'ra ver as moças
Fez uma ponte de prata,
As moças não passam n'ella,
Seu Manoel quasi se mata.

Trepei n'uma goiabeira
E lá de cima cahi;
Minh'alma ficou na rama,
Já não vivo, já morri.

Eu fui lá não sei aonde,
Visitar não sei a quem,
Fiquei assim não sei como,
Morrendo não sei por quem.

Ninguem viu o que vi hoje:
Um macaco fazer renda,
Tambem vi uma perúa
De caixeira n'uma venda.

A parreira tem mil galhos,
No meio fórma um enleio,
Cuida de mim que sou teu,
Deixa lá o amor alheio.

Se vires a garça branca
Pelos áres ir voando,
Dirás que são os meus olhos
Que te vão acompanhando.

Lá se foi amor tecido,
Não póde ser desatado,
Dois corações unidos
Não póde ser apartado.

Esta noite não fui fóra,
Não fui a parte nenhuma,
Até as estrellas do céo
Servem de testemunha.

Menina, minha menina,
Quando me vês p'ra que corres?
Se és bonita, apparece,
Se és feia, porque não morres?

Sou bonita, sou formosa,
Isto é de geração,
Da mulher correr dos homens
Que são de má condição.

Os homens quando começam
A mexer com seu amor,
Juntam dedo com dedo,
Juram por Nosso Senhor.

Valha-me a Virgem Maria,
Saudades me estão matando;
Por teu respeito, querido,
Agora vivo penando.

Quatrocentos guardanapos,
Seis vintens em cada ponta,
Você diz que sabe tanto,
Venha sommar esta conta.

Seis vintens em cada ponta
Tem meu pai em seu thesouro,
Quatrocentos guardanapos
São quinze dobras de ouro.

Menina, minha menina,
Minha flôr de cananéa,
Tu nasceste n'este mundo
Para ser minha tetéa.

Menina, que está tão triste,
Com a mão chegada ao rosto,
Diga-me quem foi a causa
D'esse tão grande desgosto?

Moça, que estaes na janella
Como ouro na balança,
Atirai-me com beijinhos,
Perdoai a confiança.

Tenho meu cavallo baio,
Marchador da madrugada,
Marcha, marcha, meu cavallo,
Vamos ver a namorada.

Escrivão perdeu a penna,
Escreveu com um pé de rosa
Letrinhas tão miudinhas,
Sentença tão rigorosa.

Alecrim verde cheiroso,
Mangerona d'outra banda,
Hei de te amar, menina,
Nem que corra demanda.

A firmeza de meu peito
Só a ti eu hei de contar.
Hei de amar-te toda a vida,
Até depois de faltar.

Eu desejava saber
Qual é a tua tenção,
Com que fim, com que sentido
Pedistes meu coração?

Embora se passe o tempo,
Embora se passe um anno,
Seja teu coração firme,
Que no meu não ha engano.

Atirei limão cheiroso
Na janella do meu bem,
Deu na clara, e na morena,
Deu na mulata tambem.

A minhoca é bicho feio,
E' bicho que entrou no chão;
Tu tambem és muito feio
E entraste em meu coração.

Muita perna tenho visto,
Perna fina, perna grossa;
Mas a perna mais bonita
E, da menina da roça.

A gallinha dorme em poleiro,
O pato dorme no chão,
O pobre dorme na esteira,
O rico dorme em colchão.

Lá se vae o meu amor
De muda para a cidade,
Aqui fico eu sosinho,
Morrendo d'esta saudade.

Sae-te d'aqui, porca suja,
Vae-te lavar na maré;
Noutros melhores que tu
Dou com a ponta do pé.

Em cigarro de papel
Fumo verde não fumega,
Onde não ha moça bonita
Meu coração não socega.

Tyranna, feliz tyranna,
Tyranna do Arirú,
A mulher matou o marido,
Julgando que era jacú.

O marmelo é fructa boa
Que está no seu galho posto,
Ninguem póde privar
Amor que for de meu gosto.

Adeus, amiga do peito,
Adeus, de mim tão querida,
Mil abraços e mil suspiros
Te darei por despedida.

Em despedir-me de ti,
Sinto bem grande afflicção,
Adeus, meu querido amor,
Prenda do meu coração.

A saudade é matadoura,
Minha vida quer tentar,
Chóro, suspiro e padeço,
Já não posso mais penar.

As penas do meu martyrio
Mais crueis não podem ser,
Ter olhos para chorar
E não ter olhos p'ra te ver.

Se o querer bem se pagasse,
Muito me estavas devendo;
Com dinheiro não me pagas
O bem que te estou querendo.

Buenos-Ayres boa terra,
Santa-Fé faz-nos chorar;
As muchachas de Corrientes
Não se podem olvidar.

Quando morreres, meu bem,
Mando fazer-te uma cova,
Com a minha enxada de prata
No meio da lua nova.

Se as estrellinhas brilhassem
Todas juntas de uma vez,
Não dariam uma idéa
D'esses teus olhos crueis.

Com sangue de minhas veias
Eu mandei-te uma cartinha,
Com o sangue do teu odio
Mandaste resposta á minha.

Menina dos pés pequenos,
Deixe-os estar, porque os tira?
Quanto mais o pá se esconde
Mais a viola suspira.

Menina dos olhos grandes,
Olhos grandes como o mar,
Não me olhes com teus olhos
Para eu não me afogar.

Se o casar fosse tão bom
No fim como é no começo,
Eu pediria a meu pae
Que me casasse no berço.

Estou dormindo, estou sonhando,
Acordo, fico a pensar.
O pezar que me devora
E' ver meu amor penar.

Quando me aperta a saudade,
Chego na janella e digo:
Alto céo, tyrannas nuvens,
Quem me dera estar comtigo!

O malvado trem de ferro
Quando na estação chegou,
Na carreira que elle vinha,
No caminho não parou.

Vou para o Rio de Janeiro
Fazer queixa ao delegado,
Que o malvado trem de ferro
Muita gente tem matado.

Eu já vi esses teus olhos,
Domingo, dia de missa;
Arrenego d'esses olhos,
Podem mais do que a justiça.

No cimo d'aquelle morro
Tem uma escada de vidro,
Por onde sobe meu bem,
Por onde desce Cupido.

Menina, se eu pudesse
Dos teus olhos fazer luz,
Deixaria mais de quatro
Na bocca fazendo cruz.

Alecrim da beira d'agua
De viçoso está tremendo,
Estas mocinhas de agora
De paixão estão morrendo.

Vou-m'embora para as Lages
P'ra casar com lageana,
Que estas mocinhas d'aqui
São bellas, mas levianas.

Você me mandou cantar
Pensando que eu não sabia,
Eu não sou como a cigarra
Quando canta, leva o dia.

A açucena, quando nasce,
Vem abrindo, vem fechando;
Meu amor, quando me enxerga,
Vem todo se requebrando.

Manjericão douradinho,
Douradinho até o pé,
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

Lá detraz d'aquelle serro
Tem um pé de lirio só,
Faço carinhos a todos
Mas quero bem a ti só.

A moda da Chimarrita
Veiu de Cima da Serra,
Pulando de galho em galho
Foi parar em outra terra.

O preto que vai no branco
Significa um queixume;
Se te queixares de mim
Eu de ti tenho ciume.

Laranjeira da fortuna
Que só duas laranjas deu,
Uma que cahiu no chão,
Outra que meu bem comeu.

Lá se vae o sol entrando,
Deixando raios atraz,
Tanta morena bonita
Só p'ra mim, que sou rapaz.

Oh! meu junquilho amarello,
Teus cheiros já são perdidos,
Trata de vêr outros olhos
Que estes já estão decididos.

Meu amor não é d'aqui,
E' de lá do outro lado;
Estas mocinhas d'aqui
Têm cabello arripiado.

Dizei-me o que significa,
Que vem a significar
Caminhar para tão longe,
Cantando p'ra não chorar?

Fui á fonte vêr Maria,
Encontrei com Isabel;
Isso mesmo é que eu queria,
Cahiu-me a sôpa no mel.

Eu queria, ella queria,
Eu pedia, ella não dava;
Eu chegava, ella fugia,
Eu fugia, ella chorava.

Eu vi meu bem, eu o vi,
Eu vi meu bem no jardim,
Com mangas arregaçadas,
Seus braços côr de carmim.

Eu vi meu bem, eu o vi,
Eu vi meu bem na janella,
Com as mangas arregaçadas,
Seus braços côr de canella.

Eu vi meu bem, eu o vi,
Eu vi meu bem no fogão,
Com as mangas arregaçadas,
Seus braços côr de carvão.

Mandei fazer um barquinho
Da casca do camarão,
Para levar o meu bem
De Santos ao Cubatão.

E's claro que nem o leite,
Córado como a romã,
Pareces-me a estrella d'alva
Quando sáe pela manhã.

Eu vi Cupido montado
No seu cavallo picaço,
De bolas e tirador,
Faca, rebenque e laço.

Atirei um limão verde
Lá detraz da sacristia,
Deu no ouro, deu na prata,
Deu na moça que eu queria.

Quando vim da minha terra
Trouxe platas e platinhas,
Eu me chamo Chico Doce,
Namorado das meninas.

Menina, tu és a causa,
Do mundo fallar de mim,
Eu já estou sem vergonha,
Tu me puzestes assim...

Menina você o que tem,
Que commigo se enfadou ?
Será porque seu negrinho
A seus pés não se curvou ?

Mulatinha, seu eu pudera
Formar do mundo um altar,
N'elle te collocaria
Para o povo te adorar.

No cantinho do teu peito
Eu desejava morar;
Não estorvando a quem mora,
Diz-me se tem logar?

Adeus, delicias dos olhos,
Infinito coração,
Encostai-te no meu peito,
Vê se eu sou leal ou não.

Suspirar é meu sustento,
Quando estou de ti ausente;
Nada me alegra o sentido,
Só comtigo estou contente.

« Mamãe, eu quero casar.
— Filhinha, diga com quem?
« Mamãe, com o primo Chiquinho.
— Filhinha, não casas bem.

O manjericão se chama
Uma esperança perdida,
Quem não goza o que deseja
Mais vale perder a vida.

Quem quizer ouvir cantar
Vá nas grades da cadêa,
Que ouvirá presos cantarem
A's escuras, sem candeia.

Eu comi uma laranja,
A semente botei fóra,
Da casca fiz um barquinho,
Meu amor, vamos embora.

Meu amor é pequenino,
Do tamanho de um balão,
De dia trago no peito,
De noite no coração.

Vae-te, carta venturosa,
Vae ver a quem quero bem,
Diz-lhe que eu fico chorando
Por não poder ir tambem.

Perdi pae e perdi mãe,
Perdi todo o meu haver,
Falta só perder a vida,
Não tenho mais que perder.

Esta noite, á meia noite,
Ouvi cantar, ouvi chorar;
Eram dois amantes firmes
Com pena de se apartar.

Eu tenho a minha viola
Feita de páo de colher,
Quem quizer ouvir mexerico,
E' da bocca de mulher.

Eu plantei a sempre-viva,
Sempre-viva não nasceu,
Deus permitta sempre viva
O meu coração com o teu.

Menina da saia branca,
Corpinho da mesma côr,
Pede a teu pae que te case,
Que eu quero ser teu amor.

Viestes, meu bem, viestes,
Viestes á boa hora,
Meu pae já está dormindo,
Minha mãe deitou-se agora.

Cigarro dizem que tira
As maguas do coração,
Cigarro tenho pitado,
As maguas nunca se vão.

O marmello é boa fructa
Em quanto não apodrece,
Assim são amores novos
Em quanto não aborrece.

Corre, corre, minha pombinha,
Vae p'ra o matto te esconder,
Que aqui passa um gavião
Que jurou de te comer.

Papagaio, penna verde,
Emprestae o teu vestido,
Quero ir aos castelhanos,
E não quero ser conhecido.

O anú é passaro preto,
Passaro de bico rombudo,
Foi praga que Deus deixou
Todo o negro ser beiçudo.

Negro preto. côr da noite,
Cabello de pichahim,
Pelo amor de Deus te peço,
Negro, não olhes p'ra mim.

Eu não sou filho d'aqui,
Eu sou filho lá de fóra ;
Ando cumprindo o meu fado,
Acabando vou-me embora.

Eu não tenho pae nem mãe
Nem n'esta terra parentes,
Sou filho das aguas claras,
Neto das aguas correntes.

Tenho o meu cavallo baio,
Cada passo meia legua,
Quando quero ver as moças,
Meu cavallo me carrega.

Esta noite, á meia noite,
Ouvi cantar uma cegonha ;
Parecia que dizia :
—Salta d'aqui, sem vergonha !

Não tenho medo de ti
Nem da faca mais pontuda,
Tenho medo quando vejo
Perna grossa cabelluda.

Rio abaixo, rio acima,
Perdi o meu annel de prata;
Quem o achar, me dê,
Que é prenda d'uma mulata.

Que passarinho é aquelle
Que está na flôr da banana,
Com o biquinho a dar-lhe, dar-lhe,
Com as azinhas quero mana?

Meu pae e minha mãe choram
Por me vêrem ser soldado,
Com minha farda nas costas,
Com meu cabello cortado.

O tatú me foi á roça,
Toda a roça me comeu,
Plante roça quem quizer,
Que o tatú quero ser eu.

O tatú é bicho manso,
Nunca mordeu a ninguem;
Ainda que queira morder
O tatú dentes não tem.

Quero bem a minha malicia
Como cousa que eu já visse,
Eu nada maliciei
Que certo me não sahisse.

Heide pegar nos meus olhos,
Heide furar com um páosinho;
Os meus olhos são a causa
D'eu andar por máo caminho.

Heide pegar nos meus olhos,
Heide degradar em França;
Os meus olhos são a causa
D'eu andar sempre em mudança.

Eu era aquelle tunante
Que andava pelas coxilhas
Errando tiros de laço
Com vinte e cinco rodilhas.

No tempo em que eu te amava
Mais valia estar doente
Com vinte e cinco sangrias
Ou morto de um accidente.

Não quero bem a ninguem
Nem ninguem me queira a mim;
Nãe quero passar trabalhos
Nem ninguem passar por mim.

Vou cantar gallinha morta,
Agua no fogo fervendo;
A gallinha foi para outro,
Eu fiquei chorando e vendo.

Antonico pequenino
Tem coração de gallinha;
O presente que elle faz
E' mellado com farinha.

Se eu soubesse com certeza
Que tu me tinhas amor,
Cahia n'estes teus braços
Como o sereno na flôr.

Onde vae, senhor Ricardo,
Tão vermelho apaixonado?
Vou buscar a minha espada
P'ra ensinar um malcriado.

Uma velha muito velha,
Comedeira de feijão,
Foi á missa de pellêgo,
Pensando que era balão.

Botei flôres a brilhar
Dentro de um caixão de vidro,
A paixão que me acompanha
E' não poder fallar comtigo.

Não vivo para os prazeres,
Que tu não pódes gozar;
Vivo para vêr-te alegre,
Vivo só para te amar.

Lá se vai meu coração
Amárrado com uma fita;
Já que eu lá não posso ir,
Aceita minha visita.

Manjericão miudinho
No peito do meu amor;
Quando me verei comtigo,
Minha delicada flôr?

O errar n'uma cantiga
Não se deve admirar,
Que o melhor atirador
Erra um passaro no ar.

Tens os dentes tão miudos
Como pedrinhas de sal,
Tens a falla deliciosa
Para mais penas me dar.

A Chica pediu ao Chico
Dinhetro para gastar;
Respondeu o Chico á Chica:
— Dinheire custa a ganhar.

Coração entristecido,
Chega ao pé d'aquella flôr,
Perguntae-lhe, assim brincando,
Se ella quer ser meu amar?

Uma velha, muito velha,
Mais velha que meu chapéo
Ouvio fallar em casamento,
Levantou as mãos p'ra o céo.

Minha gallinha pintada
Que põe tres ovos no dia;
Se ella mais um puzesse,
Que de ovos não teria!

Lá se vae meu coração
Como servindo de prenda;
Maltrate como quizer,
Quem não tem quem o defenda.

Quem me dera ser pintor
Como foi o Sam Lourenço,
P'ra pintar a Mariquinhas
Na pontinha do meu lenço!

Ter amores n'este mundo
Só quero, meu bem, comtigo;
Quero saber por resposta
Se queres tambem commigo?

Meu amor é uma lage
Que está no meio do mar;
Dá-lhe o vento, dão-lhe as ondas,
Não se move do lugar.

N*egro preto*, chapéo branco,
Apesar não possa ver,
Parece uma tempestade,
Quando está para chover.

Bemzinho, tu não desprezes
O teu amor nem um'hora,
Pois o amor desprezado
Bate a aza e vai-se embora.

Não penses que pela ausencia
Eu de ti me heide esqueccer;
Quanto mais longe estiver,
Mais firme te heide ser.

Andas vestida de branco,
Em trajos de castelhana;
Ou bem tu has de ser minha
Ou a minha espada me engana.

Qual será o valentão
Que me anda experimentando?
Das armas faça a cama,
Do valente estou zombando.

Amanhã me vou embora
Por estas estradas fóra;
Minha falta ninguem sente,
Minha ausencia ninguem chora.

Lá vem a lua sahindo,
Redonda como um vintem;
Inda bem não estou casado,
Já me dão o parabem.

Batatinha quando nasce
Deita rama pelo chão ;
Mulatinha quando deita
Bota a mão no coração.

Minha gente, vou-me embora,
Mineiro está me chamando ;
Mineiro tem o costume :
Chama a gente e vae andando.

Pirolito que bate, que bate,
Pirolito que já bateu ;
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta d'ella sou eu.

Fui soldado, sentei praça
No regimento do amor ;
Como sentei por meu gosto
Não posso ser desertor.

Menina da saia branca,
Que fazes no teu quintal ?
— Estou lavando o meu lencinho,
Para o dia de Natal.

Antonico côr de mico,
Manoel côr de limão ;
Antonico nos meus braços,
Manoel no coração.

Mancebo, casae commigo,
Sou fiadeira da roca :
Sete semanas e meia
Fio meia maçaroca.

Se eu soubesse quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Não te dava o coração
Para tão cedo soffrer.

Eu vi o sabiá cantando
No galho da pitangueira,
Digo adeus á prima Chica,
Que não é qualquer asneira.

Já tive dias felizes,
Zombando da sorte austera;
Perdi os mimos que gozei,
Já não sou quem d'antes era.

Estrella que no céo gira
Não tem brilho, não tem luz,
Como esses olhos, menina,
Meu martyrio, minha cruz.

Principiei a amar de pé
Ao depois fui agachado,
Fui ao depois de gatinhas,
Afinal fui apanhado.

Ingrata, eu bem te dizia
Que isto havia de ter fim!
Olha como sahiu certo!
Já te esqueceste de mim...

Eu sou general de amor,
Que atacando a fortaleza,
Ou hei de morrer na empreza
Ou chamar-me vencedor.

Eu vou dar a despedida
A toda a gente que fica,
Adeus, queridas e ingratas,
Lembranças á prima Annica.

Picapáo do matto grosso,
Tem catinga no sovaco,
De dia pica no páo,
De noite no seu buraco.

Cupido subiu ao throno,
Descalço, pisando em flôres,
Dizendo: viva quem ama,
Morra quem não tem amôres.

Eu fui soldado dragão
Do bigode retorcido,
Onde assento a minha espada
Deixo golpe conhecido.

Lá vae um semblante airoso
Correndo pelas coxilhas,
Se despedindo de um laço,
Com quatro, cinco rodilhas.

Coração de pedra dura
Como pedra de amolar,
A pedra no fogo abranda,
Tu não queres abrandar.

Coração, arriba, arriba,
Onde não puder, descança,
Que não ha maior allivio
Que seja de uma esperança.

O meu coração te dei,
A outra não posso dar,
Que serei teu eternamente,
E' o que te posso affirmar.

Tanto bem que eu te queria,
Olha o pago que me deste;
Só quem não tem coração
Faz o que tu me fizeste.

Triste vida de quem vive
Rolando cantos alheios,
Come e dorme aos bocadinhos,
Bebe e ama com receios.

Tudo que nasce no mundo
Tem seu fim particular:
Tudo nasce com destino,
Eu nasci para te amar.

Eu fui aquelle que estive
Detraz do lirio assentado,
Chorando lagrimas tristes,
Como que se vê deixado.

Eu te vi e tu me viste,
Tu me amaste, e eu te amei;
Qual de nós amou primeiro
Nem tu sabes, nem eu sei.

Adeus, delicias dos olhos,
Infinito coração;
Encosta-te no meu peito,
Vê se sou leal ou não.

Eu sempre te fui leal,
Sempre te guardei respeito;
Morro por tuas feições,
Acabo por ti sujeito.

Acabo por ti sujeito,
Morro por tua feição;
Tenho uma dôr no meu peito,
Que me chega ao coração.

Que me chega ao coração,
Uma dôr de sentimento,
São saudades que eu padeço,
De não te ver ha tanto tempo.

De não te ver ha tanto tempo
Esta culpa não é minha,
De não viver na presença
De tuas vistas, menina.

De tuas vistas, menina,
Nunca hei de me ausentar,
Ninguem me falle em ausencia,
Que meu allivio é chorar.

O meu allivio é chorar
Por um amor tão amante,
Agora ha de me dizer
De quem foste tão constante?

De quem foste tão constante.
Pois quem foi que te ensinou,
Sendo elle tão letrado
A esses pontos não chegou.

Para ti me vou chegando,
Conhecendo o teu amor;
Adeus, delicias dos sonhos,
Adeus, delicada flor.

Laranjeira ao pé da porta,
Na cama me vai o cheiro,
Tanta moeinha bonita
Para mim que sou solteiro.

Alecrim na beira d'agua,
Mangerona d'outro lado,
Pensas que por ti eu morro,
Cara de sapo rachado.

Amanhã eu vou-me embora,
Ha de ser se Deus quizer,
Quem de mim tiver saudades
Guarde para quando eu vier.

Meu amor, canastra velha,
Cesto, samburá sem fundo,
Eu bem quero, mas não posso
Tapar a bocca do mundo.

Eu sou aquelle tunante
Do mundo bem conhecido,
Que tirei uma madama
Dos braços de um presumido,

Noite escura tenebrosa
Não temas de me fallar,
Quem ama não teme a morte,
Quem teme não sabe amar.

Tico-tico depennado,
Sapecado por Angola,
Inda bem não sabe lêr,
E já quer ser mestre-escola.

Tico-tico rasteirinho
Tira o galho do caminho,
Que a noite quero passar,
Tenho medo dos espinhos.

O tutú cahiu na roça
Pelo cheiro da banana
Tambem eu quero cahir
Nos braços de Dona Anna.

Amo-te como presente
Em longa separaçãe
Acharás teu nome escripto
Dentro do meu coração.

Meu ceração é mudo
Não falla nem appaaece,
Se meu coração fallasse
Diria por quem padece.

Hei de fazer um relogio
De um gallinho de poejo,
Para contar os minutos
Do tempo que não te vejo.

Eu plantei e semeei
Carrapixo na estrada,
Isto é o que não custa ver
Gente feita e malcriada.

Fui ao matto cortar lehha
Finquei um espinho no pé,
Amarrei com fita verde,
Os cabellos do José.

Menina da saia branca,
Vestido da mesma côr.
Quem não ama militar
Não sabe o que é ter amor.

Cravo não bole com a rosa
Que está quieta na roseira;
Não sabes que é peccado
Mexer com moça solteira?

Cigarrinho de papel,
Fumo verde não fumega,
Quando vejo moça bonita
Meu coração não socega.

Triste de mim solteirinho,
Passo esta vida a pensar;
Eu bem quero, mas não posso,
Não posso deixar de amar.

Quem quizer brigar commigo,
Traga facas e facão,
Eu tambem sou pequenino,
Tenho grande coração.

Nas ondas do mar se criam
Os peixes que nadam bem,
Eu tambem estou me criando
Para regalo de alguem.

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal augmenta,
Eu canto para disfarçar
Uma dôr que me atormenta.

Amarrei o sol á lua
Com a fita da verdade,
Para arriscar minha vida
Por te fazer a vontade.

Quanto não era melhor
Achar-se a rosa em botão,
Do que vêr-se agora a triste
Desfolhada pelo chão!

O tatú subiu a serra
No seu cavallo lazão,
Com laço e bolas nos tentos
Repassando um redomão.

O tatú do rabo molle
Faz guisado sem gordura,
Elle é gostoso e feio,
O que lhe falta é formosura.

—Chimarrita, mulher velha,
Quem te trouxe lá do Rio?
«Foi um velho marinheiro,
Na prôa do seu navio.

Vou cantar a Chimarrita,
Que hoje ainda eu não cantei,
Deus lhe dê as boas noites
Que hoje ainda não lhe dei.

Deixe-me cantar bem alto
P'ra acordar a visinhança,
P'ra ver se aquella ingrata
Ainda me traz na lembrança.

Não tenho medo de homem,
Nem do ronco que elle tem;
O bezouro tambem ronca,
Vai-se vêr, não é ninguem.

Quem me dera estar agora
Onde está meu coração,
Lá no campo da saudade,
Onde meus suspiros vão.

Menina, minha menina,
Como está tão bonitinha,
No reino do céo esteja
Sua mãi, sua madrinha.

Eu vou dar a despedida
Como deu Christo em Belem,
Meus senhores e senhoras,
Até para o anno que vem.

Minha viola está dizendo
Que a prima está com uma dôr,
Minha gente, venha vèr
A fama do cantador.

Dormindo estava sonhando
Uma conversa de louco,
Abraçado com uma pedra,
E as boquinhas com um touco.

No avoar de uma pomba
La por cima de uma rama,
Ella voando me disse:
Muito padece quem ama!

E's, morena, o sol brilhante
Que antes meus olhos se some;
Minhas lagrimas — o orvalho
Que em pranto se consome.

Não sei se vá ou se fique,
Não sei se fique ou se vá;
Indo lá não fico aqui,
Ficando aqui não vou lá.

Tantas laranjas muduras
Por esse caminho fóra,
Tantas mocinhas bonitas,
Minha mãi sem uma nóra!

Dizem que ciumes matam,
Ciumes não matam, não;
Pois se ciumes matassem
Estava eu morto de paixão.

Já lá vai o sol entrando
Por detraz d'aquelle monte,
E a noite doces orvalhos
Vem derramando na fonte.

Adeus, Queromana ingrata,
Qu'inda te pretendo vêr
Abrazada de saudade,
Ninguem hade te valer.

Minha gallinha pintada,
E meu gallo carijó,
Se a minha gallinha é boa,
O meu gallo inda é *mió.*

Minha mãe mandou-me á escóla
Aprender o b-a-ba,
Minha mestra me ensinou
O lundú do *marruá.*

Senhor Néco, vá-se embora,
Não se metta a capadocio,
Vá tratar do parelheiro
Que fará melhor negocio.

Andorinha do coqueiro
Dá-me novas do meu bem,
Dize-me se é vivo, se é morto
Ou vive em braços de alguem.

O tatú foi encontrado
No passo de Sam Sepé,
Com bolas e laço aos tentos
Atraz de um boi jaguané.

Acuda, tatú, acuda,
Acuda se não eu morro,
Venho todo lastimado
De dentadas de cachorro.

Este mundo é todo enganos,
N'elle vamos engolfados ;
Rompem-se sedas e panos,
Ficão ossos esburgados.

Pescador que andas pescando
Lá para as bandas do sul,
Pescador, vê se me pescas
A moça do lenço azul.

Já lá vae o sol entrando
Na ponta de um guardanapo,
Quem tem seu amor defronte
Disfarça a tomar tabaco.

Adeus, Coritiba triste,
Alegres Campos Geraes,
Eu sou aquelle que disse
Que a Sam Paulo não vou mais.

Esta noite fui a um baile,
Um poeta me tirou;
Me chamou de lirio branco,
De açucena me tratou.

Dancem, dancem, minha gente,
Que uma noite não é nada;
Se não dormires agora,
Dormirás de madrugada.

Minha gallinha pintada,
Meu gallo *suro rabão*,
Vou tirar minha gallinha
Das unhas de um gavião.

Carurú arrenegado
Toda a noite me tentou,
Quando foi de madrugada
Foi-se embora, me deixou.

A viola sem a prima,
A prima sem o bordão
Parece filho sem pai,
Corrido do seu irmão.

Minha mãe chama-se Rosa,
Eu sou filho de roseira,
Não posso deixar de amar
Uma flôr que tanto cheira.

Vou fazer uma saude
Pela folhinha do caêté,
Viva o senhor Antonico
E mais a sua mulher.

Meu pae é um caco velho
Tocador de marimbáo,
Minha mãe é uma coruja,
Móra n'um ôco de páo.

Vou cantar gallinha morta
Que um amigo me pediu,
Eu não quero que elle diga;
« Ingrato, não me serviu. »

Carangueijo não é peixe,
Carangueijo peixe é,
Se não fosse o carangueijo
Não se dansava em Bagé.

A pulga me deu um tapa,
Um piolho um bofetão,
Depois foram se gabar
Que me botaram no chão.

Viva o noivo, viva a noiva,
Viva o tronco que os gerou,
Viva o padrinho e a madrinha,
Viva o padre que os casou.

Eu vou dar a despedida
Como dou o quero-quero,
Depois da festa acabada:
«Pernas para que te quero.»

Cravo-goivo, amor-perfeito
Mettidos em almofada;
No dia em que te não vejo
Não como, não faço nada.

Andorinha, tico-tico,
Saracura, sabiá,
Passarinho bico verde,
Meu bemzinho aqui está.

Ainda que teu pai não queira,
Tua mãe diga que não,
Tu querendo e eu querendo
Isto está em nossa mão.

Ha tres cousas n'este mundo
Que me faz arrenegar:
Noite escura, mulher velha,
Cachorrada no quintal.

Estes teus olhos, menina,
São varinhas de justiça,
São olhos que me prenderam
Logo da primeira vista.

Sereno da madrugada
Cahiu no talo da couve,
Quem me dera que eu cahisse
Nos braços de quem me ouve!

Chorando tomei amores,
Chorando amores tomei,
Chorando tu me mataste,
Chorando morto fiquei.

Oh que olhos de menina,
Oh que menina de olhos!
Estes teus olhos, menina,
São menina dos meus olhos.

Tristes ais, negras saudades,
Não me mates de repente,
Que para matar só basta
O meu bem viver ausente.

Vi o teu rasto na arêa,
E puz-me a considerar,
Que lindo será teu corpo,
Que teu rasto faz chamar.

A maré que enche e vasa,
Deixa a praia descoberta,
Vão uns amores, vem outros,
Não se dá cousa mais certa.

Lá do céo cahiu um cravo,
De tão alto desfolhou,
Quem quizer casar commigo,
Falle com quem me criou.

Juraste, jurei, juramos,
Juramos, jurei, juraste,
Quebraste, quebrei, quebramos,
Quebramos, quebrei, quebraste.

Esta noite fiz um furto,
Queira Deus me perdoar,
Roubei a filha do velho,
Pelo fundo do quintal.

O tatú subiu a serra
Com tenção de beber vinho,
Apertaram a garganta,
Vomitou pelo focinho.

Lá detraz d'aquelle cêrro
Tem um sino sem badalo;
Já me dóe esta cabeça
De ensinar este cavallo.

Tyranna, feliz tyranna,
Tyranna, que eu vi, eu vi
Na cabeça d'um bom velho,
Um ninho de bem-te-vi.

Lá detraz d'aquelle cêrro
Tem um pé de carrapicho,
Eu já botei as cangalhas,
Agora falta o rabicho.

Lá detraz d'quelle cêrro
Tem um pé de pimenteira,
Para botar na bocca
De quem fôr mexeriqueira.

Vou principiar meus versos
Com voz bem linda cantando,
Para que os circumstantes
Não passem a noite chorando.

Menina, diz-me o teu nome
E tambem tua morada;
Eu tenho um cavallo gordo,
Um galope não é nada.

Quem me dera ter agora
Um cavallinho de vento,
Para dar um galopinho
Aonde 'stá meu pensamento.

O amarello desbota,
O azul não perde a côr;
Se me perderes da vista,
Não me percas do amor.

Acordei antes da aurora
Dando suspiros por ti,
Suspirei o dia inteiro,
Suspirando adormeci.

Menina dos olhos grandes,
Não olhes p'ra mim chorando;
Tu pensas que eu não te quero,
E eu já te estou namorando.

Vinde cá minha bem-feita,
Corpo de fita lavrada,
Cinturinha de mesura,
Corpinho de marmelada.

Plantei o rôxo dentro d'agua,
O azul na beiradinha;
Se pegar, minha fortuna,
Se morrer, desgraça minha.

A pombinha com o pé n'agua
Póde estar quarenta dias,
Um amor longe de outro
Não póde estar nem um dia.

Puz-me a pesar as pedrinhas
No deserto em que vivi,
Mais pesavam as minhas penas
De que quantas pedras eu vi.

Lá no cume da tristeza
No centro da soledade,
Nutriu-se o meu coração
Soffrendo a dôr da saudade.

As moças de Taquary
Usam uma tal saia-balão ;
Cousa feia, amigo Juca,
Por Deus e um patacão.

Menina, minha menina,
Põe a mão nas sobrancelhas,
Que do céo te estão cahindo
Rosas brancas e vermelhas.

Menina, minha menina,
Gósto muito de teu serio,
Parece que recebeste
A corôa do Imperio.

A lua sahiu bem clara,
Entre nuvens se escondeu,
Não póde encontrar ventura
Quem sem ventura nasceu.

Costa de Camaquam,
Costa de sinceridade,
Onde vão filhos alheios
Padecer tanta saudade.

Quero, mana, quero, mana,
Quero, mana, estou querendo
Um pedacinho de panno
Para botar um remendo.

O tatú foi encontrado
No cêrro de Batovy,
Com seus lacinhos nos tentos;
Ninguem me contou, eu vi.

Bemzinho, te vou contar
No domingo em que te vi,
Fiquei todo embellezado,
Das prendas que vi em ti.

Na segunda eu aprompteí-me
Para te ir visitar:
Logo que vi o teu rosto
Fiquei louco por te amar.

Na terça por todo o dia
Para mim tudo era flôr,
Só pensando em ir gozar
Delicias de teu amor.

Quarta-feira destinei
Continuar nossa amizade,
Se assim fosse de teu gosto,
Como é de minha vontade.

Na quinta fallei a teu pae:
Disse-me elle que cedia;
Só me restava saber
Se o meu amor me queria.

Mandei fallar a tua mãe;
Foi dia de sexta-feira:
Ella me disse que sim,
Que não te tinha p'ra freira.

Sabbado, não te arrependas
Dos filhos que havemos ter;
Ou com elles, ou sem elles,
Juntos temos de viver.

No domingo veja os moços;
Olha bem para a feição,
E depois não te arrependas,
Vidinha do coração.

A folha da laranjeira
De noite parece prata;
Tomar amores não custa,
A separação é que mata.

Sentei-me a chorar saudades
Debaixo de um pecegueiro,
Veiu uma flôr e me disse:
Chora bem teu captiveiro.

De Minas Geraes—o ouro,
De Montevidéo—a prata,
De Portugal—a rainha,
Do Rio Grande—a mulata.

Bode do cabello grande
Merece ser penteado,
Com pente de cinco pernas,
Para não ser confiado.

— Minha laranjeira verde,
De que estás tão desfolhada?
« Foi do vento d'esta noite,
Sereno da madrugada.

Adeus, campo, e adeus, matto,
Adeus, casa aonde morei;
Já que é forçoso partir,
Algum dia te verei.

Quando vejo o encarnado
Me lembra do regimento,
Minha espada, minha lança,
Meu soldo, meu fardamento.

Dentro do meu peito tinha
Duas pombas se criando,
Uma voou e foi-se embora,
Outra ficou me matando.

Lá d'outro lado do rio
Está uma rosa por se abrir;
Quem me dera ser sereno,
Para na rosa cahir!

Limoeiro é páo de espinho
D'onde nasce a penitencia,
No meu peito acharás
Dobrada condescendencia.

Minha menina bonita,
Um gavião quer te comer;
A rigor de polvora e chumbo
O gavião ha de morrer.

Eu não canto por cantar,
Nem por ser bom cantador,
Canto por matar saudades
Que tenho de meu amor.

Eu vi a morte pescando
De caniço e samburá;
Quando a morte pesca peixe,
Que fome não ha por lá!

Fui ao mar buscar laranjas,
Fructa que no mar não tem;
Vim de lá todo molhado
Das ondas que vão e vem.

E's branca como o jasmim,
Colorada como a rosa;
Se tu me amares sempre,
Dou-te terneira barrosa.

Por menor cousa por vezes
Perde um qualquer o tino,
Por isso ás vezes me sinto
Como aspa de boi brazino.

A mão lhe quiz apertar
Estirando bem o braço,
Caramba ! que estava longe
N'um comprimento de laço.

Pardo forro sem governo,
Senhor das minhas acções ;
Sei amar gratuitamente
E punir ingratidões.

Quando eu vim para este baile
Trouxe uma estrella de guia,
Porque sabia que estava
A prenda que eu mais queria.

Antonico, caro irmão,
Vou contar-te, meu amigo,
A triste vida que passo,
Sem afago e sem abrigo.

Rebenqueado da saudade
E esporeado da fortuna,
Para que tanto penar
Se vida tenho só uma?

De meus trastes que ficarem
Te reservo umas chilenas,
Que o bagual repiniquei
Na frente de umas morenas.

Minhas bolas, o meu laço,
Meu rebenque e tirador,
Destino áquelle que fôr
Bem gaúcho pealador.

Na sepultura me ponhas
Um letreiro colorado,
Para que o mundo leia :
«Aqui jaz um desgraçado».

Enhá-tuca com siá Anninha,
Qual d'ellas mais bizarrona,
Lá estão na camarinha,
Sentadas n'uma carona.

Tem na cabeça Enhá-tuca
Um bizarro ramalhete,
E prega botões de ouro
Em fino e lindo collete.

Ao lado de Enhá-Gertrudes
Está siá Anninha mui pimpona;
Dizei-me, amigo Manduca
Qual dellas mais bizarrona?

Aqui cheguei, caro Chico,
Da marcha um pouco delgado,
Mas os pastos da cidade
Já me tem embarrigado.

Ha bom encosto e abrigo,
E mui regular aguada;
Para um homem da cochilha,
P'ra que melhor invernada?

A saudade me constrange
E me mata sem querer;
Esse teu peito, menina,
O meu tumulo hade ser.

Viuvinha, viuvinha,
Eu quero ser teu marido;
Pois tu és tão bonitinha,
Que por ti ando perdido

Amanhã vou galopar
O meu velho redomão,
Para passar gaúchando
Na porta do meu coração.

Adeus, centro da belleza
Minha delicada flor,
Quando me verei comtigo,
Prenda de tanto valor!

Adeus, centro da belleza,
Espelho aonde eu me via;
Se a fortuna me ajudar,
Te heide buscar algum dia.

Está chovendo, quer chover,
Onde nos abrigaremos?
Na sombra desses teus olhos,
Que rico abrigo teremos.

Lá dentro desse teu peito
Eu desejava morar,
Não estorvando a quem móra,
Dize-me se tem logar.

Os olhos do meu bemzinho
Andam em leilão na praça;
Não ha dinheiro que pague
Uns olhos de tanta graça.

Por te querer tanto bem
Deus me hade castigar,
Por te trazer no meu peito,
No mais mimoso logar.

Com o prado, com as flôres
Comparo minha ventura,
O prado porque floresce,
A flôr porque pouco dura.

Fui soldado e sentei praça,
Mas não foi na infanteria,
No segundo regimento,
Na primeira companhia.

Dôr de dentes n'uma unha,
Dôr de barriga n'um braço.
Dôr de cabeça na orelha,
Que me atormenta o cachaço.

De sete irmãos que tive
Fui eu o mais desgraçado;
Sete annos de cadêa,
Agora vou degredado.

Minha mãe, minha mãesinha,
Lançai-me a vossa benção,
Que já sigo barra fóra
Na primeira embarcação.

Tico-tico no terreiro,
Quando chove não se molha,
Onde ha moça solteira
P'ra as casadas não se olha.

As moças de Porto Alegre
São lindas e dançam bem,
Vestidos todos rendados,
Pés pequenos ellas tem.

A vinte e cinco de maio,
No passo de Inhanduhy,
Camelo virou capincho.
Ninguem me contou, eu vi.

Alfinetes são ciumes,
Agulhas variedade,
As mulheres são como a cobra,
Bicho de toda a maldade.

Uma ausencia me retira,
Uma saudade me mata,
Uma pena me atormenta,
Uma dôr é que me mata.

Hontem vi uma menina
A correr desesperada,
Fui-lhe logo ao encontro,
Era ella a minha amada.

Se o padre santo soubesse
O gosto que o fado tem,
Deixava de santidade
P'ra dançar fado tambem.

Meu lacinho é de correntes
E as correntes são de prata,
Minhas bolas de metal,
Onde batem logo mata.

Antonico, pé de mico,
Manuel, pé de macaco,
Antonico, pica fumo,
Manuel, toma tabaco.

Quando vires a tarde triste
E a noite para chover,
São lagrimas de meus olhos
Que correm por não te ver.

O tatú subiu a serra
P'ra serrar seu taboado,
Com a sua mala de farinha
E com sua pipa de melado.

Eu venho do dá e toma
E vou para o toma e dá;
Nunca vi dá cá sem toma,
Nem toma lá sem dá cá.

Os teus olhos mais os meus
Ambos tem um parecer,
Mas os teus tem um geitinho
Que bota os meus a perder.

Não sei que têm os meus olhos
Quando olham para ti,
Acham nos teus um geitinho
Que nos outros nunca vi.

Eu quero dar um conselho
A quem o quizer tomar;
Quem qnizer viver no muudo
Hade ouvir, ver e calar.

O amor entra pelos olhos,
Vae ao peito direitinho,
Se não acha resistencia
Vai seguindo o seu caminho.

O amor é cégo e não vê,
Pisa como um passarinho,
Fura aqui, fura acolá,
Vae seguindo o seu caminho.

Quem espera desespera,
Quem espera sempre alcança;
Não ha maior allivio
Que viver na esperança.

Solteirinha, não te cases,
Goza tua boa vida,
Que eu já vi uma casada
Chorando de arrependida.

Você diz que não me quer,
Diga-me a razão porque?
Você diz que eu que sou pobre,
Que riqueza tem você?

Eu não quero tomar mate,
Quando os ricos estão tomando;
Quando chegam a dar aos pobres,
Os páosinhos estão nadando.

Quer o rico, quer o pobre,
Todos tem seu amorsinho;
O rico com seu dinheiro,
O pobre com seu carinho.

Meu coração de babosa,
Baba aqui, baba acolá,
O meu coração palpita,
Faz lá dentro: tá, tá, tá.

Já fui gallo, já cantei,
Já fui senhor do poleiro;
Mas hoje sou desprezado
Que nem cisco no terreiro.

— Maria batem na porta,
Corre lá, vai ver quem é!
« As pisadas são de homem
Mas a falla é de mulher.

Curitiba, minha terra,
Terra onde eu me criei ;
Não foi por falta do amores
Que eu de lá me retirei.

Eu como cravo me abro,
Tu como rosa te fechas,
Eu como amante te busco,
Tu como ingrata me deixas.

Cajueiro, cajueiro,
Quem te botará no chão?
Debaixo das tuas ramas
Foi a minha perdição.

Marréquinha da lagôa,
Patury do Passo Fundo,
Como queres que eu te ame
Se tu és de todo o mnudo?

Meu amor é trigueirinho,
Todo queimado do sol,
Assim mesmo é que eu quero :
Qnarto mais preto melhor.

Jâ te quiz e já te não quiz,
Já te perdi a affeição,
Já te varro com a vassoura
Que varri o triste chão.

A tyranna é mulher brava
Que móra no Faxinal,
Socando sua cangica
Comendo feijão sem sal.

Andorinha do coqueiro
Dá-me novas do meu bem,
Os meus olhos estão cançados
De esperar por quem não vem.

Na minha horta plantei
Sementes de marianna,
Nasceram cravos e rosas
Uma angelica côr de cana.

Senhora, minha senhora,
Corra a mão no seu cabello,
Que do céo estão cahindo
Pinguinhos d'agua de cheiro.

Eu tomei amor ao longe.
Por ser a linha mais forte,
Rebentou-se a linha ao meio,
Triste de quem não tem sorte.

Eu amei, fui infeliz,
Eu jurei de não amar;
Os teus olhos me fizeram
Meu juramento quebrar.

Cravo roxo, sentimento,
Dentro de minha almofada,
O dia que te não vejo
Não coso, não faço nada.

Tudo que é verde no mundo
Heide mandar queimar,
Pois o verde é esperança,
Estou cansada de esperar

Péga lá meu coração,
Vinga nelle os meus delictos,
Crava-lhe um punhal agudo,
Não te embaracem meus gritos.

O meu nome é amar-te,
Por sobre-nome querer-te,
Por appellido adorar-te,
Por alcunha merecer-te.

Vinde cá, meu cravo d'ouro,
Minha semente de prata,
A tua vista me alegra,
O teu retiro me mata.

Vinde cá, meu cravo d'ouro,
Minha papoula da India,
Eu te quero perguntar
Se me queres bem ainda.

Os dous grilhões de amor
Por pesados não me assusta,
Temo d'elles porque sei
Prisão de amor quanto custa.

Folguei quando foi forjado
Grilhões para me prender,
Agora quero quebral-os,
E' tarde, não póde ser.

Alerta, pombinha branca,
Que ha caçador na terra
Com espingarda de ouro,
Onde faz ponto nãe erra.

Caçador pr'a me caçar
Hade ser bom caçador,
Hade ter olhos de prata,
Mão de bom atirador.

Adeus, fontes, adeus, rios,
Adeus, pedras de lavar;
Olhos que me viram ir
Quando me verão voltar?

D'aquellas tardes alegres,
D'aquellas noites serenas
Que eu te tive nos meus braços
Hoje me servem de penas.

Rei nasceu para seu throno,
Os peixinhos para o mar,
Eu tambem nasci no mundo
Sómente para te amar.

Nas ondas do mar se cria
Rei dos peixes nadadores.
No mundo tambem se criam
Olhos pretos matadores.

Vou-me embora, tenho pressa,
Tenho muito que fazer;
Tenho que parar rodeio
No peito do bem-querer.

Cachorrinho está latindo
Lá no fundo do quintal;
Calla a bocca, cachorrinho,
Deixa meu amor chegar!

Desafôro do passarinho,
Onde foi fazer o ninho,
Na mais alta laranjeira,
No derradeiro gallinho.

Vou-me embora d'esta terra,
Não é por matar ninguem,
Por causa de um mexerico,
Desaparta um querer-bem.

O ferro e a ferrugem
O tempo tudo consomme,
Só não posso cosummir
A lembrança do teu nome.

O vento que veiu hoje
Levou palha e deixou trigo,
Eu te quero perguntar
Se essa carranca é commigo.

Esta casa está bem feita
Por dentro, por fóra não,
Por dentro cravos e rosas,
Por fóra manjericão.

Justos céos, oh! que gloria,
Já zombei do amor um dia,
Já quebrei, fiz em pedaços
O grilhão que me prendia.

Menina, minha menina,
Vocemecê m'a fez bôa,
Fez-me dormir no sereno,
Como o sapo na lagôa.

Eu amei uma casada,
Me puz a considerar:
Por mim deixa o seu marido,
Por outro me ha-de deixar.

Minha mãe, me dê a chave,
Quero apanhar nove rosas:
Tres brancas, tres encarnadas,
Tres amarellas cheirosas.

Ai Jesus, cortei um dedo,
Ai Jesus, está bem cortado;
Com o sangue bordei um lenço,
Ai Jesus, está bem bordado.

Amor de perto querido
De longe mais estimado;
De perto me causa pena,
De longe pena e cuidado.

Mas antes nunca te visse,
Te visse e não te quizesse,
Trabalhos não passaria,
Se de ti nunca soubesse.

Heide me pôr a cantar,
Já que chorando nasci,
Para vêr se recupero
O que chorando perdi.

Quando eu era gallo novo
Comia milho na mão,
Hoje que sou gallo velho
Bato com o bico no chão.

Ando roto, esfrangalhado,
E' meu gosto andar assim;
Ando cumprindo o meu fado,
Ninguem tenha dó de mim.

Se tu te vaes e me deixas,
Saudades de mim não tem,
Não confesses que me amas,
Nem digas que me queres bem.

Se a sorte me der outro
Heide-o amar por dever;
Mas a ti, por sympathia,
Heide amar até morrer.

No logar aonde habitas
Na tua tranquillidade,
Não te lembras que por ti
Estou morrendo de saudade.

O meu talento insulta
Essa tua tyrannia;
Meu coração teve a culpa
De amar-te com demasia.

Sobrancelhas de retroz,
Olhos de viva alegria,
Vê o pago que tu déste
A quem tanto te queria!

Nas ondas do mar tem limo,
Debaixo do limo o peixe;
Emquanto o mundo fôr mundo,
Estás bem livre que te deixe.

Trago meu peito ferido,
Corre sangue em borbotão,
Firmeza, minha firmeza,
Contra tua ingratidão.

Quando comecei a amar
Botei sortes á ventura,
Quando me quiz retirar
Já meu mal não tinha cura.

Sou firme, dos firmes firme,
Sou firme, não te engano;
Como não heide ser firme
Se por meu gosto te amo?

Não boteis o papel n'agua,
Que molhado vai ao fundo,
Triste da moça solteira
Que cae na bocca do mundo!

De joelhos cahi n'agua,
De joelhos fui ao fundo,
De joelhos ando penando
Meu bemzinho, n'este mundo.

Esse teu cabello louro
Que me traz em confusão,
E' a corrente terrivel
Que prendeu meu coração.

Despe teu mimoso peito,
Cheio de ferreo desdem;
Ingrata, ouve os gemidos,
Espera por mim tambem.

Vinde cá, meu limão doce,
Saboroso no comer,
Não descubras meu segredo
Que só a ti dei a saber.

N'esse teu coração terno
Amor e união tem,
Podésse eu firme adorar
Só a ti, a mais ninguem.

Tens o cabello preto,
Que agora reparei,
Se já tivesse reparado
Não amava quem amei.

Oh! bella, porque me matas
E a vida me estaes dando?
Se tens de ser meu amor
Não andes vira-virando.

Lá se vae pelo mar fóra
Meu lindo ramalhete,
De saudades já não posso
Apertar o meu collete.

Sois a flor mais delicada
Que creou a natureza,
Sois mais linda do que a rosa,
Que brilha com mais grandeza.

Aguas claras correntias
Correm por baixo do chão,
Por ditoso me daria
Beber agua de tua mão.

Vou-me embora, tenho pressa,
Tenho rosas que apanhar,
O meu amor é muito rico,
Não quero mais trabalhar.

Eu não sou cêpo de páo
Nem raiz de canelleira,
Sou brinquinho das casadas
E ramalhete das solteiras.

Moça bonita é veneno,
Mata tudo o que é vivente,
Embebéda as creaturas,
Tira a vergonha da gente.

O limão tira o fastio,
Só eu por vêr não o tenho,
Se tu por mim fazes gosto
Eu por ti maior empenho.

Nunca te esqueças de mim
Na tua mais longa ausencia,
Pois eu jurei de te amar
Durante minha existencia.

Casar com mulher papuda
Que desgraça não será !...
Quando fôr deitar na cama
Que de roncos não dará !

Eu era o que te dizia
Tu eras que duvidavas,
Que no fim do nosso amor
Tu eras quem me deixavas.

Tenho o meu cavallo baio,
Creoulo de Jaguarão,
Para vêr as mulatinhas
No serro dos Tres Irmãos.

Muitos que não me conhecem,
Indaguem, perguntem bem,
E me emtreguem amizade.
Que empempregar-lhes-heibam

Quem quizer que eu cante bem
Dê-me um mate de cangonha,
Para limpar este peito,
Que está cheio de vergonha.

Você me chamou de feio;
Sou feio mas sou dengoso:
Tambem o tempero verde
No comer é saboroso.

Dois corações unidos,
Ligados pela paixão,
Suspiram, lamentem, choram
A cruel separação.

Dos filhos que o meu pae teve,
Eu fui o mais destemido;
Para amar moça bonita
Eu fui o mais presumido.

Um talento sem allivio
Sem nunca poder descançar;
Distancia de quatro leguas
Ainda ouvi um gallo cantar.

Meu modo de andar alegre
Deus me deu por natureza,
Já não é porque eu não sinto
No meu coração tristeza.

Borboleta còr de canna,
Encosta-te no rosto meu;
Aqui está quem te venera,
Quem morre por ti sou eu.

Estrella do céo brilhante,
Secretária do meu peito,
Digo a Deus e a todo mundo
Que morro por teu respeito.

Se eu morrer com minha falla,
Com o meu juizo perfeito,
Hei de pedir que me enterrem
No jardim d'este teu peito.

De qualquer pocinho d'agua
Deus póde fazer um peixe;
Emquanto o mundo fôr mundo
E' impossivel que eu te deixe.

No rio nadam os peixes,
Nos mares o camarão,
No centro d'este teu peito
Navega o meu coração.

Eu vi a gallinha morta,
A mesa já estava posta,
Chegue, chegue, minha gente,
Que a gallinha é p'ra quem gosta.

Dentro de meu peito ha
Um cantinho reservado;
Este não dou a ninguem,
Só para ti tenho guardado.

Dentro do meu peito ha
Um cravo rôxo-dourado;
Este não dou a ninguem,
Só para ti tenho guardado.

Na astucia e no querer
E' inutil o rigor,
Porque tem maior poder
A mocidade e o amor.

Me disseste que eras firme
Como a palmeira no sertão,
Se ella fosse bem firme,
Não tremia até o chão.

A pedra que muito róla,
Limo nunca ella tem,
Não sei que tem minha vida
Que já não me quer mais bem.

Eu não sou filho d'aqui
Sou o filho lá de fóra;
Vim só ganhar dinheiro,
Acabando vou-me embora.

Você diz que me quer bem,
Que me traz dentro do peito,
Isso sim, não acredito,
Quem quer bem, tem outro geito.

O azul é côr do céo
Para quem descanso tem;
Que descanso posso eu ter
Estando ausente do meu bem?

Muitas estrellas no céo,
Muitas areias no chão,
Os olhos da minha querida
Me ferem o coração.

Puro amor e sympathia
Dominou meu coração.
Receiando no futuro
Receber ingratidão.

Por sympathia te amei,
Com amor heide adorar-te,
Com extremo heide querer-te,
Juro mais nunca deixar-te.

Heide nm raminho offertar-te
Em paga do que me déste,
Só n'elle haverá saudades,
Chaga, martyrio ou cypreste.

Como queres que te ame?
Cemo amante verdadeiro?
Só que tires do sentido
O que amaste primeiro.

O que eu amei primeiro
Do sentido já tirei,
Era amante mui forçado
Por teu respeito deixei.

Dá-me de tua parra um figo,
Uva de tua figueira,
De teu peral uma rosa,
De teu rosal uma pera·

Não tenho mais que te dar,
D'este jardim do meu peito,
Só se fôr a flôr generosa
Chamada amor-perfeito.

Chimarrita e chimarrita,
Chimarrita do sertão,
Vae casar a sua filha,
Deu de dote um patacão.

As saudades te persigam
Como a mim tem perseguido,
Só me falta morrer por ti
Ou perder o meu sentido.

Quem raiva de mim tiver,
Grande paixão hade ter.
Ha de ladrar como um cão,
Não me ha de poder morder.

A pitanga é fructa dôce,
E mais dôce é o araçá,
Quem quizer casar commigo
Ha de viver n'um *fubá*.

O cravo tambem se muda
Do jardim para o deserto,
De longe tambem se ama
Quem não póde amar de perto.

Venho de lá tão longe,
De tão longe venho eu,
Renovar uma saudade
D'um amor que já foi meu.

Dentro do meu peito tenho
Uma dôr que me consomme,
Quando eu vou suspirar,
Da bocca me sae teu nome.

Aquelle mar está cercado
De garrafinhas de vidro,
Todos logram seus amores,
Só eu os trago no sentido.

Olhos pretos matadores,
Vós porque não confessaes
As mortes que tendes feito,
Os corações que roubaes?

Eu não sei minha firmeza
Para comtigo o que tem,
Só me pede o coração,
Amar-te e querer te bem.

Não tenho o que te offereça,
Senão puro affecto meu,
Não tenho bens da fortuna,
Mas que culpa tenho eu?

Saudade consummidora,
Eterna socia de amor,
Serás minha companheira,
Irás commigo onde eu fôr.

Se os meus suspiros podessem
A teus ouvidos chegar,
Verias que uma saudade,
E' bem capaz de matar.

Eu com as armas não venci,
Outro sem armas venceu,
Foi da sorte protegido,
Foi mais feliz do que eu.

Aguas claras correntias,
Da tua belleza nasce,
Eu seria criminoso,
Se te visse e não te amasse.

Alegres dias pássamos
Com tanta satisfação,
Mas hoje triste soffremos
Tão cruel separação.

Fallai-me d'onde estás
Prenda minha querida;
Estou de ti tão longe
Perto de acabar a vida.

Lá por cima d'aquelle cerro
Corre a agua de beber,
Ou mais codo ou mais tarne
Heide em teus braços morrer.

Cada vez que boto a vista
Lá para onde moraes,
Uma coisa me amofina
Saudades cada vez mais.

Póde o céo produzir flores
A terra estrellas crear.
Como póde meu coração
Ser vivente sem te amar?

QUARTA SERIE

ORAÇÕES E PARLENDAS

Origens : do portuguez e do mestiço ; transformações pelo mestiço

A Nossa Senhora

(Rlo de Janeiro)

Levantei de madrugada
Fui varrer a Conceição,
Encontrei Nossa Senhora
Com ramo d'ouro na mão.
Eu lhe pedi um galhinho,
Ella me disse que não ;
Eu tornei a lhe pedir
Ella me deu seu cordão,
Um cordão de quatro voltas
Ao redor do coração.
Lá vae ella, lá vae ella
Por de traz d'aquella serra,
Com sua capa amarella,
Que lhe deu a Magdalena.
Magdalena escreveu
Uma carta a Jesus Christo,
O portador que a levou
Foi o padre S. Francisco.
Elle vae vestidinho,
Vestidinho de burel ;
Vai arreceber as chagas
Do divino Manoel.

A' Senhora da Apparecida (1)

(Rio de Janeiro)

Senhora da Apparecida,
Rainha do *ceu celeste*,
Pedi a vosso bento Filho
Que nos livre d'esta peste.

(1) Imagem celebre, que tem uma capella proxima á Guaretinguetá, em S. Paulo.

Vós sois rainha dos anjos,
Tambem sois dos peccadores;
Pedimos com piedade
Por estes nossos clamores.

Ahi vem a Virgem santa
Com dôres para parir;
Mandou chamar a visinha
Que lhe viesse acudir.

Se a visinha não vier,
Meu Deus, que será de mim?
Não vejo cama, nem gloria,
Nem quem se dôa de mim.

Vejo só um cruzeiro amado
Com um botão de rosa ao pé;
Onde os anjos vão cantar
Jesus Christo e Daniel.

Ahi vem a Virgem Maria
De noite pelo luar,
Procurando Jesus Christo
Sem o mais poder achar.

Vae encontrar com elle em Roma
Vestidinho n'um altar,
Um calix bento na mão,
Missa nova por cantar.

Quem esta oração rezar
Sexta-feira da Paixão,
Tira sua alma do inferno
E toda a sua geração.

Santissimo Sacramento,
Filho da Virgem Maria,
Guardae-me por esta noite
E amanhã por todo o dia.

Ao Anjo da Guarda

(Rio de Janeiro)

Anjo da Guarda
Bem-aventurado,
Comvôsco, meu Anjo,
Tenho-me pegado.
Quando eu fôr chamado
De Aquelle Senhor,
Ajudae, meu Anjo,
No céo a subir;
Subo com Jesus,
Limpo de peccado,
Se eu algum levar
Serei perdoado.
A's tres horas da tarde,
E ás dez do dia,
Nasceu Jesus
Da Virgem Maria.
A's tres horas da tarde
O sol escureceu,
Por pregar na cruz
O Filho de Deus.
A's tres horas da tarde
A terra tremeu,
O povo, tão duro,
Não se arrependeu.
Meu Anjo da Guarda,
Meu Jesus tambem,
Me levae á gloria
Para sempre. Amen!

Pelo signal

(Rio de Janeiro)

Pelo signal
Do bico real,
Comi toucinho,

Não me fez mal;
Se mais houvesse,
Mais comia;
Adeus, seu padre,
Até outro dia.

Oração contra a espinhela

Espinhela cahida,
Portas ao mar;
Arcas, espinhelas
Em teu logar.
Assim como Christo,
Senhor nosso, andou
Pelo mundo, arcas,
Espinhelas levantou.

Oração contra espinha na garganta

Homem bom,
Mulher má,
Casa varrida,
Esteira rota.
Senhor Sam Braz
Disse a seu moço,
Que subisse
Ou que descesse
A espinha do pescoço.

Oração contra o soluço

Doente: Que bebo?
Curandeiro: Agua de Christo,
Que é bom para isto.

Oração contra o cobreiro

— Pedro, que tendes?
« Senhor, cobreiro.
— Pedro, curae.
« Senhor, com que?
— Agua das fontes,
Herva dos montes.

Oração contra o argueiro no olho

Corre, corre, cavalleiro,
Vae na porta de S. Pedro
Dizer á Santa Luzia
Que me mande seu lencinho
Para tirar este argueiro.

Oração do banho

Nossa Senhora
Lavou seu filho
P'ra cheirar;
Eu me lavo
P'ra sarar.

Oração para antes de deitar

Sam Pedro disse missa,
Jesus Christo benzeu o altar;
Assim benzo minha cama
Onde venho me deitar.

Oração para amarrar as sezões

Deus te salve, laranjeira
Que te venho visitar;
Venho te pedir uma folha
Para nunca mais voltar.

Parlendas

— Papagaio real
Para Portugal.
Quem passa,
Meu loiro?

« E' o rei
Que vai a caça,
Leva trombetas
E caixa.

Ai Jesus,
Que eu vou morrer;
Tanto trabalho
Tão pouco comer!
Parrudo, Parrudo, êccô!
Péga o veado, caçador.
Papagaio
Do sertão,
Come queijo
E requeijão.
Dá me um beijo,
Coração?
Huum, huum...
Como sabe
Beijo da moça
Na bocca do frade!

Papagaio
Rico louro,
Pé de prata,
Bico de ouro,
Dá-me um beijo,
Meu louro.
Papagaio
Já comeu?
Papagaio
Não comeu,
Morreu.

Jogo do Tantanguê e do Pintainho

(Sergipe)

Tantanguê
Sae-te d'aqui,
Vae-te esconder.

Pintainho,
Sola, mingola,
Manda o rei
Que tire fóra.

Jogo do Pintainho

(Pernambuco)

Canivetinho
De Pintainho
Que anda na barra
De vinte e cinco,
De cacho de *fulô*,
De bão, bão, bão,
De bom, bô, bô;
Levanta-te mouro,
Que tu sois fôrro.

Jogo da Carreira

(Rio de Janeiro)

— Laranja da China?
« Tabaco em pó.
— Quem é o durão?
« Sou eu só.
— Olha lá que te pégo.
« Não péga, não.
— Ora bate, coyó.

Jogo da Argolinha

(Paraty)

Uma, duas, argolinhas,
Finca o pé na pampolina ;
O rapaz que jogo faz?
Faz o jogo do capão.
Conta bem, Manoel João,
Conta bem, que vinte são.
Recolhe este pésinho,
Na conchinha de uma mão.
Pé de pilão,
Pé de pilão,
E' de rin-fon-fon,
E' de rin-fon-fon.

Jogo dos dedos

(Sergipe e Pernambuco)

Dedo miudinho,
Seu visinho,
Maior de todos,
Fura-bôlos,
Cata piolhos.
Este diz que está com fome,
Este diz que não tem o quê ;
Este diz vai furtar ;
Este diz que não vá lá,
Este diz que Deus dará.

Jogo da lua nova

A *bença*, madrinha lua,
Dae-me pão com farinha,
Para dar á minha gallinha
Que está presa na casinha...
Chô! gallinha,
Vai p'ra tua camarinha.

Jogo de Varisto

(Sergipe)

— Gente! cadê Varisto?
« Foi p'ra róça.
— Gente, fazer na roça?
« Plantar mandioca.
— Gente, p'ra que mandioca?
« P'ra farinha.
— Gente, p'ra que farinha?
« P'ra dinheiro.
— Gente, p'ra que dinheiro?
« P'ra feitiço.
— Gente, no mundo ha d'isto.

Parlendas

(Pernambuco)

Bão ba-la-lão,
Sinhô capitão,
Na terra do mouro
Morreu seu irmão,

Cozido e assado
No seu caldeirão.
Meio dia,
Panella ao fogo,
Barriga vazia;
Macaco torrado
Que veiu da Bahia,
P'ra dar taponas
Em siá dona Maria.

Outra

(Sergipe, Rio de Janeiro e Pernambuco)

Amanhã é domingo,
Pé de cachimbo;
Gallo monteiro
Pisou na areia;
A areia é fina
Que dá no sino;
O sino é d'ouro
Que dá no bezouro;
O bezouro é de prata
Que dá na mata;
A mata é valente,
Que dá no tenente;
O tenente é mofino,
Que dá no menino;
Menino é valente
Que dá em toda gente.

Outra

Dinglin, dingues, Maria Pires?
Dinglin, dingues, Estou fazendo papa.
Dinglin, dingues, Para quem?
Dinglin, dingues, Para João Manco.
.... Quem foi que o mancou?
Foi a pedra.
Cadè a pedra?
Está no mato.
Cadê o mato?
O fogo o queimou.
Cadê o fogo?
A agua apagou.
Cadê a agua?
O boi bebeu...
Cadè o boi?
Foi buscar milho.
Para quem?
Para a gallinha.
Cadê a gallinha?
Está pondo.
Cadê o ovo?
O padre o bebeu.
Cadê o padre?
Foi dizer missa.
Cadê a missa?
Já se acabou.

Outra

O gato amarrado
Dá para miar;
A boa champanha
Dá para dansar.

Este é o gato
Que pegou o rato,
Que roeu a roupa
Que estava na corda
Que amarrava a bota;
Bota vinho, bota,
Vira, vira, vira!

O Tango-lo-mango

(Sergipe e Rio de Janeiro)

Eram nove irmaus n'uma casa,
Uma foi fazer biscoito;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão oito.

Destas oito, meu bem, que ficaram
Uma foi amollar canivete;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão sete.

Destas sete, meu bem, que ficaram
Uma foi fallar francez;
Deu o taugo-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão seis.

Destas seis, meu bem, que ficaram
Uma foi pellar um pinto;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão cinco.

Destas cinco, meu bem, quo ficaram
Uma foi para o theatro;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão quatro.

Destas quatro, meu bem, que ficaram
Uma casou c'um portuguez;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão tres.

Destas tres, meu bem, que ficaram
Uma foi passear nas ruas;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão duas.

Destas duas, meu bem, que ficaram
Uma não fez cousa alguma;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficara senão uma.

Essa uma, meu bem, que ficou
Metteu-se a comer feijão;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Acabou-se a geração.

Adivinhas

Caixinha de bem querer,
Todos os carapinas
Não sabem fazer?

(*O mandubim*)

Casa caiada,
Lagôa agua.

(*O ovo*)

Garças brancas
Em campos verdes,
Com o bico n'agua
Morrendo a sêde

(O *navio*)

NOTA INDISPENSAVEL

A presente edição dos *Cantos Populares do Brasil* differe consideravelmente da primeira, apparecida em Lisboa ha alguns annos já.

Além de termos completado algumas canções que naquella occasião tinham sahido incompletas, expungimos do livro alguns enxertos que lhe haviam sido postos pelo editor portuguez.

Quem comparar as duas edições se convencerá do que affirmamos.

O natural commentario critico d'este livro acha-se em nossos *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira* publicados por Laemmert & C. em 1890.

Por alli se verá que a mór parte dos romances, xacaras, cheganças, reisados e canções varias que aqui se encontram são cantados, são acompanhados de musicas muito expressivas e repetidos em festas e folguedos muito originaes. N'aquelle citado livro analysamos com minudencia muitas d'essas folganças e dêmos d'ellas uma idéa que nos parece ainda hoje assás completa. Estudamos então os diversos escriptores nossos que se tinham occupado do *folk-lore* nacional, a saber: Celso de Magalhães, José de Alencar, Couto de Magalhães,

Carlos de Koseritz e Araripe Junior. Nosso livro foi escripto em 1879 e publicado n'aquelle anno na *Revista Brasileira*. Não apparece n'elle o nome de nosso dedicado amigo Dr. Mello Moraes Filho, porque este illustre poeta nacionalista até então não se tinha ainda occupado d'estes assumptos, de que hoje é incontestavelmente o mais apaixonado cultor. O lado descriptivo é a sua especialidade. Provam-no as suas *Festas e Tradições Populares do Brasil*, as suas *Festas do Natal*, e o seu estudo sobre os *Ciganos*, além de varios escriptos avulsos que andam nas paginas dos jornaes. Pedimos-lhe que descrevesse algumas das folganças de nossa terra natal, fornecendo-lhe nós as notas oraes precisas.

Acquiescendo elle, deu-nos os quadros das *Santas Missões*, da *Festa de São Benedicto*, da *Procissão para pedir chuva* e da *Chegança dos Marujos*. Pedimos-lhe permissão para inserir aqui esta ultima, como amostra do que são nossos festejos populares em o norte do Brasil.

Eil-a :



Chegança dos marujos

(*Sergipe*)

«Na antiga provincia de Sergipe, quem vinha de Itapuranga, Simão Dias, Estancia, Riachão ou Itabaianinha, paragens que lá se perdiam de pontos differentes e remotos, lubrigava um planalto que recebia os reverberos crepusculares, como uma salva de prata e de esmeraldas os reflexos de ouro dos candelabros de um festim.

Sobre essa encantadora esplanada a egreja da matriz elevava suas torres alvissimas como dous cysnes que se levantassem do ninho, uma cintura de casinhas brancas alargava-se-lhe em torno, no centro da praça um cruzeiro se erguia impassivel, e parte das ruas da localidade derivavam desse centro, á semelhança de grossos fios de lã escura que se escapassem de entre os dedos do tecelão em trabalho.

E sabeis que lugar era aquelle e o que constitue o mais bello florão de sua gloria ?

— Eu vol-o direi : era a villa sertaneja do Lagarto o berço natalicio de Sylvio Roméro. o homem que illustra com seu nome a sua terra e exorna de talento e erudição as paginas da historia litteraria de seu paiz.

Durante as festas do Natal, como nas demais povoações de Sergipe, a villa do Lagarto ostentava-se percorrida por *ternos* de Reis, por essas agremiações de rapazes e raparigas do povo, que executavam cheganças e reisados, aqui e alli, encontrando-se ao acaso dous e mais ranchos no mesmo ponto, inesperadamente.

Tomando de preferencia Sergipe para theatro dos *Marujos* escolhemos o meio termo geographico dos nossos costumes, por isso que o verdadeiro mestiçamento alli transparecia mais nitido, embora ainda em luta com o elemento europeo, que afinal o vencia em toda a linha.

Em tudo differentes das cantatas de Reis e dos bailes pastoris, composições regulares da poesia culta, os reisados e cheganças exprimem melhor a transformação do genero poetico, de accôrdo com elementos novos, dando-lhes feição verdadeiramente popular.

A chegança dos *Marujos* são pequenos quadros da navegação portugueza dos seculos XVI e XVII, episodios pittorescos da vida daquelles marcantes, em busca de terras para o rei e de glorias para a patria, resultando logo em começo o espirito religioso do lusitano intrepido nas aventuras do oceano e das conquistas.

Transplantado para o Brasil este *auto* e o dos *Mouros*, na Bahia e em quasi todo o norte ; o povo os assimilou de preferencia nos logares mais atrazados e incultos.

Conservando o fundo da tradição, a fórma das representações e as variantes dos textos se foram alterando, o que lhes confere em nosso *folk-lore* physionomia original e brasileira.

No Lagarto os *Marujos* figuravam infalliveis nesse periodo de festas religiosas e profanas, de expansões intimas, nas habitações campesinas, onde a felicidade e a abundancia reinavam em sua serenidade primitiva e absoluta.

Segundo usanças tradicionaes, a praça da Matriz nunca deixou de ser o objectivo dos foliões do Natal, mesmo porque, para acolhel-os, não faltava pessoal enthusiasta, desde que os primeiros cordões se annunciavam com rufos de caixas de guerra (chegança dos Mouros), ou trilos de apitos e sons de instrumentos diversos á frente da turma dos *Marujos*.

Até noite adiantada as casas illuminadas conservavam as portas abertas para recebêl-os, sendo variadissimos os *ternos* que cruzavam em direcções multiplas.

E, precedendo multidão numerosa, agitando archotes accesos, a marujada avulta com tocatas de violão, flauta, viola, rabeca, etc., encaminhando-se para uma casa abarracada, cujas janellas se apinham de gente que se atropella para vêl-a.

No grosso do *terno* um naviosinho, trazido ao hombro por individuos fantasiados á maruja, ondula o mastro no ar afogueado; um panno de vela, enrolado, divisa-se alvejante e extenso, conduzid por alguns, e as principaes personagens do grupo doenham-se com mais saliencia, parando defronte da casa a que se destinam.

Esclarecido pelos fachos de resina, que ardem, o Capitão detaca-se com sua farda agaloada, seguido de uma guarda de soldados; o Gageiro, o Piloto e Contramestre caminham após, fechando o prestito vinte ou tirnta rapazes vestidos á marinheira, que fazem côro e executam as manobras da chegança.

Antes de entrarem a musica toca, os marujos collocam o navio sobre dous cavaletes, ao relento, e, transpondo a sala, o Capitão dá um signal de apito, ao que

as pessoas da casa abrem espaço para as evoluções das scenas e os figurantes do *auto.*

E, todos em côro, brandindo espadas, sapateando, marchando e contra-marchando, cantam, adiantando-se galhardamente.

TODOS

Entremos por esta nobre casa,
Alegres louvores cantando,
Louvores á Virgem Pura,
Graças a Deus Soberano.

Variando o tom da musica, o Contra-mestre entôa uma saudação, suspendendo o chapéo de palha, balançando com o corpo, imitando o jogo de bordo.

CONTRA-MESTRE

Olhem como vem brilhando
Esta nobre infantaria!
Saltemos do mar em terra,
Ai, ai!... festejar este dia.

Emquanto os circumstantes ouvem attentos e alegres este fragmento, os personagens importantes do *auto* occupam o centro do salão; sentando-se no soalho, a um lado, a tripolação, que desdobra a vela e a cose.

Nesse momento trava-se uma resinga, queixando-se o Contra-mestre ao Piloto de uma diabrura do Gageiro, que perdera a agulha, entabolando-se desde logo um dialogo dançado e cantado, replecto de animação e de effeito scenico.

PILOTO

Sem mais demora,
Meu gageiro preso já,
Para elle me dar conta
Da agulha de marear.

GAGEIRO

Senhor piloto,
Se promette me soltar,
Eu já lhe darei conta
Da agulha de marear.

PILOTO

Sem mais demora
Meu gageiro solto já,
Que elle já me deu conta
Da agulha de marear.

GAGEIRO

Graças aos Céos
De todo meu coração,
Que estou livre dos ferros,
Bailando neste cordão.

Esta scena prosegue calorosa, augmenta de diapasão, ao ultimo verso do Piloto, pondo em acção o seu dizer.

PILOTO

Esta resinga
Não se ha de acabar,
Sem no fio desta espada
Nos havermos de embraçar.

E as espadas relampeam tinindo, a briga recomeça, os instrumentos vibram mais alto, esvaindo-se pouco a pouco a contenda ás primeiras notas da melancolica barcarola dos marujos concertando o panno.

TODOS

Triste vida é do marujo;
Qual dellas a mais cançada?...
Que pela triste soldada

Passa tormentos,
Passa tormentos...
Don don...

Estabelecida a calma entre os interlocutores, os navegantes simulam seguir mar em fóra, ao tom da deliciosa melopéa dos marujos que trabalham, em busca da Jerusalem brasileira, da metropole das tradições nacionaes, da Bahia, emfim.

Concluida essa canção nautica, lamentosa como os cantos de Alcyão, o Contra-mestre assesta o oculo, devassa os horisontes e canta, dirigindo a manobra.

CONTRA-MESTRE

Virar, virar, camaradas,
Virar com grande alegria,
Para ver se alcançamos
A cidade da Bahia.

Antes de findar este acto, a marinhagem conduz para o salão o navio que ficára lá fóra, colloca-o sobre os cavalletes, devendo esta mutação assignalar a segunda parte da chegança de véras victoriada no correr precipitado da acção.

Em frente ao navio nas calmarias do mar, o Capitão e o Gageiro, que suppõem-se embarcados, tomam-se de assombro, julgando-se perdidos; aquelle adianta-se, a musica da *Náu Catharineta* faz-se ouvir ao côro dos personagens da peça e da maruja, que enrola o panno e prorompe.

TODOS

Faz vinte e um annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho,
Oh! tolina!

Para de noite jantar.
A sola era tão dura
Que a não pudemos tragar.
Foi-se vendo pela sorte
Oh! tolina,
Quem se havia de matar,
Logo foi cahir a sorte
Oh! tolina,
No capitão general.

A estas palavras do canto, o Capitão inquieta-se, agita-se, chamando o Gageiro, que acode á pressa, obedecendo-lhe ao mando.

CAPITÃO, *cantando.*

Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Oh! tolina,
Areias em Portugal.

O Gageiro, menino agil, galga o mastro, pende o corpo, põe a mão sobre a testa, atirando longe o olhar, e responde, aterrado, n'um cantar suave e dolorido.

GAGEIRO

Não vejo terras de Hespanha,
Areias em Portugal.
Vejo sete espadas núas,
Oh! tolina,
Todas para te matar.

O capitão, abandonado á sorte, alenta, entretanto, uma esperança pallida; ordena ao Gageiro que suba mais alto no verso que segue.

CAPITÃO

Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real;
Olha p'ra estrella do norte,
Oh! tolina,
Para poder nos guiar.

Pendurado no tôpo da verga, o Gageiro mostra-se desta vez alegre e radiaute de felicidade, descortinando a scena que narra, á toada dessa musica tradicional, que o nosso povo assimilou dos conquistadores portuguezes.

GAGEIRO

Alvistas, meu capitão
Alvistas, meu general,
Avistei terras de Hespanha,
Oh! tolina,
Areias em Portugal.
Tambem avistei tres moças
Sentadas n'um parreiral,
Duas cosendo setim,
Oh! tolina,
Outra calçando dedal.

Ao que o capitão responde com expansão, erguendo o braço, firmando a voz.

CAPITÃO

Todas tres são minhas filhas,
Ai, quem m'as dera abraçar!
A mais bonita de todas,
Oh! tolina,
Para comtigo casar.

GAGEIRO

Eu não quero sua filha
Que lhe custou a crear,
Quero a *Náu Catharineta*,
Oh! tolina,
Para nella navegar.

O Capitão, nas abundancias d'alma, na generosidade fidalga, insiste em offertas ao Gageiro que salva-lhe a vida com a boa nova de terra, ao que este continúa, recusando, em dialogo harmonioso e de expontanea poesia.

CAPITÃO

Tenho meu cavallo branco,
Como não ha outro igual;
Dar-tel-o-hei de presente,
Oh! tolina,
Para nelle passeiar.

GAGEIRO

Eu não quero seu cavallo
Que lhe custou a crear;
Quero a *Náu Catharineta*
Oh! tolina,
Para nella navegar.

CAPITÃO

Tenho meu palacio nobre,
Como não ha outro assim,
Com suas telhas de prata,
Oh! tolina,
Suas portas de marfim.

GAGEIRO

Eu não quero seu palacio
Tão caro de edificar,
Quero a *Náu Catharineta*
Oh! tolina,
Para nella navegar.

Pondo o remate a este romance de uma belleza admiravel, cuja musica imitativa se dissera um canto de nautas por mares desertos, o capitão accede ao que lhe pede o Gageiro, que obediente e rapido se arria do mastro.

CAPITÃO, *cantando*

A *Náu Cath'rineta*, amigo,
E' d'El-Rei de Portugal,
Ou eu não serei quem sou,
Oh! tolina,
Ou El-Rei te hade dar.

Desce, desce, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Já viste terras de Hespanha,
Oh ! tolina,
Areias em Portugal. (1)

A este theatral desfecho, as familias, os numerosos espectadores palmejam, applaudem vivamente o tradicional espectaculo ; os marujos repetem em côro, como no principio, «Faz vinte e um annos e um dia», suspendem o navio, preparando-se para sahir.

Era esta a catastrophe tragica da *Chegança dos Marujos*, que findava com versos geraes de despedida, manejo de espadas, cantos e danças, tocando após em retirada os foliões ambulantes, a *troupe* sertaneja do Lagarto que ia mais longe reproduzir o seu apparatoso *auto*.

E um granizo de fogo dos archotes aclarava o ar nocturno das estradas, perdendo-se no além o rancho que cantava, precedido de musica e seguido da multidão.»

—

Quadros, como este, descripto por Mello Moraes Filho, poder-se-iam multiplicar e teriamos então a representação nitida da poesia popular em acção.

Janeiro de 1897.

SYLVIO ROMÉRO.

---

(1) Sylvio Roméro, *Cantos Populares do Brasil*.

OBSERVAÇÃO

Previne-se que na pagina 76 d'este livro existe um engano de numeração, que, porem, nada altera ou prejudica o texto da obra.

E' um simples lapso, aliás sanado pela numeração das folhas typographicas.

INDICE

PRIMEIRA SERIE

Romances e xacaras

PAGS.

QUARTA SERIE

Orações e parlendas

